



ALEF PERETZ



*Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico*

KAMYLLA GONTIJO DE MELO.

EVASÃO ESCOLAR E A DESUMANIZAÇÃO: UM ESTUDO À LUZ DO
PENSAMENTO DE PAULO FREIRE.

SÃO PAULO

2022

EVASÃO ESCOLAR E A DESUMANIZAÇÃO: UM ESTUDO À LUZ DO
PENSAMENTO DE PAULO FREIRE.

Kamylla Gontijo De Melo

E-mail: kamylla.melo@alefperetz.org.br

Telefone: (11)94234-9645

Orientador: Dr. Ednilson Aparecido Quarenta

E-mail: ednilson.q@alefperetz.org.br

Telefone: (11) 99236-5105

EVASÃO ESCOLAR E A DESUMANIZAÇÃO: UM ESTUDO À LUZ DO
PENSAMENTO DE PAULO FREIRE.

Trabalho monográfico apresentado como requisito final do segundo semestre, orientado pelo curso de síntese do colégio Alef Peretz- Paraisópolis do segundo ano do Ensino Médio, para ser finalizado no ano letivo de 2021. Houve uma continuação da pesquisa com incentivo da CNPq para nova apresentação na Mostratec 2022 e demais feiras. Orientador: Prof. Dr. Ednilson Aparecido Quarenta.

São Paulo, 10 de outubro de 2022

Ednilson Aparecido Quarenta

SÃO PAULO

2022

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória até o momento, responsáveis pela minha formação e incentivo de buscar mudar o mundo com o conhecimento, fazendo encantar-me pela profissão; e principalmente dedico à minha mãe, mulher que me fez viajar pelo universo da leitura desde sempre, e inteiramente responsável pela boa pessoa que sou hoje e que serei amanhã; agradeço também a ela por buscar sempre ter paciência com meus longos momentos entregues ao trabalho.

Agradecimentos:

Ao Prof. Dr. Ednilson Aparecido Quarenta, que foi a alma deste trabalho, acolhendo a pesquisa na fase inicial, me guiando ao ilustre Paulo Freire. Pela atenção para que avançássemos e chegássemos cada vez mais longe, trazendo-me conhecimento e paixão pela área da educação e História. Seus ensinamentos e orientações me formaram, tornando-se para mim um admirável mestre. Suas canções no Trio Porão guiaram as noites de escritas e leituras.

Às minhas irmãs, Michelly e Luisa, por adiarem as partidas de xadrez e brincadeira, e ao meu pai, Maicon Jackson, pelas ideias extraordinárias e fora de nosso tempo.

A toda a minha família por dividir a ansiedade do futuro no presente, em especial minha avó, Didinha.

Ao diretor Rogério Giorgion, pelas orientações e tempo dedicado para assistir aos ensaios.

A Prof^a. Rosilene Pereira, por abrir caminhos sempre que necessário na Escola Estadual Prof. Flávio José Osório Negrini e aos diretores, coordenadores, professores e alunos das escolas públicas que visitei.

A Prof^a. Amanda Oliveira Calazans, pelo auxílio na elaboração do programa e nas inúmeras dúvidas em matemática para construção do Indicador.

A Prof^a. Dra. Ana Cristina Fazza, pelo auxílio na elaboração da planilha de Excel e suas fórmulas para construção do programa de Indicador, além da orientação sobre análise de dados.

A Laís Fernandes Poza, Camila Matias dos Santos e Ariel Roemer por toda orientação e carinho para participação nas feiras científicas e na formatação do trabalho.

Por fim, a Escola Alef Peretz, coordenadores, professores, amigos e funcionários por acreditarem que a mudança de um mundo melhor pode existir dentro das periferias através da emancipação do pensar crítico e da educação. Obrigada pelos caminhos abertos que me proporcionaram conhecer o mundo.

As pessoas educam para a competição e esse é o princípio de qualquer guerra. Quando educarmos para cooperarmos e sermos solidários uns com os outros, nesse dia estaremos a educar para a paz.

Maria Montessori.

RESUMO:

Esta pesquisa se trata de uma análise e reflexão sobre a problemática da evasão escolar atualmente, buscando encontrar outros caminhos que possam colaborar para a não permanência do aluno em sala de aula.

O conhecimento é puramente humano, e quando o jovem não passa pela experiência escolar, ele não completa seu processo de humanização. Nesse sentido, a evasão escolar - termo que designa ao processo em que o aluno deixa de fazer parte da escola - impede esse processo de humanização. E por esse fato, é preciso uma grande atenção ao impasse que foi refletido por Paulo Freire em sua tese escrita em 1967, mas que se mantém contemporânea: a desumanização através da educação bancária.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi lido e refletido sobre a educação e números de evasão escolar no Brasil que nos mostram a importância de darmos evidência à problemática. Não só, como um mapeamento do artigo de Paulo Freire aplicada à contemporaneidade foi de extrema relevância. Seu artigo "Papel da educação na humanização" serve como objeto de pesquisa do trabalho. Fizemos um estudo relacionando e citando diversos outros educadores e autores, fazendo um cotejamento de ideias entre eles e Paulo Freire. A partir disso, chegamos a conclusões sobre a tremenda importância dos estudos para a vida do jovem, formando seres capazes de serem ativos no mundo.

É preciso que busquemos novamente o sentido da educação para os alunos. Quando o aluno decide seguir o processo de evasão escolar, quer dizer que a escola possui outros significados que não são mais tratados como prioridade em sua vida.

Espera-se encontrar por meio da análise da tese do Paulo Freire escrita em 1967, uma contemporaneidade que nos proporcione visualizar meios de solucionar a evasão escolar através de um de seus problemas específicos: a desumanização do aluno em sala de aula. Refletir sobre a educação e seus respectivos papéis e responsáveis tem o objetivo de transmitir ao leitor uma maneira diferente de ver a educação. Não só, como trazer argumentos

concretos de que a desumanização é responsável como causa e consequência da evasão escolar, trazendo em pauta a tremenda importância de buscarmos resolver o problema da desumanização na educação bancária ainda presente no sistema educacional. Logo, a partir de toda a reflexão e estudo durante o trabalho, chega-se à conclusão de uma hipótese criada como uma possível “atualização” da tese de Paulo Freire: “a sistematização da concepção de educação bancária: categoria D1/D2”.

Não só, mas mostrou-se necessário uma análise quantitativa dos dados de evasão escolar, chegando-se à ideia de que existe um processo de subnotificação dos dados de evasão escolar no período de crise do Covid-19 que impedem uma análise clara e precisa da evasão escolar nos últimos dois anos. Formulamos um Protocolo de Prevalência para Atenção à Evasão Escolar (PPAEE) baseado no SAP, no estudo do conceito de “Capital” de Pierre Bourdieu, e nos dados sobre os motivos de evasão escolar do documento do UNICEF (2022), aplicado diretamente no momento da matrícula do aluno na escola.

PALAVRAS-CHAVES:

Educação, evasão escolar e desumanização.

SUMÁRIO:

1. Introdução.....	09
1.1 Objetivos.....	09
1.2 Problemas.....	10
1.3 Hipóteses.....	11
2. Metodologia.....	13
3. Referencial Teórico.....	15
3.1 Buscando entender a educação, seus papéis e respectivos responsáveis	15
3.2 A educação e o <i>Homo sapiens</i> : desde nossos antepassados mais distantes até agora.....	20
3.3 A importância da escola em um olhar sociológico.....	24
3.3.1 Os males da educação para Rousseau.....	27
3.5 Refletindo sobre a evasão escolar: fracasso do aluno ou do sistema de ensino?	31
3.6 A Constituição corroborando com a permanência do aluno na escola.....	34
3.7 Evasão escolar: números e analfabetismo	37
3.8 Demais causas da evasão escolar.....	53
3.8.1 Motivos dos casos de não frequência escolar de acordo com a plataforma Busca Ativa Escolar 2022.....	55
3.8.2 Questões ligadas à saúde (pessoas PCDs e com algum problema de saúde que dificultam ou impedem a frequência escolar).....	56
3.8.3 Evasão escolar por questões ligadas à violência.....	59
3.8.4 Evasão escolar por desinteresse.....	62

3. 8. 5 Ensino pouco estimulante: a falta de infraestrutura e má remuneração do corpo docente como caminho para a educação bancária.....	63
3.8.6 Evasão por atraso escolar.....	68
3.8.7 Evasão na questão socioeconômica.....	70
3.9 Abandono e evasão escolar: o processo de desumanização segundo Paulo Freire	74
4. A emancipação do pensar buscando novamente o significado da escola ao aluno	89
5. A crise da educação na pandemia de Covid-19 e a desumanização.....	93
6. Resultados e Conclusões	92
6.1 A evasão diretamente ligada a desumanização: “Concepção de Educação bancária D1/D2”	92
7. Concretizando o estudo: estruturação de um Protocolo de Prevalência para Atenção à Evasão Escolar (PPAEE).....	99
7.1 Estudo e análise do SAP (Sistema de Alerta Preventivo) do Ministério da Educação.....	99
7.2 Entendendo o decreto que apoia as políticas de recuperação da aprendizagem da Educação Básica no Brasil.....	101
7.3 O processo da matrícula como forma de vínculo família-escola.....	105
7.4 Reestruturação de um Protocolo de Prevalência para Atenção à Evasão Escolar (PPAEE).....	111
7.4.1 Fundamento teórico para elaboração do Indicador de Prevalência para Atenção à Evasão Escolar.....	114
7.4.2 Parâmetros quantitativos para a formulação da porcentagem de probabilidade de evasão escolar por fator de risco.....	119
8. Referências bibliográficas	125

1. INTRODUÇÃO:

1.1 Objetivos:

Este trabalho tem o objetivo de analisar, refletir e indagar questões ligadas à educação, dando maior ênfase nos pontos que levam à evasão escolar. Busca-se encontrar outros caminhos ainda não tratados que possam levar ao processo de evasão escolar, com o intuito de ao ter conhecimento sobre essa “alavanca” da evasão, evitá-la.

É necessário que busquemos maneiras de diminuir os números que há de crianças e adolescentes fora da escola como um processo de humanizá-los, tornando uma sociedade cada vez mais rica em conhecimento e cultura. Não só, mas criar uma sociedade com pessoas, não com objetos. Para tanto, estabelecemos como balizamento a tese de Paulo Freire "Papel da educação na humanização", escrita no contexto do período de 1967.

Refletir a relação que há de professor e aluno nos tempos atuais, e indagar referente a desumanização do aluno - ponto discutido por Paulo Freire em um de seus escritos que são objeto de estudo para este trabalho- ao abandono absoluto da escola, serão questões importantes e centrais tratadas ao decorrer do texto, além de apresentar argumentos em amplas áreas do conhecimento sobre a importância da escola na vida do jovem para sua formação.

Relacionar esse “desumanizar” do aluno fora da escola com o período atual em que estamos vivendo: a quarentena sem fim do vírus que devastou o cotidiano de muitos no mundo todo: Covid-19. Vivemos em um momento histórico, e devemos fazer dele um momento possível de se viver, mesmo que seja de maneira atípica. O sistema não estava preparado para as mudanças radicais da qual está sofrendo, e devemos esclarecer as questões que impedem que a sociedade brasileira tenha acesso à educação, e por fim, ser humanizada. Apresentar os impactos da pandemia para a formação social do aluno com relação ao distanciamento dele para com a escola estarão presentes ao longo do trabalho.

Entender o que causa a evasão escolar, ou seja, essa barreira que se forma entre o aluno e a escola, é tentar encontrar caminhos para solucionar diversos problemas e possibilitar um mundo com pessoas capacitadas em diversos âmbitos para conviver em sociedade, dentro de uma empresa, a cumprir com as suas responsabilidades, dentre outros, desenvolvendo um mundo cada vez melhor. E querer buscar meios de reduzir essa barreira entre escola- aluno, é humanizar os jovens, é ensinar a viver, é tornar pessoas capazes de muitas coisas graças às suas experiências dentro do ambiente escolar que fornece milhares de “lentes” que permitem a leitura do mundo por diversas formas.

Para efetivar todo o presente estudo, estabeleceu a elaboração de um Protocolo de Prevalência para Atenção à Evasão Escolar (PPAEE), com o intuito de apresentar porcentagens que esclareçam as chances de um aluno evadir, a fim de evitar antes do início do ano letivo.

1.2 Problemas:

Por que os números da evasão escolar ainda seguem em porcentagens altas? Será questões no método de ensino? Problemas externos à escola que a atinge de maneira indireta? Se temos discernimento da maioria dos causadores da evasão escolar, o que mais colabora para que ela ainda seja um impasse na educação brasileira de modo tão significativo até os dias atuais?

A evasão escolar é um problema presente dentro do sistema educacional desde que se deu início ao processo de escolaridade pública, ou seja, com o objetivo de acesso à educação para toda a população. No Brasil, esse processo foi muito tardio pelo nosso histórico de quem realmente era considerado cidadão e teria acesso ao conhecimento. Os números de estatísticas corroboram com a afirmação quando vemos que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nos apresenta que a maioria dos jovens que estão fora da escola são pessoas negras e de baixa renda. A elite era quem tinha o preparo intelectual, criando assim, uma segregação sobre quem teria acesso à humanização e quem não.

Quando o aluno está fora da escola, ele está fora de um círculo de convivência com inúmeras pessoas de sua faixa etária. Estar na escola é

primordial, pois te introduz no mundo adulto, já que é nesse momento da vida que se forjam as relações sociais. É na escola que aprendemos a trabalhar em grupo, conviver com diferentes pessoas com personalidades e visões de mundo diferentes da nossa, é entender outras percepções, é aprender e levar para a vida de que não somos sozinhos e únicos no planeta, e que se é necessário aprender a conviver com os demais. Não só, mas também prepara o aluno a ter responsabilidades, respeito com opiniões distintas, saber conviver com o diferente e muitos outros aspectos e habilidades trabalhadas na escola que são fundamentais para a formação de um jovem para o mundo adulto e um cidadão ativo e transformador para a sociedade.

Percebeu-se a ausência de uma ferramenta que pudesse evidenciar alunos com prevalência a evadir que colaborasse para a elaboração de ações preventivas à evasão.

1.3 Hipóteses:

A princípio, a ideia central para o trabalho era a busca por entender mais sobre a psicologia da educação com o objetivo de encontrar um caminho que colaborasse com a redução da evasão escolar. Tenho interesses em momentos futuros, fazer uma pós-graduação em psicopedagogia, e dar aulas de história, mas com uma visão diferente para os alunos e da maneira como darei aula, ou seja, o método pedagógico. Quero buscar mais qualidade para o ensino, incentivando cada vez mais as crianças a quererem buscar conhecimento. Como frase que levo para a vida: busque ser rica em conhecimento, pois é a única coisa que ninguém irá te tirar. Acredito, assim como Paulo Freire, que a educação pode transformar o mundo a partir das pessoas, mas apenas se essas forem humanizadas, o que implica na necessidade de uma educação que liberte o pensamento crítico e a subjetividade de cada indivíduo.

Ao longo das pesquisas, me deparei com caminhos diferentes que me levaram a seguir um trabalho um pouco diferente do planejamento inicial, me distanciando da psicologia da educação: a tese de Paulo Freire, que é objeto de pesquisa desta monografia, juntamente a escritos e reflexões de diversos outros autores e de amplas áreas do conhecimento.

Assim, alcancei a seguinte hipótese baseada no pensamento do educador Paulo Freire e diversos outros autores: a desumanização do aluno feita a partir da educação bancária em sala de aula é uma das causas e consequências da evasão escolar, sendo necessário que olhemos para essa “alavanca” de impasse para a humanização da população a partir da educação.

Logo, a desumanização imposta em sala de aula pelo professor quando se despreza o conhecimento interno de cada aluno, faz com que se perca o sentido de estar na escola, e o aluno acabe seguindo o caminho da evasão escolar. Esse afastamento da escola provoca uma desumanização cada vez mais intensa no aluno, pois estará se afastando da base de formação de um cidadão com visões extensas sobre a realidade em sua volta. Assim, é de suma importância que analisemos mais esse impasse que colabora com a existência da evasão escolar no Brasil até os dias atuais.

Tal proposta de hipótese traz à tona a tese de que Paulo Freire se torna completamente contemporâneo à problemática da evasão escolar atualmente, à medida que os dados de evasão apontam um motivo relevante e de maiores casos: o desinteresse.

Que esta monografia não seja apenas um trabalho escolar, mas que seja útil para educadores e muitos outros pensarem na ideia de educação a partir deste texto. A carência de trabalhos publicados que relacionasse a evasão escolar como um ato de desumanização do indivíduo e que a desumanização em sala leva ao processo de evasão deu-me mais incentivo e interesse em escrever sobre e buscar cada vez mais, principalmente com o contexto de uma pandemia, que engrandeceu a barreira de escola-aluno, fazendo crescer absurdamente o número de jovens fora do ambiente escolar, ou conectado de alguma maneira com a escola.

Acreditar na educação implica em uma ação de humanizar pessoas, tornando-as capazes de serem ativas nas mudanças do mundo, o transformando em um lugar cada vez melhor.

A elaboração de uma ferramenta que evidencie alunos com maior prevalência a evadir pode mitigar os casos de evasão escolar com a construção de políticas públicas internas e externas à escola.

2. Metodologia:

Trabalhamos com um tipo de pesquisa bibliográfica. Para iniciar o estudo, foi de suma importância entendermos a educação e a relação da família com a escola para a formação do indivíduo. Logo, fomos a fundo entender de onde surgiu a educação, por que ela é algo puramente humano? Qual a razão de ser necessário tratar a educação como algo humano? Com ela, vamos para um dos principais questionamentos que deu origem ao estímulo de realizar um trabalho com esse tema: por que há tantos alunos que odeiam estar na escola e poucos que amam o ambiente e as relações? Qual o sentido de muitos não sentirem prazer em entender o mundo a sua volta, fazendo com que a escola e a educação se torne um projeto de segundo plano em sua vida? Assim, seguimos à busca de entender sobre a evasão escolar e chegamos em seus dados pelo IBGE, INEP e a plataforma do Busca Ativa Escolar, deixando claro a importância que devemos dar a esse problema urgentemente. Temos consciência dos diversos fatores que podem acarretar a evasão, porém, por que mesmo sabendo deles, ainda não encontramos uma significativa redução? A partir disso, buscamos encontrar outras causas que levam a esse processo, chegando à tese de Paulo Freire, onde dela chegamos a conclusão de que a desumanização do aluno em sala é uma das causas e consequência da evasão escolar. Essa desumanização se dá a partir do processo de educação bancária dentro de sala de aula, fazendo com que a escola perca o seu real sentido ao aluno, já que ele se tornou um ser passivo da educação. O mapeamento e, conseguinte, o cotejamento de ideias com outros autores foi fundamental para interpretar o artigo de Paulo Freire escrito em 1967. Assim, sendo possível chegar ao resultado da conclusão que se deu após a análise de todo o processo, denominada de “concepção da educação bancária: categoria D1/D2”. Nela, entendemos de modo sistemático de que a educação bancária em sala de aula leva a um caminho de desumanização (D1) do aluno, dito pelo educador Paulo Freire, e com ela, passe a seguir o caminho da evasão, onde passará por um processo cada vez mais radical de desumanização (D2), quando agora se encontra cada vez mais distante do conhecimento, portanto, longe de sua completude como um ser de busca. Não só, como encontra-se a necessidade de uma análise quantitativa dos dados da

evasão escolar anterior e posteriormente a pandemia do Covid-19 para corroborar com a afirmação de que Paulo Freire se mostra contemporâneo na problemática da evasão escolar atualmente.

A metodologia para a segunda fase da pesquisa seguiu um fluxo de estudo de campo, visitando escolas públicas da região de Paraisópolis e Campo Limpo- SP para compreender sobre o processo de matrícula do aluno no Ensino Médio. Aplicamos um questionário piloto aos alunos para justificar a efetividade do Indicador de Prevalência. Os dados do UNICEF sobre evasão escolar serviram de baliza para a construção do Protocolo de Prevalência.

3. Referencial Teórico:

3.1 Buscando entender a educação, seus papéis e respectivos responsáveis:

A educação, há tempos, é um tema muito polemizado em relação se é boa ou ruim, o que deve mudar ou acrescentar para uma melhor qualidade dela, e muitos outros fatores das quais estão no palco de discussões há décadas. Porém, para se iniciar um estudo ou debate sobre qualquer quesito relacionado à educação, é preciso que tenhamos discernimento profundo sobre essa pequena palavra tão usada, e até vermos ela com outros olhos a partir de reflexões a respeito, para que tais debates levem a caminhos concretos e eficientes.

A palavra “educação” possui sua etimologia do latim *educatio*. É uma palavra vista de duas maneiras de acordo com o dicionário *Michaelis*:

1- Processo que visa ao desenvolvimento físico, intelectual e moral do ser humano, através da aplicação de métodos próprios, com o intuito de assegurar-lhe a integração social e a formação da cidadania. 2-Conjunto de métodos próprios a fim de assegurar a instrução e a formação do indivíduo; ensino. 3- Conhecimento, aptidão e desenvolvimento em consequência desse processo; formação, preparo.

Assim, possuímos dois contextos para a palavra: a educação relacionada aos modos como um indivíduo se comporta dentro de uma sociedade, sendo essa estabelecida pela criação do mesmo, normalmente desenvolvida desde os anos iniciais do ser; e a educação relacionada ao ensino, sendo passada normalmente no ambiente escolar a partir do estudo sobre certas faculdades. Ela é desenvolvida juntamente a um educador/professor que irá ensinar, ou como é comumente dito, educar intelectualmente o indivíduo. De certo que a educação dada na escola pode influenciar o modo como o indivíduo se comporta, mas quem terá esse ofício de caracterizar esse comportamento do indivíduo dentro da sociedade será a família e responsáveis, ou seja, o meio em que vive.

Porém, verifica-se atualmente a ausência da separação dessas obrigações. A família quer que a escola cumpra com o papel de “educar” intelectualmente e moralmente o jovem, mas não dá a permissão para a escola educá-lo moralmente da maneira que acham correto. A escola não possui esses direitos. O professor não pode chamar a atenção de um aluno da maneira que lhe parecer mais eficiente.

Vemos mais casos de pais brigando com os professores a respeito das notas do filho, do que os pais tentando entender o motivo do filho estar tendo aqueles resultados. O educador não é mais visto como uma imagem de acatamento, porque não mais é ensinado isso ao aluno pelos seus responsáveis (deixando claro de que é preciso uma boa relação entre professor e aluno, não apenas do aluno. A sala de aula não deve se resumir em um falar e o outro escutar, afinal, não estamos falando sobre doutrinação, e sim em educação humana). E mesmo se a escola tivesse esse direito de educar o aluno da maneira que lhe achar mais eficiente, não é o papel da escola. O professor não deve ser visto como um substituto do pai ou da mãe durante aquele tempo em que o aluno está na escola.

Mário Sérgio Cortella, escritor, filósofo e educador brasileiro diz sobre essa separação e a diferença da educação em casa e na escola em uma entrevista para o programa *EPC da "Rádio Catve"*:

[...] Muita gente confunde educação com escolarização. Educação é a formação de uma pessoa. Escolarização é um pedaço da educação. O que nós, professores, fazemos é a escolarização.

Nessa fala, Cortella especifica a educação que é ligada a sala de aula. É uma maneira diferente de dizer e especificar referente a educação dada em sala de aula, mesmo que se mantenha a utilização da palavra “educação” para se referir ao mesmo por diversos educadores e profissionais da área, é importante conhecermos outras variações para um mesmo termo. Na mesma entrevista, Cortella segue dizendo sobre o papel da família na formação do jovem:

Outro dia, num debate, um pai me perguntava: 'professor, o que é que a família pode fazer para ajudar a escola na educação dos nossos filhos?'. E eu disse: 'olha, pai. Há uma inversão na tua questão. Não é a família que ajuda a escola na educação dos seus filhos. É o contrário, é a escola que ajuda a tua família na educação dos teus filhos fazendo escolarização. [...] A tarefa de educação dos filhos é da família, e do poder público de forma secundária. Por isso, se a família não cumpre aquilo que ela precisa cumprir, a escola não dará conta.

Concordo parcialmente com o pensamento de Cortella. Acredito que a escola não é um trabalho “extra” para a criação de uma criança que complemente o trabalho de educar da família, mas sim que ambos fazem - ou deveriam fazer- um trabalho de modo único, unido para um mesmo propósito: a formação de um bom ser humano para o mundo.

Logo, pode-se dizer que a evasão escolar, tema central deste trabalho, pode ter como um dos vários fatores e responsáveis a família. Se a família não arca com suas responsabilidades na formação da criança, torna-se tortuoso o processo de escolarização do jovem quando for para a escola. Não aceitará que deve seguir regras, ordens, respeitar, ouvir o outro e colaborar com os demais. Assim que a família não se mostra autoridade sobre o jovem, ele(a) logo também decidirá por si que a escola não é uma necessidade em sua vida, já que foi educado a fazer o que sente vontade sem pensar no conjunto. E o que seria o meio escolar senão um ambiente de formação de indivíduos em conjunto? Se uma criança não for formada para conviver em conjunto e seguir regras para viver com o outro, esta não conseguirá se adaptar ao ambiente escolar, logo, e quando encontrar oportunidade para isso, evadirá da escola.

E se fizermos um cotejamento da última fala citada do educador, vemos que seu pensamento é parecido com o discutido anteriormente. Se o ciclo de convivência do aluno não o ensina de que é preciso respeitar em sala de aula, como o professor dará aula?

Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já,

na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo. (DESSEN, Maria A.; POLONIA, Ana C., 2017, p. 22).

Talvez possamos dividir os papéis dessa forma: a família educa, cuida da maneira como a criança é, e a escola ensina, faz o ofício de explicar a natureza, como ela funciona, e diferentes formas de ler o mundo à nossa volta. É importante entendermos que cada núcleo possui seu papel na vida do aluno referente a sua formação como um bom ser humano para o mundo, e o trabalho mútuo de ambos os núcleos principais tratados até o momento, a família e a escola, são responsáveis pela formação dos cidadão do futuro.

Leandro Karnal, historiador e professor brasileiro diz sobre, em uma palestra em Vitória da Conquista sobre a *“Jornada da educação- educação e sociedade com relação ao homem e mundo”*:

[...]Essa educação relacionada à escola é um desafio cada vez maior, porque a educação de valores não é mais considerada ligada à família, mas é algo que deve ser transmitido pela escola. E isso é um desafio, porque nós, professores, estamos recebendo hoje toda a responsabilidade, mas não recebemos todo o poder. Espera-se que eu produza no aluno um cidadão – o que é ótimo – mas também, um ser humano educado, uma pessoa respeitosa, com valores morais e éticos, mas me tiram cada vez mais o poder de fazer isso. [...] A educação há 50 anos era considerada um atributo da família, e a escola era em grande parte, a transmissora de um conteúdo, e não exatamente de valor moral. [...] Dar aula hoje é infinitamente mais difícil do que há 50 anos.

Observamos que anda ocorrendo a falta da educação do jovem em casa, dificultando o trabalho do professor em sala de aula. Como aplicar regras em classe, se o aluno não possui esse ensinamento em casa de que é preciso cumprir regras, respeitar o professor como autoridade maior em sala de aula, respeitar os colegas e todos presentes no ambiente escolar? É preciso, nesse

caso, que a escola passe a se comunicar numa maior frequência com a família dos alunos, criando um diálogo de parceria escola-casa.

Dizer que o professor é quem possui maior autoridade em sala de aula não é fazer com que o professor tome o papel de pai dos alunos, mas com que o aluno aprenda que em diversos ambientes ele terá que respeitar regras e aquele que conduz o grupo. É uma maneira de prepará-lo para a vida adulta, onde precisamos entender nosso lugar dentro da sociedade e compreender nossos papéis, o que nos prova quão importante é a experiência escolar em nossas vidas. Respeitar alguém não se resume a reduzir por completo a capacidade de agir e pensar, mas um modelo que respeite saberes diferentes.

Há uma frase bem interessante de Paulo Freire, importante educador e filósofo brasileiro, que diz referente à educação:

A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é homem. O homem deve ser sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso ninguém educa ninguém. (1979, p.28).

A partir dela, temos uma outra reflexão referente a educação. Será que ainda é correto afirmar que o modo de agir do aluno em sala de aula é em decorrência da criação familiar? O meio em que um aluno vive pode interferir em como ele é e agirá em sua íntegra? “Ninguém educa ninguém.” Bom, podemos ensinar como se deve agir em público, ou até a fórmula de Bhaskara, mas jamais seremos capazes de formar pessoas com pensamentos e ações completamente iguais, apenas pelo fato de educarmos da mesma maneira.

Do mesmo modo, não podemos unificar um sistema de ensino. Fazendo isso, ignoramos a ideia de que cada estudante possui uma capacidade, um modo diferente de aprender, e fortificamos o pensamento de que somos capazes de educar um jovem da mesma maneira que se educa outros 30, e aquele que não se encaixa no modelo, é incapacitado. É de suma importância a escola trazer diferentes métodos de avaliação e de dar aula. Isso é uma forma de inclusão dentro da escola. Porém, diante de toda essa reflexão de que não educamos ninguém, ainda seguirei com a utilização do verbo “educar”

para discutir sobre a educação escolar, ou a escolarização, como diz Mário Cortella.

A educação também nunca é passiva. Ela depende exclusivamente da exposição do aluno, e no retorno/resposta do professor. Como diz Eduardo Luzio, Ph.D. em Economia e mestre em Finanças pela University of Illinois em “*Como educar uma pessoa?*” (02/06/2014) onde corrobora com a fala de Paulo Freire que “ninguém educa ninguém”, afinal, precisamos agir e colaborar para que o processo de escolarização -educação- ocorra:

O aluno precisa se expor. O aluno precisa ter coragem para ser proativo em sua educação. Eu acredito que não há educação passiva. Educação passiva é outra coisa: é doutrinação. Lavagem cerebral, que produz “tijolos nos muros”, como canta Pink Floyd.

3.2 A educação e o *Homo sapiens*: desde nossos antepassados mais distantes até agora:

Por volta do século v a.C. é criada a palavra Paidéia, que de início significa apenas ‘criação dos meninos’ (pais, paidós, ‘criança’). Mas com o tempo, a palavra adquire nuances que tornam intraduzível. Werner Jaeger, famoso helenista alemão escreveu uma obra com esse nome, diz: Não se pode evitar o emprego de expressões modernas como civilização, cultura, tradição, literatura ou educação; nenhuma delas, porém, coincide realmente com o que os gregos entendiam por Paidéia. Cada um daqueles termos se limita a exprimir um aspecto daquele conceito global e, para abranger o campo total do conceito grego, teríamos de empregá-los todos de uma só vez (ARANHA, 1989, p. 37).

A educação transforma indivíduos, que transformam uma sociedade, que com seu avanço, transformam uma nação inteira. Como dizia Paulo Freire:

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.”. Assim, devemos entender de onde tudo isso começou, para compreender como e em que contexto esses indivíduos foram formados para termos o tipo de visão sobre educação que temos hoje.

O trabalho humano é consciente e proposital, ao passo que o trabalho dos outros animais é instintivo. As atividades instintivas são inatas antes que aprendidas, e representam um padrão relativamente fixo para a liberação de energia ao receber estímulos específicos. Observou-se, por exemplo, que uma lagarta tendo completado a primeira metade de seu casulo prosseguirá construindo a segunda sem se importar mesmo que a primeira seja retirada (BRAVERMAN, H. 1987, p.50).

O ser humano se diferencia do restante do reino animal pela sua capacidade de pensar, criar e fazer além daquilo que faz parte de si, a parte instintiva. Sem isso, não existiria a educação, já que aquilo que se faz ao longo da vida animal não se aprende, pois aquele saber já faz parte de si desde seu nascimento. Torna-se, então, fundamental a educação ao ser humano à medida em que muitos saberes se criaram antes dele, e para sua sobrevivência num contexto social, se faz necessário aprender esses saberes que não nasceram dentro de si. Não só, mas ao longo de sua formação, se faz também necessário aprender a usar sua mente de forma emancipada/individual para que se crie outros saberes. E é desse modo que se cria seres ativos, seres pensantes e criadores de novos saberes para a humanidade.

O livro *Sapiens- Uma breve história da humanidade*, de Yuval Noah Harari, traz um trecho bem interessante a respeito da evolução do *Homo sapiens* em relação ao desenvolvimento da capacidade e tamanho do cérebro de acordo com suas necessidades:

A despeito de suas diferenças, todas as espécies humanas compartilham diversas características. A mais notável é o fato de que os humanos possuem cérebros extraordinariamente grandes em comparação com o de outros animais. Mamíferos que pesam sessenta quilos têm em média um cérebro de duzentos centímetros cúbicos. Os homens e as

mulheres mais antigos, 2,5 milhões de anos atrás, tinham cérebros de cerca de seiscentos centímetros cúbicos. Os sapiens modernos exibem um cérebro com, em média, 1200 a 1400 centímetros cúbicos. [...] Por que cérebros gigantescos são raros no reino animal? (HARARI, 2011, p.19).

É um questionamento que merece atenção quando estamos tentando entender por que nos diferenciamos do restante dos animais e entender realmente o princípio de tudo do qual estamos a discutir: a educação como algo puramente humano. Por que podemos afirmar que o conhecimento é puramente humano? Logo, olharemos de onde se iniciou a evolução do que nos deixou capazes de sermos seres pensantes e transformadores, ou seja, carregarmos nossa sapiência:

O fato é que um cérebro enorme representa uma exigência enorme para o corpo. Não é fácil carregá-lo para toda parte[...]. E é ainda mais difícil abastecê-lo com energia. No *Homo sapiens*, o cérebro representa entre 2% a 3% do peso corporal, mas consome 25% da energia do corpo quando em repouso. Em comparação, o cérebro de outros macacos demanda apenas 8% de energia enquanto o corpo descansa.[...] Como um governo redirecionando recursos de defesa para a educação, os humanos desviaram a energia dos bíceps para os neurônios (HARARI, 2011, p.19).

É realmente incrível compreender a diferença entre nós e o restante do reino animal. Entendemos que fomos evoluindo para caminhos diferentes do restante dos mamíferos, o que nos trouxe até aqui, onde dependemos cada vez mais da nossa capacidade cerebral do que a física. Não precisamos do nosso físico para caçar ou correr de predadores, por exemplo, mas estamos precisando cada vez mais de utilizar as nossas capacidades cerebrais para situações cotidianas. O sistema do qual nos situamos depende de uma demanda cada vez maior de inovações tecnológicas (inovação da técnica), a fim de solucionar problemas cotidianos.

[...]Um chimpanzé não pode ganhar uma discussão com um *Homo sapiens*, mas pode destruí-lo como se fosse uma boneca de pano.

Hoje nosso cérebro grande se mostra vantajoso, pois podemos fabricar carros e armas que nos permitem uma locomoção muito mais rápida que a dos chimpanzés e a possibilidade de atirar neles de uma distância segura em vez de enfrentá-lo numa luta corpo a corpo (HARARI, 2011, p.19).

E só podemos ter vantagens nesse processo evolutivo graças às transformações e criações de novas tecnologias que produzimos de acordo com nossas necessidades e com o conhecimento. Sem ele, talvez nossa espécie estivesse se extinguido por conta da capacidade corporal em que se encontrava no meio da natureza, que era pouco eficiente para o contexto. Logo, podemos afirmar que o conhecimento é puramente humano, e é graças ao nosso processo evolutivo de milhares de anos que nos possibilitou utilizar mais do cérebro, para que criando ferramentas, pudéssemos reduzir esforços nas atividades cotidianas.

Desse modo, podemos concluir que se a educação é um processo puramente humano, ela deve ser tratada da mesma forma: o que é humano sendo para o humano, não para um objeto ou máquina. O conhecimento é nossa marca, e sem ele, tão pouco evoluiremos e tornaremos o mundo em um lugar melhor. Mundo que não é intacto, mas que se modifica junto ao ser humano. Somos seres em formação eterna, e nenhum outro caminho se torna mais eficiente para nossa formação que a busca incessante pelo saber.

3.3 A importância da escola em um olhar sociológico:

A escola e a família compartilham funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão (Rego, 2003). Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. (DESSEN, Maria A.; POLONIA, Ana C, 2017, p. 22).

A escola, assim como a família e outras instituições são fundamentais para o desenvolvimento humano. Elas são essenciais para o processo de socialização do indivíduo, permitindo assim, que a criança crie boas relações no mundo fora de casa e na sala de aula.

O processo por meio do qual o indivíduo aprende a ser um membro da sociedade é designado pelo nome de socialização. O mesmo revela uma série de facetas diversas. (...) Vista sob este ângulo, a socialização é a imposição de padrões sociais à conduta individual. Conforme procuramos demonstrar, esses padrões chegam mesmo a interferir nos processos fisiológicos do organismo. Conclui-se que na biografia do indivíduo a socialização, especialmente em sua fase inicial, constitui um fato que se reveste dum tremendo poder de constrição e duma importância extraordinária. (BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte, 1977. p. 204).

E são nessas duas bases principais que o aluno se forma: os valores passados em casa, e as relações que cria e aprende na escola. É uma maneira de mediar as ações do indivíduo para que se torne possível sua convivência em sociedade, mantendo sua individualidade, mas o modelando para viver socialmente.

Os adultos apresentam-lhe certo mundo- e para a criança, esse mundo é O Mundo. Só posteriormente a mesma descobre que existem alternativas fora desse mundo, que o mundo dos seus pais é relativo no tempo e no espaço e que padrões diferentes podem ser adotados. Só então o indivíduo toma conhecimento da relatividade dos padrões e dos mundos sociais. (BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte, 1977. p. 205).

E é aqui que vemos a importância da escola na vida de uma criança: em casa, ela recebe uma visão de mundo bem específica e clara que parte da família, e lhe é entregue durante seu amadurecimento e formação, como uma

herança. A escola é fundamental para que a criança tenha discernimento da existência de “outros mundos” além daquele que ela recebeu em casa pelos pais. Fazer da escola um meio de convivência frequente, isto é, fazer da escola um espaço presente na vida de uma criança é tornar possível o contato da criança com o diferente, e isso é imprescindível para evitarmos o preconceito e a intolerância com o que não se assemelha a visão de mundo que se tem. Evitamos a ideia de uma “verdade absoluta” por parte desta criança quando cresce.

Ao falarmos sobre a educação, já deixamos implícito que a socialização não chega ao fim no momento em que a criança se torna um participante integral da sociedade. Na verdade, poderíamos dizer que a socialização nunca chega ao fim. O que acontece numa biografia normal é apenas que a intensidade e o alcance da socialização diminuem depois da primeira fase da infância. Os sociólogos estabelecem distinção entre a socialização primária e a socialização secundária. A socialização primária é o processo por meio do qual a criança se transforma num membro participante da sociedade. A socialização secundária compreende todos os processos posteriores, por meio dos quais o indivíduo é introduzido num mundo social específico. Qualquer treinamento profissional, por exemplo, constitui um processo de socialização secundária. Em certos casos esses processos são relativamente superficiais. Assim, por exemplo, nenhuma modificação profunda na identidade do indivíduo se torna necessária para habilitá-lo a exercer a profissão de contador. No entanto, isso não ocorre se o indivíduo for treinado para tornar-se um sacerdote ou um revolucionário profissional. Existem exemplos de socialização desse tipo que se parecem com a socialização realizada na primeira infância. A socialização secundária também se acha presente em experiências das mais variadas, como a de melhorar a posição social, mudar de residência, adaptar-se a uma doença crônica ou ser aceito num novo círculo de amigos. (BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte, 1977. p. 213-214).

Aqui, mais um trecho que explica os conceitos da sociologia de *socialização primária e secundária*. De modo geral, a socialização primária é o primeiro contato do indivíduo com a sociedade, se dando principalmente no ambiente familiar. A socialização secundária se dá na relação do indivíduo já socializado para com grupos específicos da sociedade. Essa se dá principalmente no ambiente escolar com os primeiros grupos de amigos, trabalhos em grupo, para depois as relações no mercado de trabalho e etc.

Com esses dois conceitos sociológicos, conseguimos apresentar mais um argumento embasado que justifique a importância da escola para a formação de um indivíduo como um todo. Não só a escola, mas também a boa relação familiar se mostra fundamental para introduzir a criança na sociedade. Logo, podemos construir uma forte relação direta entre escola- casa, onde se é primordial ambas unidas para a formação do indivíduo social.

Mesmo que tenhamos um discurso crítico sobre essas instituições por terem um papel de modelagem dos cidadãos para que se “encaixem” nos padrões criados pela sociedade- o que aparenta ser algo cruel-, não devemos descartar a importância da escola para a vida das pessoas e delas em sociedade. Sem a escola, talvez não seria possível fruir dessas visões críticas e debates sobre as instituições sociais, como a escola, a família ou a igreja e seus respectivos papéis sobre os indivíduos.

[...]a socialização passa a ser considerada um processo de iniciação por meio do qual a criança pode desenvolver-se e expandir-se a fim de ingressar num mundo que está ao seu alcance. Sob este ponto de vista a socialização constitui parte essencial do processo de humanização integral e plena realização do potencial do indivíduo. De início, o mundo social dos pais apresenta-se à criança como uma realidade externa, misteriosa e muito poderosa. No curso do processo de socialização este mundo torna-se inteligível. A criança penetra nesse mundo e adquire capacidade de participar dele. Ele se transforma no *seu mundo*. (BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte, 1977. p. 205).

3.3.1 Os males da educação para Rousseau:

Jean- Jacques Rousseau foi um importante filósofo nascido em 1712 na Suíça. Ficou conhecido como um dos maiores pensadores do iluminismo e fundamental para a Revolução Francesa. De diversas obras, Rousseau defende uma tese geral: “o ser humano possui uma vida melhor quando se está em seu estado natural”.

Rousseau diz muito sobre a importância da educação e as relações com a família para sua própria formação, como em um trecho de seus escritos:

De ces interessantes lectures, des entretiens qu'elles occasionnaient entre mon pere et moi, se formacet esprit libre et républicain, ce caractère indomptable et fier, impatient de joug et de servitude, qui m'a tourmenté tout le tems de ma vie dans les situations les moins propres à lui donner l'essor...¹
(MARTINS, Custódia A. A, 2008, p.11).

Na obra “*O livro da filosofia*”, da editora Globo- diversos autores, no capítulo “*A era da revolução*”, temos uma análise de obras do filósofo Jean-Jacques Rousseau denominada de “Os males da educação”:

Em outra obra escrita no mesmo ano, intitulada *Emílio, ou Da educação*, Rousseau expandiu seu tema, explicando que a educação era responsável por corromper o estado de natureza e perpetuar os males da sociedade moderna. Em outros livros e ensaios, ele se concentrou nos efeitos adversos tanto da religião quanto do ateísmo. No centro de todas as suas obras está a ideia de que a razão ameaça a inocência

¹ MARTINS, Custódia A. A. **A Pedagogia de Jean-Jacques Rousseau: Práxis, Teoria e Fundamentos**. 2008, p. 9. “Foi através destas interessantes leituras e das conversas que elas ocasionavam entre meu pai e eu que se formou este espírito livre e republicano, este carácter indomável e altivo, impaciente do jugo e da servidão, que toda a minha vida me atormentou nas situações menos próprias para o deixar expandir-se ...”.

humana e, sucessivamente, a liberdade e a felicidade. Em vez da educação do intelecto, ele propõe uma educação dos sentidos e sugere que a fé religiosa seja guiada pelo coração, não pela cabeça (ROUSSEAU, Jean. *In O livro da filosofia*, Editora Globo, 2016, p. 159).

Veja que Rousseau trata a educação como algo ruim, prejudicial para o equilíbrio social, o que faz todo sentido, afinal, as revoluções só acontecem graças ao discernimento de um grupo sobre a realidade. A Revolução Francesa só se deu graças ao saber de boa parte da população sobre seus direitos que não eram respeitados, que ao contrário, ou seja, sem o conhecimento, provavelmente não teria ocorrido. A independência do Haiti só se deu graças ao conhecimento da independência dos Estados Unidos. Caso não soubessem, talvez não teria ocorrido no momento, ou não da maneira como foi. Assim como a Inconfidência Mineira, a Revolta Pernambucana, e muitas outras que foram influenciadas pelo iluminismo, ou seja, pelo conhecimento, discernimento sobre a existência da possibilidade de melhorias sobre certas condições. Assim, usamos esses males da educação como uma forma de argumentar sobre a necessidade da educação, do conhecimento sobre o mundo. Sem ele, as massas dominantes permanecerão a submeter quem não tem poder ou saber, e esses seguirão a sofrer a opressão, descaso e exploração, fazendo com que o mundo se modele a partir dos interesses de um único grupo.

Permanecemos, de algum modo, atados ao momento em que nossa humanidade nasceu. Apesar de todas as conquistas, não nos afastamos da violência, da brutalidade; as peripécias tecnológicas não eliminaram, ao contrário, evidenciaram nossa “dor sem corpo”, nossa angústia de animal que sabe, elabora, pensa. Vide o uso excessivo de medicações psiquiátricas, as neuroses sociais, os diversos fanatismos, as drogas. Não morremos mais tanto de tifo ou de febre amarela, mas de acidentes de trânsito, de latrocínios, de depressão, de sedentarismo, de obesidade... Permanecemos de algum modo presos ao princípio (MOSÉ, 2019, p.12).

Infelizmente, nossa espécie se desenvolveu e utilizou da sua capacidade intelectual para fomentar questões negativas para sua sobrevivência. O desenvolvimento intelectual que permitiu os avanços tecnológicos não solucionaram os problemas humanos em suas relações, mas sim os salientaram. Não só, como permitiu que os desvios éticos dos cidadãos tivessem mais espaços para agir. Logo, compreende-se que o conhecimento é por si, algo benéfico, necessário, mas é diretamente dependente do manuseio humano.

Encare o conhecimento como um instrumento: ele tem demasiada importância e benefício ao ser humano, mas a síntese que realizará será exclusivamente responsabilidade de quem o manuseia. Portanto, deve ser excluído, nessa linha de raciocínio, a visão de que o conhecimento é algo maléfico, quando o mal só vem graças a quem utilizou do conhecimento de forma errônea e com a finalidade de fazer o mal ao outro ou a si.

O conhecimento torna possível a liberdade de ação de quem o manuseia. E é a partir dele que se vêm os males que hoje presenciamos: crimes cibernéticos, alimentos quimicamente processados aumentando a possibilidade de complicações de saúde, rastreamento de vítimas para sequestros, fake news entre outros problemas. É como se a cada passo evolutivo que damos, voltamos outros sete em relação ao enfrentamento dos impasses que enfrentamos para a sobrevivência.

A filósofa Viviane Mosé diz em seu livro *“A espécie que sabe: Do Homo Sapiens à crise da razão”* que: “O processo de humanização nunca termina. O humano continua em processo, ele é o processo, ou a ponte[...] Então, não faz sentido falar em humanidade como finalidade, mas como uma constante transformação” (MOSE, p.12, 2019). Não deve-se concluir que os *Homo sapiens* permanecerão em um processo antagônico à evolução dos impasses para sua sobrevivência pelo mal manuseio do conhecimento através do egoísmo, raiva ou ganância, pois a espécie se encontra em constante dialética. O conhecimento permite também que outros enxerguem a diferença do “fazer o certo ou o errado”, possibilitando a evolução humana. Logo, prova-se que é de suma importância instituições que deem espaços para a reflexão sobre o que

nós, seres humanos queremos para o futuro e o que estamos fazendo para tal ou impedindo tal futuro.

3.5 Refletindo sobre a evasão escolar: fracasso do aluno ou do sistema de ensino?

Um grande problema que assombra a educação brasileira é a evasão escolar há décadas. A cada dez estudantes que entram no Ensino Médio, menos de sete concluem os estudos (UNESCO-UIS, 2018). Sem alunos, para quem dar aula? Ela é vista como um fracasso na vida escolar do educando, sendo esse julgado e criticado intensamente pela sociedade sem ao menos terem conhecimento sobre os motivos que o levou a evadir. “Fracasso” esse que se dá origem no baixo rendimento, dificuldades de aprendizagem, reprovação, até seguir ao caminho mais trágico: a evasão. Nesse quesito, muitos profissionais procuram maneiras de diminuir as situações de evasão, buscando a atuação de leis que punam os responsáveis, ações do Conselho Tutelar, métodos educacionais diferentes, reforma do ambiente escolar, modificações na grade escolar, e muitos outros que estão ligados na sua maioria de maneira direta as ações de políticas públicas.

É indispensável discutir sobre a evasão escolar. Entender o que leva o aluno a evadir é trilhar um caminho para a redução da evasão. E reduzir esse problema é desenvolver partes fundamentais na sociedade, como a qualificação da mão-de-obra, a formação profissional, moral e ética dos indivíduos, bem como a socialização entre esses.

Uma maneira de buscar reduzir a evasão por problemas ligados ao aluno é utilizando a ciência da psicologia. A psicologia é uma área muito abrangente, sendo essa aplicada em diferentes ambientes. A psicologia que atua dentro do ambiente escolar é a psicologia da educação. Contudo, a atuação desses profissionais nem sempre consegue solucionar a dimensão e a amplitude desse problema que possui uma natureza que está muito além de impasses circunscritos apenas ao espaço da sala de aula.

Nesse sentido, trabalhar tentando entender o que se passa na cabeça de uma criança que possui problemas de aprendizagem é fundamental para reformular a maneira como se dá uma aula como modo de inclusão desse aluno. Porém, não é apenas o psicológico que influencia para o aluno seguir o caminho da evasão. Muitos outros quesitos são responsáveis por alavancar essa decisão. Mas antes, é preciso entender melhor esse conceito de evasão.

Esta situação é vinculada a muitos obstáculos, considerados, na maioria das vezes, intransponíveis para milhares de jovens que se afastam da escola e não concluem a educação básica. Dentre tais óbices, destacamos a necessidade de trabalhar para ajudar a família e, também, para seu próprio sustento; o ingresso na criminalidade e na violência; o convívio familiar conflituoso; a má qualidade do ensino, todos considerados fatores comuns de evasão escolar. É válido dizer que a evasão está relacionada não apenas à escola, mas também à família, às políticas de governo e ao próprio aluno. Todo esse contexto faz com que o estudante do Ensino Médio deixe de acreditar que a escola contribuirá para um futuro melhor, já que a educação que recebe é precária em relação ao conteúdo, à formação de valores e ao preparo para o mundo do trabalho. (de ABREU, 2011).

A evasão escolar é um termo designado ao aluno que se matricula na escola, e no ano seguinte não se matricula mais, se estendendo a longo prazo. Segundo Sales, Castro e Dore (2013, p.6), a evasão escolar é um “[...] fenômeno complexo, multifacetado e multicausal, atrelado a fatores pessoais, sociais e institucionais [...]”. É muito confundida com o conceito de abandono escolar. O abandono escolar é quando o aluno se matricula na escola, deixa de frequentá-la durante um ano ou um certo período, e retorna no ano seguinte; diferente da evasão escolar que é quando o aluno se matricula na escola e não retorna a se matricular no ano seguinte, deixando a escola por completo.

O absentéismo se encaixa perfeitamente nesses dois conceitos. O absentéismo é a ausência frequente no trabalho, escola, dever ou obrigação do indivíduo. Existe o absentéismo escolar, focado na ausência injustificada do

aluno às aulas, ou seja, a influência da não conclusão da educação básica na idade própria.

A evasão escolar é um conjunto de fatores que se fazem intensos a ponto de colaborar com uma ação do aluno que é atingido por um certo período de tempo a evadir-se. Pense na evasão como um caso extremo, onde o aluno simplesmente desiste das experiências escolares para sua vida. Ir à escola para ele deixou de ser prioridade (nos casos de alunos que estão no fundamental 2 ao ensino médio, que decidem ações que muitas vezes não podem ser impedidas por responsáveis, pois se veem donos de si e de seus atos), e deixar de frequentar e participar ativamente já não é mais um problema.

Devemos buscar maneiras de reduzir a evasão, e tentar de alguma maneira trazer de volta aquele aluno para o ambiente escolar. Sua importância se deve pelo fato que esse aluno um dia será pai ou mãe, e as crianças se espelham principalmente em seus pais do que em qualquer outra pessoa. O exemplo é essencial. Como diz Mário Sérgio Cortella: “Não é só a educação dos filhos que é necessária, mas a dos pais também.” Não só, como é fundamental a qualificação dos indivíduos para o desenvolvimento do país, mas com cidadãos críticos e ativos nas transformações do mundo, não mero objetos de dominação.

O aluno, dentro desse parâmetro da evasão, é a principal vítima na maioria dos casos. Em geral, são fatores externos ao aluno que o fazem evadir. Porém, tal questão não justifica a necessidade do protagonismo do aluno em querer. Só se pode ajudar quem quer ser ajudado, senão, qualquer esforço se torna desnecessário. Logo, não basta que se erradique qualquer fator que leve o aluno a evadir, se o próprio não procura querer buscar sua completude, seu desenvolvimento. Sabe-se que tal questão da falta de querer está entrelaçada com questões externas ao aluno, mas nada impede do aluno, tendo todas as condições favoráveis, não querer. É preciso do engajamento do próprio aluno nas aulas, o esforço fora da escola para buscar aquilo que tem dúvida ou interesse, fortificar saberes, entre outros. Como já dito, a educação só se torna possível com esforços dos dois lados, do educando e do educador junto às demais instituições sociais.

3.6 A Constituição corroborando com a permanência do aluno na escola:

Assim, ao realizar a abordagem da educação como um ordenamento jurídico brasileiro, propõe-se a reflexão do papel da educação na formação para o respeito aos direitos humanos, uma vez que como sinaliza Cury (2007, p. 484) “a educação escolar é um bem público de caráter próprio por implicar a cidadania e seu exercício consciente, por qualificar para o mundo do trabalho”. (ALMEIDA, T. C. O.; OLIVEIRA, C. S. P.4. 2015).

O terceiro parágrafo do artigo 208 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 diz que:

§ 3º Compete ao Poder Público recensear os educandos no ensino fundamental, fazer-lhes a chamada e zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela frequência à escola.

Quando a escola deixa de arcar com a responsabilidade de informar a família e responsáveis da ausência frequente do aluno em sala de aula para que se tome alguma medida referente ao caso, ela acaba colaborando com o abandono desse aluno, o levando até a não querer voltar para a escola, afinal, uma vida sem responsabilidades é muito mais atraente que uma com responsabilidade de chegar no horário correto na escola, fazer tarefa, estudar, e outros que são fundamentais na vida de um estudante presente, e como o jovem percebe que não anda ocorrendo consequências (no momento) graves para si não ir à escola, ele continuará agindo desta maneira até se tornar uma rotina que o progride de abandono escolar para a evasão escolar.

Há leis que corroboram com a permanência da criança e adolescente na escola, como a presente no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)- na lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990:

Capítulo IV

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

Parágrafo único. É direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais.

Art. 54. É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente:

I - Ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

II - Progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio;

III - atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

V - Acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

VI - Oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do adolescente trabalhador;

VII - atendimento no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Art. 55. Os pais ou responsável têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino.

Art. 56. Os dirigentes de estabelecimentos de ensino fundamental comunicarão ao Conselho Tutelar os casos de:

I - Maus-tratos envolvendo seus alunos;

II - Reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares;

III - elevados níveis de repetência.

Veja que o problema da evasão escolar no Brasil não é a ausência de leis que obriguem que crianças e adolescentes estejam matriculados na escola, mas sim a falta de cobrar as famílias disso ou encontrar maneiras de entender o motivo daquela criança ou adolescente estar fora da escola e buscar solucionar a questão. A nossa justiça é falha nesse sentido. Não podemos negar que o trabalho do Conselho Tutelar esteja colaborando com a redução dos jovens fora da escola, mas ainda há muitos casos sem solução, caso contrário, não teria este trabalho nem os números que encontramos da taxa de evasão escolar até os dias atuais.

Espera-se que, num futuro próximo, não seja mais necessário leis que obriguem à permanência do aluno na escola, por ser um processo natural para o desenvolvimento humano na sociedade atual. Ter uma obrigatoriedade sobre a frequência escolar mostra que a escola ainda não se tornou algo fundamental para a formação de um indivíduo para uma grande parcela da população brasileira.

3.7 Evasão escolar: números e analfabetismo:

[...] os jovens e adultos analfabetos, ou com pouca escolaridade, são pessoas que tiveram no seu passado um direito violado por não poder frequentar a escola. Ao serem privados desse direito, perderam uma importante ferramenta: o

acesso ao saber sistematizado, que é produzido pela humanidade. (MURATA e MURATA, 2014, p.54).

É necessária uma maior atenção para a situação de evasão escolar pelo motivo dos números que se agravam de jovens fora da escola, principalmente no momento atual que estamos vivendo, o da pandemia, onde milhares de jovens não possuem acesso à internet para assistirem às aulas online. É preciso que estudemos esses jovens e os conflitos que levam o aluno a evadir. Sabemos que há diversos fatores, como mostra os índices de jovens evadidos e o contexto em que estão inseridos, como baixa renda, cor de pele, necessidade de trabalhar, sendo este o principal causador da exaustão do aluno de ir para a escola.

A taxa de analfabetismo no Brasil é um símbolo que corrobora o quanto ainda não conseguimos colocar com 100% de eficácia a nossa lei, além de deixar claro a gravidade da evasão escolar nos anos iniciais da escola na vida de uma criança. De acordo com o PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua) de 2019 no Brasil, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais foi cerca de 6,6% (11 milhões de analfabetos). A taxa de 2018 foi de 6,8%, ou seja, 0,2% a menos em 2019, o que corresponde a uma redução de 200 mil pessoas analfabetas no país. De fato vemos que o processo de alfabetização e incentivo para que adultos voltem a estudar (programa do EJA, por exemplo) está colaborando de maneira positiva para a redução da taxa de analfabetos no país.

Essa porcentagem é pelo Brasil inteiro, tendo valores diferentes da taxa de analfabetismo em cada região, mas é preciso que ocorra maior focalização para estudar profundamente cada caso, já que os fatores que causam o analfabetismo ou até mesmo a evasão de uma região específica do país será diferente de outra.

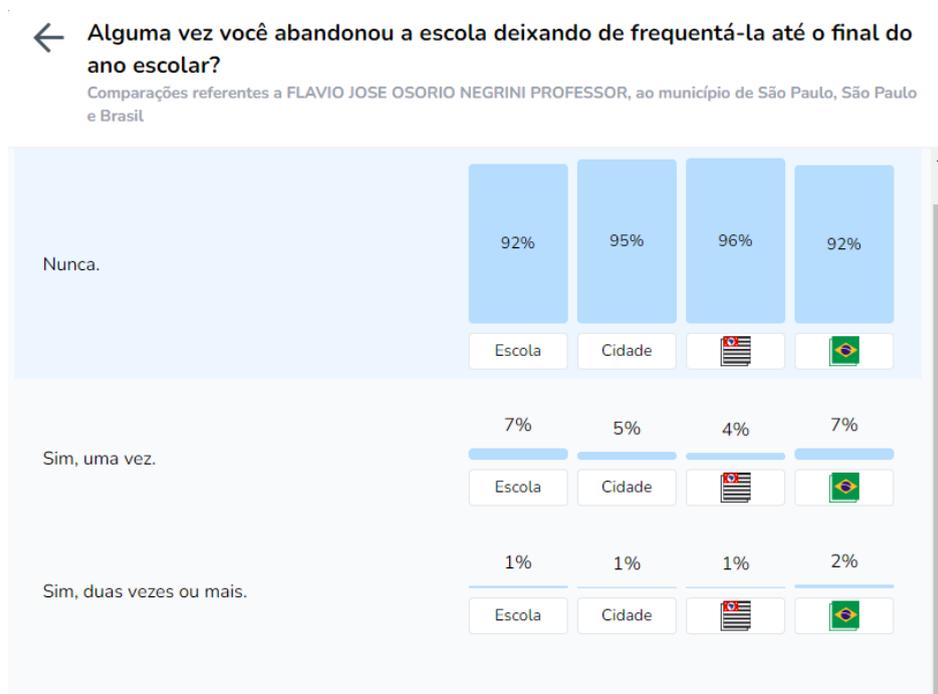
É importante esclarecer que, ao longo das análises quantitativas sobre a evasão para justificar a importância dos estudos sobre a temática, serão analisados, com frequência, números ligados ao abandono escolar. Isso não apresenta um impasse à pesquisa, pelo simples fato de que o abandono escolar é um estágio inicial que leva, conseqüentemente, para a evasão, tema

central do trabalho. Analisando o abandono pode-se estabelecer debates a respeito da evasão escolar.

Dando maior ênfase no Estado de São Paulo, que se encontra em primeiro lugar em educação na colocação geral no Brasil pelo ranking de competitividade dos estados em relação a 2020, vemos causas para a evasão e números diferentes que merecem uma profunda atenção. De acordo com INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), o IDEB de São Paulo de 2019 é de 6,5 (produto entre o fluxo e aprendizagem), maior entre os estados brasileiros.

Fizemos uma análise acerca dos dois conceitos ligados à temática da pesquisa (abandono e evasão escolar) a partir das respostas do questionário do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) de 2019 da Escola Estadual Professor Flávio José Osório Negrini, localizada na região Sul da cidade de São Paulo, no bairro do Jardim Olinda.

Figura 1: Resposta do Questionário SAEB 2019 da E.E Flavio José Osório Negrini:²



² Fonte: Dados fornecidos pela plataforma QEdU da cidade de São Paulo, com informações de 2019 da Escola Estadual Professor Flavio José Osório Negrini, da região Sul da cidade. Disponível em: <https://qedu.org.br/escola/35041737-flavio-jose-osorio-negrini-professor/questionarios-saeb/alunos-3e> Acesso em: 25/10/2022.

Fonte: SAEB, 2019, INEP.

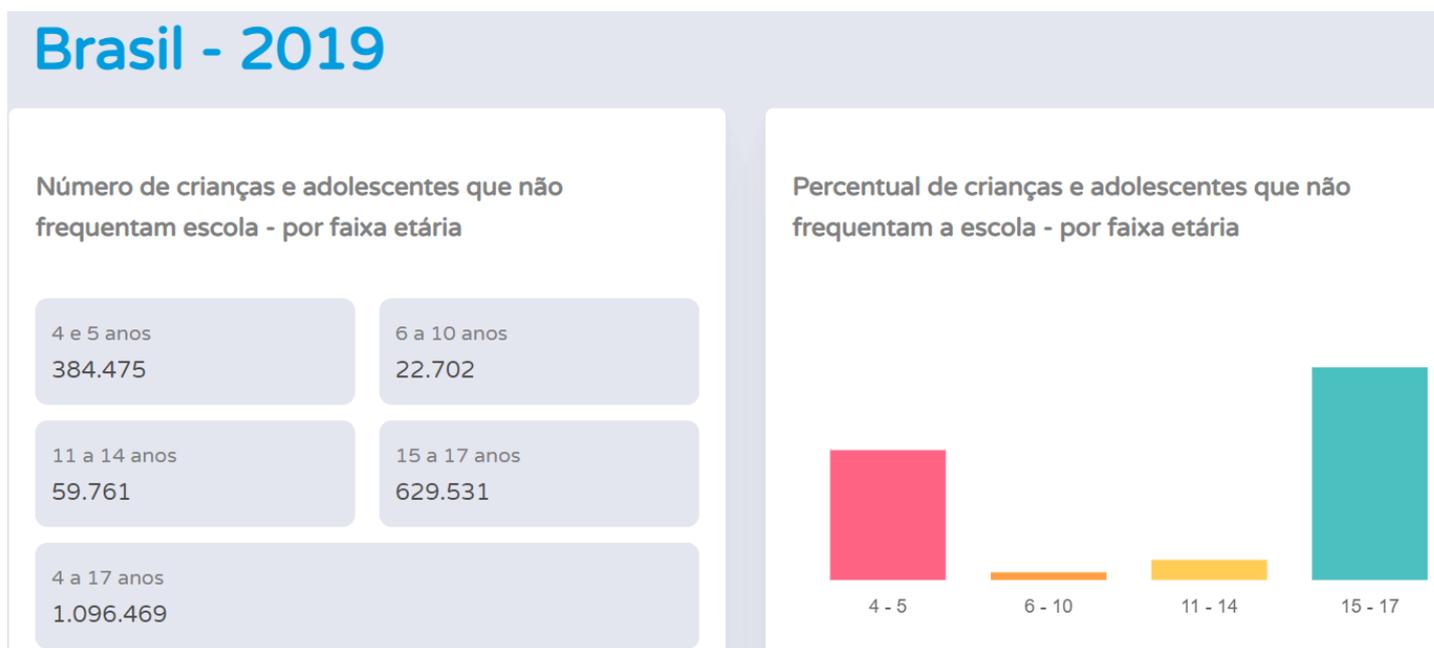
Os alunos que abandonam a escola não estão retornando. Quando abandonam, logo seguem para o fenômeno da evasão escolar. Isso pode ser afirmado a partir da análise dessas respostas, em que 92% dos alunos da Escola Estadual Professor Flávio José Osório Negrini dizem nunca ter abandonado a escola. Numa visão em escala maior, 96% do estado de São Paulo dizem nunca ter abandonado a escola, e 92% dos alunos em idade escolar dizem nunca ter abandonado a escola. Se depositarmos veracidade sobre essas respostas dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, os dados que temos de evasão escolar disponibilizados pelo INEP, IBGE e a plataforma do Busca Ativa Escolar estão equivocados. Se seguirmos uma linha de raciocínio de que ambas as fontes de dados estão corretas e são verdadeiras, logo podemos estabelecer que os alunos que realmente estão abandonando a escola não estão retornando para ela a posteriori, o que implica encaixá-lo no fenômeno da evasão escolar. Esse questionário é aplicado aos alunos, e se os alunos, aqueles presentes em sala de aula estão a responder que nunca deixaram de frequentar a escola, significa que aqueles que deixaram de frequentar alguma vez não estão na sala de aula, ou seja, não retornaram após o abandono, implicando em seguir para o processo de evasão escolar.

Analisando documentos disponibilizados pelo projeto da UNICEF (Fundo das Nações Unidas Para a Infância) através da plataforma “Busca Ativa Escolar”, que tem por objetivo “apoiar os governos na identificação, registro, controle e acompanhamento de crianças e adolescentes que estão fora da escola ou em risco de evasão”, encontramos informações precisas e numéricas que fortalecem a percepção da necessidade de agir rapidamente a favor da redução da evasão escolar. Nela temos:

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1,1 milhão de meninas e meninos entre 4 e 17 anos de idade encontram-se fora da escola no Brasil, o que corresponde a 2,7% do total dessa população.

Esses números nos mostram que grande parte do problema está desde os anos escolares iniciais, que é onde a criança é alfabetizada até a intensificação no ensino médio. Assim, poderíamos iniciar um estudo baseado no ensino fundamental, porém, encontramos grandes problemas relacionados aos jovens nos anos finais, como no ensino médio, já que a questão da evasão está mais direcionada a problemas com o aluno, afinal, há maior independência nesse grupo do que no grupo de crianças dos anos iniciais. Ou seja, a maioria das causas da evasão escolar nos anos iniciais se dá por questões ligadas a dependência familiar, os pais não podem levar até a escola ou buscar, falta de transporte, mudança de endereço constante, impedindo uma fixação da criança na escola no início do ano até o fim, entre muitos outros fatores que os alunos dos anos finais passam com bem menos intensidade. Pode-se analisar tal questão no gráfico abaixo sobre a não frequência por faixa etária:

Figura 2: Gráfico de Números de crianças e adolescentes que não frequentam escola- por faixa etária no Brasil (2019):



Fonte: Busca Ativa Escolar/ Brasil 2019.

Percebe-se um número elevado da falta de frequência de crianças de 4 e 5 anos, mas uma intensificação demasiada do abandono escolar na faixa

etária do fim do Fundamental II até o Ensino Médio (15 a 17 anos). E a partir desses dados, justifica-se um enfoque nesse grupo (Ensino Médio) ao longo desse trabalho, especialmente sobre a questão de dados e causadores do abandono escolar (que conseqüentemente remete à evasão escolar).

A evasão escolar pode ser vista no Ensino Médio como uma rebeldia do adolescente, uma espécie de indisciplina.

Chega uma fase em que o jovem começa a se transformar e pressentimos que alguma coisa deve estar acontecendo já que os pais reclamam e os professores indagam. É a adolescência!

Na busca do equilíbrio, o jovem faz uma série de tentativas que lhes podem dar ou não as respostas desejadas: torna-se então desobediente e rebelde, talvez, não tanto para desafiar os pais ou os professores, mas para experimentar a própria autonomia e descobrir sua verdadeira identidade (SZADKOSKI, 1997).

Na tentativa de descobrir a própria identidade, muitas vezes o adolescente descamba para o exagero: argumenta com violência, grita, arma confusões e aborrece-se quando suas ideias não são compreendidas pelos pais ou professores. Ele não admite interferências e quer ser respeitado pelos pais e educadores e na ausência destes sinalizadores, o alerta é de perigo (SZADKOSKI, C. M. A., 2010, p. 45).

Pode-se perceber o quão delicado é a evasão escolar no Ensino Médio. É um período de mudanças (tanto internas no adolescente, como as questões hormonais, quanto externas, como a pressão social e a confusão no tratamento ora como uma criança, ora como um adulto) que afetam de todas as formas possíveis a vida escolar do aluno. Talvez pelos inúmeros detalhes e delicadezas que são questões ligadas a essa faixa etária que solicite uma análise mais aprofundada e reflexiva sobre as questões da evasão escolar.

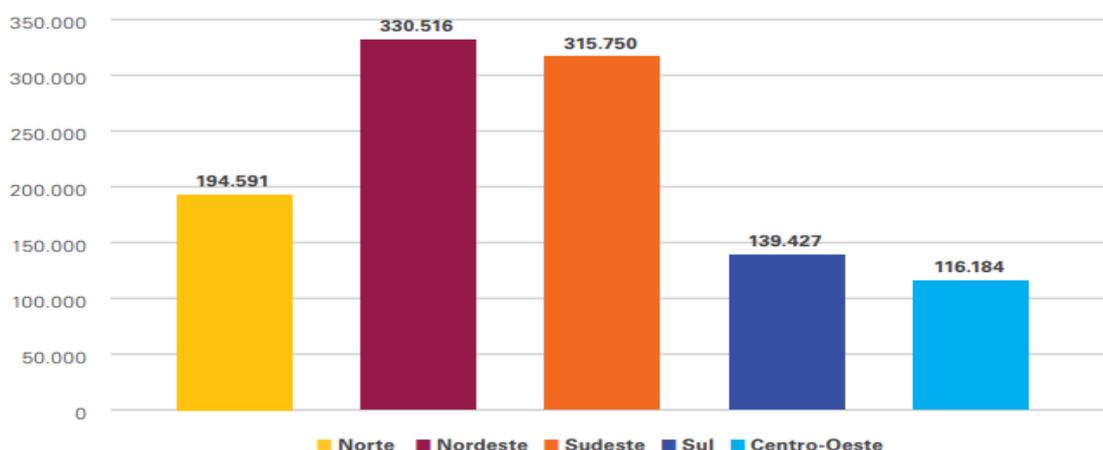
E para uma análise mais aprofundada e específica que possa colaborar para a afirmação da ideia de um novo caminho causador da evasão escolar, a

desumanização, o estudo analisará dados pontuais disponibilizados pela plataforma do Busca Ativa Escolar de ao menos um estado de cada região do país dividido pelo IBGE. É importante explicitar que estudar um único estado de cada região do país não traz uma análise meticulosa da característica educacional e da evasão escolar de cada região, mas apresenta algumas peculiaridades que não devem ser generalizadas, mas ao menos observadas. Novamente, esclarecer que os dados trabalhados e analisados são os disponibilizados pela plataforma do Busca Ativa Escola, o que implica em concluir que são informações limitadas a estados e municípios que aderiram ao programa e disponibilizaram seus dados. Não foi utilizada nenhuma metodologia específica para a escolha dos estados estudados de cada região.

Primeiramente, expressos um gráfico de exclusão escolar das regiões do país com o intuito de esclarecer o cenário em análise total para seguirmos a uma análise separada:

Figura 3: Gráfico de Números de crianças e adolescentes que não frequentam escola por regiões no Brasil (2019):

Gráfico 2. População de 4 a 17 anos fora da escola, regiões, 2019



Fonte: IBGE. Pnad 2019. **Nota:** Não foram considerados nos cálculos 549.466 adolescentes de 15 a 17 anos que declararam ter completado o Ensino Médio. Desses, 148.026 estão frequentando a escola e 401.440 não estão frequentando a escola.

Fonte: IBGE. Pnad 2019. **Nota:** Não foram considerados nos cálculos 549.466 adolescentes de 15 a 17 anos que declararam ter completado o Ensino Médio. Desses, 148.026 estão frequentando a escola e 401.440 não estão frequentando a escola.

Porém, analisando dessa maneira, estaríamos equivocadamente afirmando que a região Sudeste possui maior números de evasão escolar, o que não é verdade se olharmos a porcentagem dessa população:

Figura 4: Gráfico de Números de crianças e adolescentes que não frequentam escola por regiões no Brasil em porcentagem populacional (2019):

Tabela 1. População de 4 a 17 anos que não completou a Educação Básica e que está fora da escola, Brasil e regiões, 2019

	População de 4 a 17 anos que não completou a Educação Básica	População de 4 a 17 anos fora da escola	Percentual da população de 4 a 17 anos fora da escola na região
Norte	4.492.766	194.591	4,3
Nordeste	12.100.740	330.516	2,7
Sudeste	15.253.319	315.750	2,1
Sul	5.192.524	139.427	2,7
Centro-Oeste	3.289.560	116.184	3,5
BRASIL	40.328.908	1.096.468	2,7

Fonte: IBGE. Pnad 2019. Nota: Não foram considerados nos cálculos 549.466 jovens de 15 a 17 anos que declararam ter completado o Ensino Médio. Desses, 148.026 estão frequentando a escola e 401.440 não estão frequentando a escola.

Veja os números que o “Busca Ativa Escolar” nos fornece de dados do estado de São Paulo, região Sudeste do Brasil, com 1,8% de crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos fora da escola, equivalente a 142,8 mil jovens.

Figura 5: Gráfico de Números do abandono escolar no estado de São Paulo:

Números do abandono escolar



*Taxa de abandono | Fonte: Trajetórias de Sucesso Escolar. Dados de 2018.

Fonte: Busca Ativa Escolar/municípios.

Figura 6: Gráfico sobre as causas da exclusão escolar no Estado de São Paulo:

Causas da exclusão escolar



Fonte: Busca Ativa Escolar – Cinco motivos mais citados. Os dados se referem aos casos em andamento e concluídos, filtrados por motivo. Números de 14 de setembro de 2020.

Número* de municípios participantes da Busca Ativa Escolar no estado: 101

Total de municípios no estado: 645

* Número de 11 de setembro de 2020. Esse dado está em constante atualização. Para informação em tempo real, acesse: <https://buscaativaescolar.org.br/municipio.php>.

Em São Paulo, o principal motivo para a exclusão escolar de meninas e meninos informado pelos municípios participantes da Busca Ativa Escolar é o desinteresse pelos estudos e pela própria escola.

Fonte: Busca Ativa Escolar/municípios.

São Paulo está entre as 25 maiores economias do mundo, com PIB em torno de U\$600 bilhões de acordo com o site do governo do estado de São Paulo; com o 4º maior IDEB do Ensino Médio em 2019 e entre os 7 maiores fluxos de aprovação do país, de acordo com o INEP de 2019.

Percebe-se, por meio dos gráficos que não representam a população paulista em sua totalidade, que o número de abandono escolar ainda se mantém em elevada porcentagem principalmente no Ensino Médio, o que não é diferente em grande parte dos municípios e estados em diferentes regiões do país. De acordo com os dados atualizados do site do Governo do Estado de São Paulo, mais de 4 milhões de estudantes estão matriculados na rede estadual de São Paulo. Infelizmente, os dados da tabela da plataforma do Busca Ativa Escolar não mostram com clareza a realidade de evasão escolar no Estado de São Paulo pela falta de colaboração de grande parte dos municípios com informações quantificadas para uma análise precisa. Pode-se inferir que grande parte das escolas dos municípios de São Paulo não estão realizando uma busca ativa dos alunos evadidos, o que é um grande problema. Afinal, ocorrem os casos de evasão escolar, e não há, talvez de forma efetiva, a busca por tentar trazer esse jovem de volta à escola. Caso contrário, não teríamos um número tão baixo de municípios participando do projeto de Busca Ativa Escolar.

Já na região Sul do país, pegamos como exemplo de análise o estado do Rio Grande do Sul. No estado sulista, a taxa é de 3,0% de crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos fora da escola, contabilizando 55,7 mil meninas e meninos longe do ambiente escolar.

Figura 7: Gráfico de Números do abandono escolar no estado do Rio Grande do Sul:

Números do abandono escolar

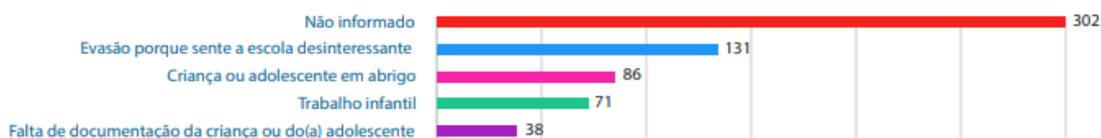
<p>Número total de estudantes das redes municipal e estadual que abandonaram a escola no estado:</p> <p>40.208 (2,8%)*</p>	Redes municipais		
	Ensino fundamental Anos iniciais	Ensino fundamental Anos finais	Ensino médio
	2.491 (0,66%)*	6.237 (2,33%)*	351 (8,94%)*
	Redes estaduais		
	Ensino fundamental Anos iniciais	Ensino fundamental Anos finais	Ensino médio
	980 (0,44%)*	5.412 (2,08%)*	24.736 (8,74%)*

*Taxa de abandono | Fonte: Trajetórias de Sucesso Escolar. Dados de 2018.

Fonte: Busca Ativa Escolar/municípios.

Figura 8: Gráfico sobre as causas da exclusão escolar no Rio Grande do Sul:

Causas da exclusão escolar



Fonte: Busca Ativa Escolar – Cinco motivos mais citados. Os dados se referem aos casos em andamento e concluídos, filtrados por motivo. Números de 14 de setembro de 2020.

O estado do Rio Grande do Sul aderiu à Busca Ativa Escolar.

Número* de municípios participantes da Busca Ativa Escolar no estado: **115**

Total de municípios no estado: **497**

* Número de 11 de setembro de 2020. Esse dado está em constante atualização. Para informação em tempo real, acesse: <https://buscaativaescolar.org.br/municipio.php>.

No **Rio Grande do Sul**, as principais causas de exclusão reportadas pelos municípios que aderiram à Busca Ativa Escolar no estado são o desinteresse pela escola e o fato de estar em abrigo. Em seguida, vem o trabalho infantil.

Fonte: Busca Ativa Escolar/municípios.

Rio Grande do Sul, com cerca de 1.758.841 de alunos matriculados no Ensino Básico do estado, de acordo com dados do INEP de 2022. É importante que olhemos para os dados a partir do todo, ou seja, a partir das porcentagens. São elas que nos esclarecem realmente o problema da evasão naquele caso. Se olharmos para o número de adolescentes no Ensino Médio das redes municipais do Rio Grande do Sul que estão ligadas a plataforma do Busca Ativa, poderíamos chegar à conclusão de que há poucos casos de evasão. Porém, quando analisado com o todo, a porcentagem chega próximo de 9% daquele grupo, o que é preocupante. O estado do Rio Grande do Sul nos fornece dados que mantém o número de evasão e abandono escolar no Ensino Médio elevado, escancarando a importância de um cuidado maior sobre essa parcela de estudantes.

Observando o segundo gráfico sobre as causas da evasão, desconsiderando os "não informados", já que se tornam de difícil análise, o principal motivo dos casos de evasão são pelo desinteresse para com a escola. Em seguida, percebe um alto número de crianças em abrigos, trabalho infantil e falta de documentação, o que evidência uma questão preocupante ligada a violação dos direitos das crianças e adolescentes.

Na região Centro-Oeste, analisamos os dados do estado de Goiás, com um alto índice de evasão registrado pelo INEP: cerca de 3,8%, equivalente a 54,6 mil alunos, porém, é o estado com o segundo maior fluxo de aprovação (0,97%), perdendo apenas para o Ceará com 0,98%.

Figura 9: Gráfico de Números do abandono escolar no estado de Goiás:

Números do abandono escolar

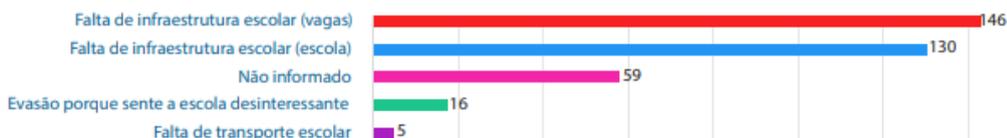
<p>Número total de estudantes das redes municipal e estadual que abandonaram a escola no estado:</p> <p>13.412 (1,5%)*</p>	Redes municipais		
	Ensino fundamental Anos iniciais	Ensino fundamental Anos finais	Ensino médio
	1.872 (0,53%)*	2.125 (2,16%)*	39 (4,92%)*
	Redes estaduais		
	Ensino fundamental Anos iniciais	Ensino fundamental Anos finais	Ensino médio
	43 (0,21%)*	3.506 (1,56%)*	5.825 (3,16%)*

*Taxa de abandono | Fonte: Trajetórias de Sucesso Escolar. Dados de 2018.

Fonte: Busca Ativa Escolar/municípios.

Figura 10: Gráfico sobre as causas da exclusão escolar em Goiás:

Causas da exclusão escolar



Fonte: Busca Ativa Escolar – Cinco motivos mais citados. Os dados se referem aos casos em andamento e concluídos, filtrados por motivo. Números de 14 de setembro de 2020.

O estado de Goiás aderiu à Busca Ativa Escolar.

Número* de municípios participantes da Busca Ativa Escolar no estado: 68

Total de municípios no estado: 246

* Número de 11 de setembro 2020. Esse dado está em constante atualização. Para informação em tempo real, acesse: <https://buscaativaescolar.org.br/municipio.php>.

Em **Goiás**, as principais causas para a exclusão escolar de crianças e adolescentes, informadas pelos municípios participantes da Busca Ativa Escolar no estado, são a falta de infraestrutura escolar e o desinteresse das crianças e dos(as) adolescentes pela escola.

Fonte: Busca Ativa Escolar/municípios.

Infere-se novamente que os números de evasão e abandono no Ensino Médio em Goiás se mantêm preocupantes e eminentes. O total de crianças e adolescentes fora da escola se mostra menor em comparação a região Sul, mas ainda se mantém em elevado patamar. Observando as causas da evasão e do abandono, encontramos um outro problema que havia sido pouco relatado, mas que é absurdamente visível ao visitar as escolas públicas do país: a falta de uma estrutura física adequada para manter um aluno nela por mais de 5 ou 9 horas. Não faz sentido buscar o aluno e fazê-lo voltar para a escola se logo sairá de novo, pois a própria estrutura física da escola não o comporta por horas e horas semanais. Além desse impasse, encontra-se outro problema mais grave: a falta de vagas nas escolas. Um problema pior: se existe aluno que quer aprender, quer ir em busca do conhecimento, não há local para ele. A causa por falta de interesse, mesmo que baixa nesse estado, não deixa de estar presente entre as cinco principais causas de evasão escolar nos estados brasileiros.

Chegando na região Nordeste do Brasil, observamos os dados do estado de Pernambuco, com 2,9% de evasão escolar, representado por 56,2 mil crianças e adolescentes longe da escola.

Figura 11: Gráfico de Números do abandono escolar no estado de Pernambuco:



*Taxa de abandono | Fonte: Trajetórias de Sucesso Escolar. Dados de 2018.

Fonte: Busca Ativa Escolar/municípios.

Figura 12: Gráfico sobre as causas da exclusão escolar em Pernambuco:

Causas da exclusão escolar



Fonte: Busca Ativa Escolar – Cinco motivos mais citados. Os dados se referem aos casos em andamento e concluídos, filtrados por motivo. Números de 14 de setembro de 2020.

Número* de municípios participantes da Busca Ativa Escolar no estado: 121

Total de municípios no estado: 184

* Número de 11 de setembro 2020. Esse dado está em constante atualização. Para informação em tempo real, acesse: <https://buscaativaescolar.org.br/municipio.php>.

Em **Pernambuco**, os principais motivos para a exclusão escolar de meninas e meninos informados pelos municípios participantes da Busca Ativa Escolar no estado são o desinteresse pelos estudos e a falta de infraestrutura escolar.

Fonte: Busca Ativa Escolar/municípios.

Pernambuco está entre os 10 estados com maior fluxo de aprovação. Está entre os 20 maiores IDEBs do país. De acordo com o IBGE, a população entre 15 e 19 anos estava em torno de 805 milhões de jovens. Possui um forte programa por todo o estado de alfabetizadores voluntários para fazerem parte do “programa Paulo Freire”, que alfabetiza jovens, adultos e idosos.

Analisando os dados de abandono escolar, não é diferente no Nordeste do país em comparação ao restante das regiões; a faixa do Ensino médio se mantém em um número discrepante de diferença de percentual de abandono escolar em relação às outras séries. Talvez esse seja o estado com maior número de municípios fazendo parte do Busca Ativa em relação ao total de municípios do estado. Percebe-se, infelizmente, que a questão da evasão por falta de interesse permanece em primeiro patamar nas causas da evasão no estado de Pernambuco, seguido por falta de vagas, e novamente a falta de interesse.

Na região Norte, estudamos os dados do Pará, com uma porcentagem pequena, mas com um número muito elevado de crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos fora da escola: 4,2%, o que corresponde a 89,6 mil jovens.

Figura 13: Gráfico de Números do abandono escolar no estado do Pará:

Números do abandono escolar

<p>Número total de estudantes das redes municipal e estadual que abandonaram a escola no estado:</p> <p>102.485 (6,3%)*</p>	Redes municipais		
	Ensino fundamental Anos iniciais	Ensino fundamental Anos finais	Ensino médio
	19.517 (2,77%)*	28.394 (6,75%)*	4 (3,28%)*
	Redes estaduais		
	Ensino fundamental Anos iniciais	Ensino fundamental Anos finais	Ensino médio
	1.721 (3,10%)*	7.749 (5,95%)*	45.099 (14,26%)*

*Taxa de abandono | Fonte: Trajetórias de Sucesso Escolar. Dados de 2018.

Fonte: Busca Ativa Escolar/municípios.

Figura 14: Gráfico sobre as causas da exclusão escolar no Pará:

Causas da exclusão escolar



Fonte: Busca Ativa Escolar – Cinco motivos mais citados. Os dados se referem aos casos em andamento e concluídos, filtrados por motivo. Números de 14 de setembro de 2020.

O estado do Pará aderiu à Busca Ativa Escolar.

Número* de municípios participantes da Busca Ativa Escolar no estado: **80**

Total de municípios no estado: **144**

* Número de 11 de setembro 2020. Esse dado está em constante atualização. Para informação em tempo real, acesse: <https://buscaativaescolar.org.br/municipio.php>.

No **Pará**, os principais motivos para a exclusão escolar de meninas e meninos de 4 a 17 anos informados pelos municípios participantes da Busca Ativa Escolar são a mudança de domicílio, viagem ou deslocamentos frequentes e o desinteresse pela escola e pelos estudos.

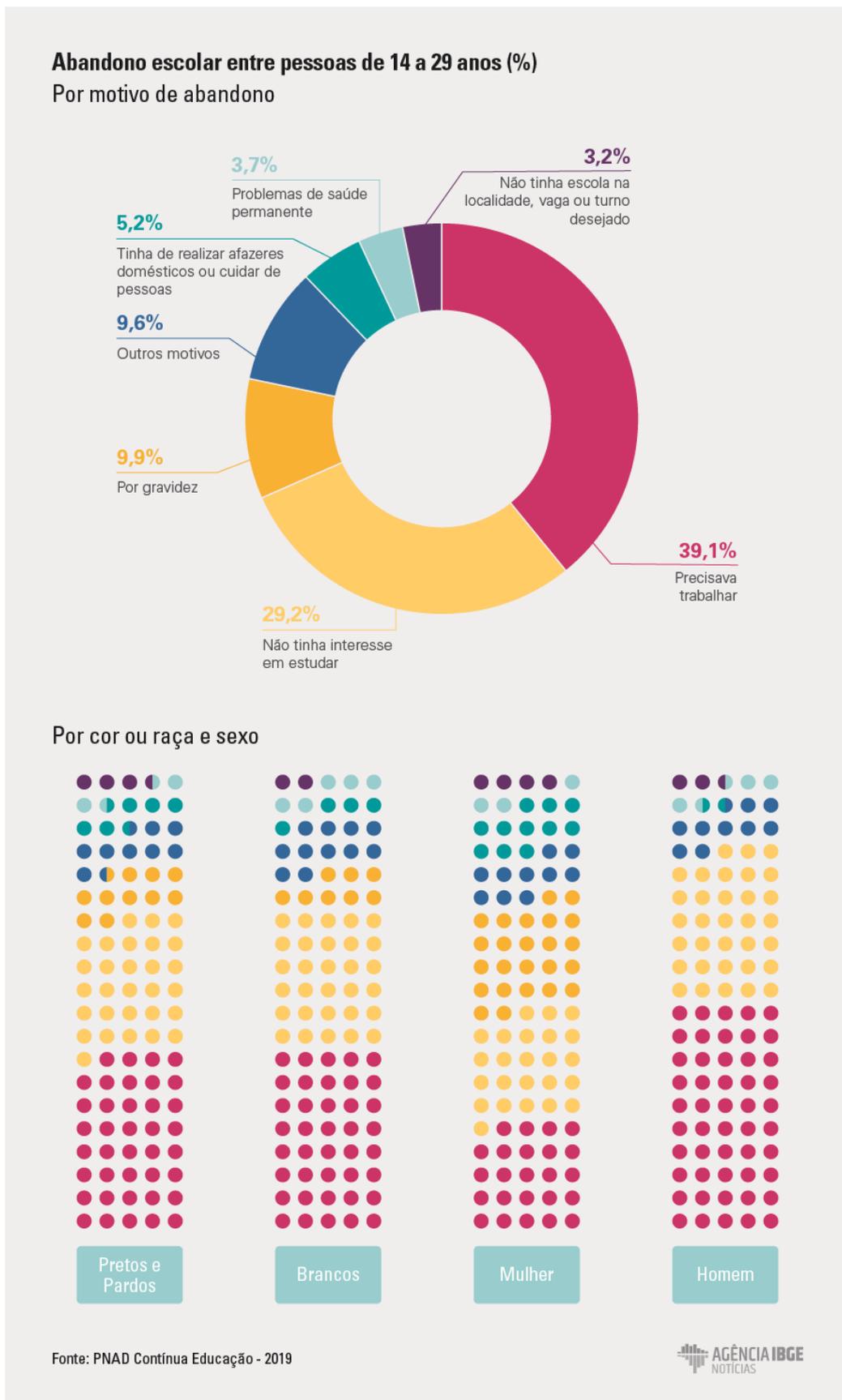
Fonte: Busca Ativa Escolar/municípios.

De acordo ainda com o PNAD 2019, cerca de 1,7 milhão de jovens entre 15 e 17 anos estão fora da escola, o que é cerca de 16% da faixa etária. Em 2018, 8.8% da população entre 15 e 17 anos estava fora da escola, segundo o IBGE. Assim, concluímos que encontramos grandes problemas neste espaço. Devemos entender o motivo desses jovens estarem fora da escola, e mesmo com as leis que punem os responsáveis pelo aluno não estar na escola não funcionar. Mesmo que com o passar dos anos as taxas estejam diminuindo pelo maior acesso à educação devido a diversas melhorias aplicadas ao passar das dificuldades, devemos encontrar maneiras de solucionar para que realmente esses números se esgotem ou reduzam de maneira significativa.

Uma pesquisa do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) publicada em dezembro de 2019, apontava uma queda na evasão escolar no ensino fundamental e médio. Segundo a pesquisa, a taxa de evasão do ensino fundamental caiu de 5% para 4,3%, ao passar dos anos de 2016 e 2017. À mesma época, no ensino médio passou de 11,1% para 9,1%. Nos anos iniciais do ensino fundamental, a taxa de repetência passou de 7,4% em 2014 para 7,1% em 2016 e a evasão escolar caiu 0,1%, atingindo 1,5% em 2016. Um ponto a se destacar é que com a redução de repetências, o número de desistência, ou seja, de evasão também cai. Parece ser uma taxa diretamente proporcional.

Abaixo está presente um gráfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que aponta o abandono escolar de pessoas de 14 a 29 anos. Mesmo que o tema principal do trabalho seja sobre o conceito da evasão escolar, é importante entendermos os números do abandono escolar, afinal, é a partir do abandono escolar que se vai para o caminho da evasão escolar com a radicalização do problema que leva o aluno a se encontrar cada vez mais distante da escola. Da mesma maneira que se engatinha para depois andar, se abandona para depois, caso a situação não seja resolvida, seguir a evasão.

Figura 15: Gráfico do abandono escolar:



O gráfico nos apresenta informações bem precisas que nos esclarecem muitas coisas. Uma delas é a questão da localidade. Muitas informações são frutos de diversos acontecimentos históricos que nos levaram a ter esses números. Veja que a porcentagem dos entrevistados negros e pardos que justificaram não estarem na escola por falta de prédios escolares nas proximidades, ou falta de vaga ou turno desejado é quase o dobro que os entrevistados brancos. Os outros números não eram de se esperar por conta de fatos históricos que nos levam a pensar o contrário, de que há mais pessoas negras precisando optar por trabalhar para ajudar com as despesas em casa do que brancos por causa de uma herança histórica vinda desde a era colonial.

Agora analisando a questão do sexo, a diferença dos números das mulheres aos homens é extremamente brusca. Além de terem mais um problema, a gravidez, a diferença dos números está relacionada com uma construção estrutural da sociedade de visão machista, onde mulheres não devem trabalhar e sim cuidar dos afazeres de casa, e muitas outras.

Com uma análise mais geral, veja que a maior porcentagem de justificativa da ausência em sala de aula é pela necessidade de trabalhar. Com o surgimento do jovem aprendiz a partir dos 14 anos, isso atrapalhou um pouco com o trabalho de redução de jovens fora da escola. Mesmo que a lei exija que para ser jovem aprendiz precisa estar matriculado, muitos jovens acabam não dando conta da carga de responsabilidades e atividades em se dedicar a dois mundos e optam por abandonar os estudos visando ser a melhor escolha. Muitos trabalham em empresas que não são legais, não sendo obrigados a estarem matriculados. Essa faixa etária está entre o 9º ano e ensino médio, tempo onde os jovens têm mais liberdade de escolher o que querem fazer. É comum ver pais dizendo: “16 anos, já é hora de trabalhar para ajudar em casa”, dando menos preocupação se esse jovem está estudando. Ser aluno não é apenas “estudar”, é aprender, é refletir, é cansativo, e exige muito da capacidade de pensar.

Para uma análise mais clara dos dados, construiu-se uma tabela com informações retiradas de documentos oficiais dos censos escolares do INEP, dados publicados pelo PNAD Contínua de 2019, Informações do IBGE,

especialmente relacionados a números populacionais, e também pela plataforma do Busca Ativa Escolar:

Gráfico 1: Análise de dados do INEP, IBGE, PNAD Contínua:

ÁREAS	ANO				
	2018	2019	2020	2021	2022
N° Escolas-Bra.	181,9 mil	180,6 mil	179,5 mil	178,4 mil	178,3 mil
N° Matrículas total	48,5 milhões	47,9 milhões	47,3 milhões	46,7 milhões	47,4 milhões
N° Matrículas EM.	7,7 milhões	7,5 milhões	7,6 milhões	7,8 milhões	7,9 milhões
N° Evasão total	2,1 milhões	1,1 milhão	342.806 mil	244.000 mil	
N° Evasão E.M.	915.455 mil	629.531 mil	486,2 mil	407,4 mil	

Fonte: IBGE (Censo populacional 2018, 2019, 2020, 2021); INEP (Censo Escolar, notas estatísticas de 2018, 2019, 2020, 2021, 2022); PNAD Contínua (Censo escolar de 2019).

3.8 Demais causas da evasão escolar no Brasil:

Suas formas de interpretação não permitem chegar a uma definição precisa de “evasão e abandono escolar”, uma vez que esta requer uma compreensão das relações entre os motivos de ingresso e a trajetória dos permanentes, dos desistentes e egressos desse público. (Silva Filho, R. B., & Araújo, R. M. de L., 2017).

A evasão escolar se dá por diversos motivos que somados levam o aluno a evadir. Nunca deve ser analisada a evasão de forma isolada como se

apresentasse um único fator que a causasse. Há fatores externos à escola e internos. Dos externos, pode-se destacar a questão da violência (as que estão fora do ambiente escolar), a questão socioeconômica, a família, cultura e projetos governamentais. Já os fatores internos, pode-se destacar a infraestrutura, projeto pedagógico, relação educador/ educando, matérias, conflitos e violência interna, além da questão da remuneração dos funcionários, em especial do professor.

As causas da evasão escolar se mostram diversas nas variadas regiões do país pelo simples fato da diferença de problemas sociais e/ou econômicos que vive cada cidade ou estado brasileiro. Novamente analisando os documentos do projeto “Busca Ativa Escolar” da UNICEF, dando também maior ênfase no estado de São Paulo, temos:

Estudos elaborados pelo UNICEF e parceiros apontam como principais fatores que dificultam o acesso e a permanência na escola a discriminação racial, a pobreza, a violência e a baixa escolarização dos pais, mães ou responsáveis. Assim, os(as) mais afetados(as) pela exclusão escolar são crianças e adolescentes negros(as), que vivem no campo, de famílias de baixa renda e cujos pais, mães ou responsáveis têm pouca ou nenhuma escolaridade. Entre os(as) mais excluídos(as) também estão meninas e meninos com deficiência, migrantes, quilombolas e indígenas, em situação de trabalho infantil, que vivem em unidades de acolhimento institucional, sofrem algum tipo de exploração e adolescentes em contato com a lei. Esse cenário se reete nas causas de exclusão escolar mais reportadas pelos municípios que aderiram à Busca Ativa Escolar no país: desinteresse, falta de infraestrutura escolar, violência, vulnerabilidade socioeconômica, preconceito e discriminação, entre outras. Em São Paulo, o principal motivo para a exclusão escolar de meninas e meninos informado pelos municípios participantes da estratégia no

estado é o desinteresse pelos estudos e pela própria escola. Em seguida, também são apontadas como causas mudança de domicílio, viagem ou deslocamentos frequentes [...] e a falta de documentação da criança ou do(a) adolescente.

Será utilizado como base para esse estudo aprofundado das demais causas que levam a evasão escolar dados quantitativos, que serão analisados e refletidos com diversos artigos e autores que esclareçam o motivo daqueles dados. Para tal, utilizou-se de uma lista disponível pela plataforma do Busca Ativa Escolar para causas da evasão que serão prioridade na análise, dividindo-as em temas.

3.8.1 Motivos dos casos de não frequência escolar de acordo com a plataforma Busca Ativa Escolar 2022: ³

789 - Criança ou adolescente com deficiência física

1329 - Criança ou adolescente com deficiência intelectual

944 - Criança ou adolescente com deficiência mental

505 - Criança ou adolescente com deficiência sensorial

1146 - Criança ou adolescente com deficiência(s) que impeça(m) ou dificulte(m) a frequência à escola

4372 - Criança ou adolescente com doenças (que impedem e/ou dificultem a frequência à escola)

706 - Criança ou adolescente em abrigos

21080 - Criança ou adolescente em situação de rua

3874 - Criança ou adolescente que sofrem ou sofreram abuso / violência sexual

518 - Crianças ou adolescentes migrantes estrangeiros

69686 - Evasão porque sente a escola desinteressante

16912 - Evasão porque sente a escola desinteressante (Desinteresse pela escola)

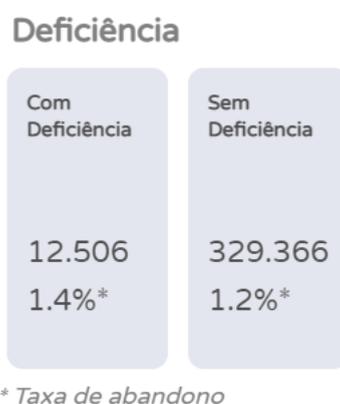
³ *Dados atualizados e coletados em 07/10/2022.

- 33692 - Evasão porque sente a escola desinteressante (Desinteresse pelos estudos)
- 4620 - Falta de infraestrutura escolar (Escola)
- 6806 - Falta de infraestrutura escolar (Vagas)
- 4096 - Falta de transporte escolar
- 762 - Falta de transporte escolar (Transporte escolar público)
- 311 - Falta de transporte escolar (Transporte público - ônibus, metrô, trem, balsa, barco etc.)
- 577 - Falta de transporte escolar (Transporte particular - veículo próprio)
- 2015 - Gravidez na adolescência
- 1008 - Trabalho infantil
- 381 - Uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas
- 821 - Violência familiar
- 77 - Violência na escola (Discriminação de gênero)
- 77 - Violência na escola (Discriminação racial)
- 69 - Violência na escola (Discriminação religiosa)
- 14 - Violência na escola (discriminação por orientação sexual)
- 165 - Violência na escola (bullying)
- 157 - Violência na escola (conflitos com outros estudantes)
- 95 - Violência na escola (conflitos da criança e/ou adolescente com funcionários, docentes ou gestores da escola)
- 486 - Violência no território
- 119 - Preconceito ou discriminação racial
- 4894 - Falta de documentação da criança ou adolescente
- 40599 - Mudança de domicílio, viagem ou deslocamentos frequentes
- 7772 - Adolescente em conflito com a lei

3.8.2 Questões ligadas à saúde (pessoas PCDs e com algum problema de saúde que dificultam ou impedem a frequência escolar): ⁴

⁴ *Dados atualizados e coletados em 07/10/2022.

789 - Criança ou adolescente com deficiência física
 1329 - Criança ou adolescente com deficiência intelectual
 944 - Criança ou adolescente com deficiência mental
 505 - Criança ou adolescente com deficiência sensorial
 1146 - Criança ou adolescente com deficiência(s) que impeça(m) ou dificulte(m) a frequência à escola
 4372 - Criança ou adolescente com doenças (que impedem e/ou dificultem a frequência à escola)



Fonte: Busca Ativa Escolar/ Brasil 2020.

A questão das pessoas com deficiência na inserção no meio escolar possui impasses desde o surgimento de projetos governamentais de inclusão desse grupo no sistema educacional.

Nessa perspectiva, a Educação Inclusiva norte-americana, assim como a de outros países, como o Brasil, limitavam-se apenas à inserção física desses alunos na rede comum de ensino, nos mesmos moldes do movimento de integração. Os alunos só eram considerados integrados quando conseguiam se adaptar à classe comum, da forma como esta se apresentava, sem que houvesse adequações no sistema educacional já estabelecido. Verifica-se, outra vez, a

coexistência das atitudes de educação/reabilitação e de marginalização em um mesmo contexto educacional (SILVA, CASTRO, BRANCO. 2006, p.6).

Foi-se percebendo que só a vontade de incluir pessoas com deficiência no ambiente escolar não bastava. Os projetos da década de 70 não tiveram tanto êxito. Logo percebe-se que o problema era a necessidade de modificação e adaptação do meio escolar para incrementar esse aluno no ambiente comum escolar.

Nas décadas de 80 e 90, teve início a proposta de Inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, numa perspectiva inovadora em relação à proposta de integração da década de 70, cujos resultados não modificaram muito a realidade educacional de fracasso desses alunos. A proposta de inclusão propõe que os sistemas educacionais passem a ser responsáveis por criar condições de promover uma educação de qualidade para todos e fazer adequações que atendam às necessidades educacionais especiais dos alunos com deficiência (SILVA, CASTRO, BRANCO. 2006, p.7).

É preciso que o sistema educacional como um todo, junto a seus administradores, analisem a questão da inclusão das crianças com deficiência no meio escolar como prioridade. Deve-se respeitar e incluir qualquer grupo de pessoas, realizando sempre uma remodelação do sistema educacional, seu ambiente físico e intelectual para que torne possível a agregação de diferentes pessoas no processo de humanização na escola, fazendo cumprir o verdadeiro papel da escola: ser de todos e para todos.

[...] Cabe ressaltar que a deficiência é considerada como uma diferença que faz parte dessa diversidade e não pode ser negada, porque ela interfere na forma de ser, agir e sentir das pessoas. Segundo a Declaração de Salamanca, para promover uma Educação Inclusiva, os sistemas educacionais devem assumir que "as diferenças humanas são normais e que a

aprendizagem deve se adaptar às necessidades das crianças ao invés de se adaptar a criança às assunções pré concebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem" (BRASIL,1994, p. 4).

Para tal atitude, é importante que pais e educadores busquem seus direitos sobre as crianças com necessidades especiais sobre o cumprimento da lei, solicitando recursos a órgãos governamentais. A evasão escolar sobre esse grupo tem um número significativo. A falta de assistência especializada para atender adequadamente esse grupo é um dos principais causadores da evasão escolar por parte de crianças e adolescentes PCDs.

Para a redução da evasão escolar desse grupo, é necessário o investimento na contratação de profissionais capacitados para atender as necessidades dessas crianças e adolescentes; Infraestrutura escolar adequada para a inclusão do aluno, além de projetos pedagógicos que trabalham com a interação de outras crianças e adolescentes com crianças PCDs.

A prática uniformizadora da escola vem comprometendo a pluralidade e a diacronicidade da aprendizagem, anulando ou minimizando a importância do respeito à diversidade e, dessa forma, desconsiderando as peculiaridades dos alunos com necessidades educacionais especiais, como sujeitos que merecem um olhar diferenciado (não preconceituoso ou discriminatório) do professor (SILVA, CASTRO, BRANCO. 2006, p.12).

3.8.3 Evasão escolar por questões ligadas à violência:

A violência se expressa de amplas formas na sociedade. Para MINAYO (2006), violência pode ser definida como qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo, instituição, classes ou nações dirigida a outrem, que cause prejuízos, danos físicos, sociais, psicológicos e (ou) espirituais. Qualquer tipo de violência pode influenciar, diretamente ou indiretamente, o meio escolar. A que influencia com maior intensidade a escola e as pessoas de seu interior, com especial aos alunos, nos dias atuais no Brasil é a violência interpessoal:

[...] a violência interpessoal, subdividida em violência comunitária e violência familiar, que inclui a violência infligida pelo parceiro íntimo, o abuso infantil e abuso contra os idosos. Na violência comunitária incluem-se a violência juvenil, os atos aleatórios de violência, o estupro e o ataque sexual por estranhos, bem como a violência em grupos institucionais, como escolas, locais de trabalho, prisões e asilos (COELHO, E. B. S.; SILVA, A. C. L. G.; LINDNER, S. R. 2014, p. 14).

A evasão escolar por violência de amplos casos e situações é um número elevado de acordo com as pesquisas da plataforma do Busca Ativa Escolar. De acordo com dados da plataforma com atualização em 2022^{**}, de todas as crianças e adolescentes do país das quais foram coletados os dados, e motivos da infrequência escolar, temos relacionado a violência:

- 821 - Violência familiar
- 77 - Violência na escola (Discriminação de gênero)
- 77 - Violência na escola (Discriminação racial)
- 69 - Violência na escola (Discriminação religiosa)
- 14 - Violência na escola (discriminação por orientação sexual)
- 165 - Violência na escola (bullying)
- 157 - Violência na escola (conflitos com outros estudantes)
- 95 - Violência na escola (conflitos da criança e/ou adolescente com funcionários, docentes ou gestores da escola)
- 486 - Violência no território
- 119 - Preconceito ou discriminação racial

** 5

Pode-se analisar que os números mais elevados estão relacionados à violência familiar, violência no território, violência na escola ligada ao bullying, e violência ligado ao conflito entre os próprios alunos.

⁵ ****Dados atualizados e coletados em 07/10/2022.**

Os adolescentes estão sujeitos a maior exposição à violência familiar e comunitária do que outras faixas etárias (UNICEF, 2012a), e a violência na adolescência se constitui em grave problema de saúde pública, que pode ser observado em todos os contextos de inserção – seja em famílias ou instituições (Braga & Dell’Aglío, 2012). Além disso, também as instituições criadas no intuito de educar e proteger os adolescentes, como as escolas, podem se constituir como espaços de violação de seus direitos (Fonseca, Sena, Santos, Dias, Costa, 2013), retirando a cidadania a quem deviam conceder. As violências no espaço escolar possuem diferentes denominações de acordo com a sua natureza: violência na escola, estabelecida nas relações sociais dentro desse espaço; violência da escola, que é violência simbólica estabelecida por meio de exclusão, discriminação e dominação pelo uso de poder; e a violência contra a escola, que se dá pela desvalorização social da instituição escolar e da carreira docente (Ristum, 2010). (GIORDANI, J. P.; SEFFNER, F.; DELL’AGLIO, D.D., 2017, p. 104).

Quando percebe-se que a violência familiar é uma das maiores causas da não frequência escolar por parte dos alunos, entende-se a importante influência da família na vida escolar de qualquer criança ou adolescente. Não basta apenas a melhor estrutura escolar, excelente sistema educacional, os melhores e bem remunerados profissionais da educação; é necessário projetos sociais que possam tratar da questão familiar e os vários tipos de violências que a criança ou adolescente sofrem em casa. Aqui se faz importante ações governamentais que busquem abordar a questão acerca de violência familiar como uma pauta social urgente, que tratando-a pode-se melhorar ou até erradicar outras questões, como a evasão escolar.

Assim, a família foi apontada como um dos determinantes do fracasso escolar da criança, seja pelas suas condições de vida, seja por não acompanhar o aluno em suas atividades escolares (QUEIROZ, L. D. p. 03).

A questão da violência no território tem relação direta com a falta de segurança e projetos sociais. A América Latina está no topo do ranking de narcotráfico. O Brasil sofre com a questão da violência comandada por facções. Torna-se mais vulnerável crianças e adolescentes de periferias em fazerem parte de grupos assim. Buscam acima de tudo, respeito, o que exatamente não andam encontrando na escola.

3.8.4 Evasão escolar por desinteresse:

69686 - Evasão porque sente a escola desinteressante

16912 - Evasão porque sente a escola desinteressante
(Desinteresse pela escola)

33692 - Evasão porque sente a escola desinteressante
(Desinteresse pelos estudos)

Esse aspecto de causa da evasão escolar atualmente no Brasil corrobora para a afirmação da importância desse trabalho. Veja que esse motivo para a não frequência dos alunos é o maior número de evasão que se encontra na lista feita pela plataforma do Busca Ativa Escolar. Esse causador é a maior prova de que existe mais um outro caminho que leva o aluno a evadir: a desumanização. Quer dizer: quando o aluno é tratado como um mero objeto da educação dentro de sala de aula através da educação bancária, ele é desumanizado, tratado como um objeto. Objetos são coisas passivas, que não pensam, não se expressam nem criam. Quando o aluno é tratado dessa forma, a escola perde seu sentido, já que ele não mais se sente protagonista. Para o aluno, sua presença não influencia nas discussões em sala de aula. Logo, esse segue o processo de evasão escolar, já que não é mais atrativo o ambiente escolar para ele. As pessoas buscam aquilo que mostre sua importância para as decisões, para as discussões, e quando o aluno não sente mais que sua participação importa, a escola se torna desinteressante, e ela pode se tornar segundo ou último plano em sua vida.

A educação alienante, ou seja, passiva, também é uma violência contra os direitos das crianças e adolescentes.

A função da educação pode ser alienante ou libertadora, dependendo de como for usada, quer dizer, a educação como tal não é culpada de uma coisa ou de outra, mas a forma como se instrumenta esta educação pode ter um efeito alienante ou libertador. (FERNANDEZ, 1991, p. 82).

O processo de desumanização do aluno em sala de aula através da educação bancária é um processo violento, pois proíbe os indivíduos de pensar. Pior, tiram a capacidade de os indivíduos pensarem. Quando se analisa os números avassaladores de evasão por falta de interesse, é graças a diversos causadores que os levam a tal. Se não sentem interesse, é porque o processo de desenvolvimento humano não se tornou natural. Não porque o mundo para ele não importa, mas porque ações externas ao aluno dito como desinteressado que o impede de buscar os saberes.

A relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender. (...) é o conjunto (organizado) das relações que um sujeito mantém com tudo quanto estiver relacionado com o 'aprender' e o saber (CHARLOT, 2000, p. 40).

Faz-se necessário que busquemos novamente o sentido da escola para os alunos, fazendo com que eles mesmos sintam interesse pela escola. Para tal, muitas mudanças devem ser tomadas, desde a infraestrutura, até na melhor remuneração do corpo docente e melhoria na parte pedagógica.

Veja, se não existe uma ativação do papel do aluno, sua participação não é ativa, torna-se desmotivador estar na escola. Na medida com que se faz claro como é a escola e qual é o papel do aluno nela para os próximos anos até a chegada da sua fase adulta, estar na escola se mostra perda de tempo.

3. 8. 5 Ensino pouco estimulante: a falta de infraestrutura e má remuneração do corpo docente como caminho para a educação bancária:

A educação surgiu desde os primórdios, e está em constante movimento de mudanças no seu modo de se transmitir o conhecimento para as pessoas. Isso porque, o modo como interagimos com o mundo à nossa volta e a maneira como o enxergamos, influenciam no modo de aprendizagem. O avanço do conhecimento das ciências e de muitas outras áreas são as principais responsáveis pelas mudanças de como se ensina.

O modo como se iniciou a prática do agrupar para ensinar certo ofício se deu desde os primórdios da humanidade, que começaram a juntar jovens e crianças para ensinar estratégias de sobrevivência, como pesca, caça, plantio e colheita, entre diversas outras coisas. Aqui, podemos ver que a educação se dá a partir da cultura de cada povo, cada região. Desse modo, entendemos que não podemos aplicar um método único de ensino para crianças e jovens do nordeste do Brasil, e de crianças do sul da Prússia, por exemplo. São culturas diferentes, cotidianos diferentes, experiências e visões de mundo diferentes. Não há como uniformizar um modo de ensino para populações com vivências distintas. Mesmo em um mesmo território, o método de ensino irá se diferenciar, o que não ocorre 100% das vezes, trazendo baixa qualidade no ensino.

Pense no método de ensino de alfabetização de Paulo Freire para adultos (ressaltando que seu método foi criado exclusivamente para adultos, e não crianças. Há maneiras de utilizar o método de forma adaptada para crianças, mas jamais utilizar o mesmo método de alfabetização para adultos com crianças. Há comprovações que não trazem bons resultados a ausência de separar como ensinar crianças e como ensinar adultos), onde ele busca palavras ligadas ao cotidiano dos alunos (chamadas de palavras geradoras) para que possam aprender com mais facilidade de acordo com sua realidade. Tentar ensinar coisas que são completamente distantes da realidade do aluno o dificulta de aprender. Não digo que seja incorreto ensinar outras culturas, mas que o método de ensino em si precisa se adequar a realidade de quem irá aprender, fazendo um modo de atração do aluno sobre aquele tema ou aula.

O modo de educação que conhecemos hoje está completamente associado a um dos grandes e principais acontecimentos históricos que influenciou todo o planeta a mudanças radicais que estão presentes até a

atualidade: a Revolução Francesa. Nela é que se inicia o processo de atuação de desvincular o conhecimento transmitido para a sociedade através da igreja, para um conhecimento dado a partir do estudo e análise da natureza, valorizando e engrandecendo a razão e o conhecimento científico.

Foram os integrantes do movimento iluminista, (movimento que teve origem na França, no século XVIII) que foram os principais responsáveis pela difusão do conhecimento lógico e intelectual desvinculado da fé para solucionar questões da sociedade e da natureza, dando origem ao “Século das Luzes”. Eles também foram responsáveis pela separação das matérias que temos até hoje, como história, português, matemática, química, física, e muitas outras. Foi uma maneira encontrada para melhor organização das áreas de conhecimento com características específicas. Vejamos que este método perdura até os tempos atuais e mostram quão eficiente foi e continua sendo, mesmo com algumas alterações durante o passar dos anos que se fez e faz necessário.

O caminho que queremos trilhar nesta reflexão, é que muitas formas de se ensinar seguem alguns padrões antigos, dos quais muitos não mostram êxito nos resultados com os jovens. O mundo se modifica ao longo da história, e é preciso na maioria das vezes, correr juntamente a ele para que o que se ensina e como se ensina se encaixe na realidade atual do aluno. Será que realmente o professor orientar os alunos a irem às bibliotecas em busca de informação em livros funcionaria? Não! Isso pode até incentivar jovens à prática da leitura e busca de informações, o que fez gerações passadas desenvolverem muito mais essa habilidade da leitura de enciclopédias e outros, mas talvez isso não se encaixe hoje na realidade do aluno. Basta ele dar alguns “cliques” na palma de sua mão, que ele terá todas as informações necessárias para o que procura e sem muito esforço.

Vejo muitos dizerem que com a evolução das altas tecnologias, todas as profissões, ou a maioria delas serão extintas para no lugar terem máquinas e sistemas tecnológicos. Não concordo, afinal, hoje muitos alunos possuem acesso a milhares de informações em seus aparelhos-celulares, mas jamais esse aparelho poderá substituir a funcionalidade de um professor. Se fosse assim, o papel do professor já teria se acabado quando surgiu a literatura, a forma de transmitir conhecimento e informações através de palavras, já que o

educando só precisaria ler e tudo se resolvia. Porém, não é essa a funcionalidade de um professor, um educador. Como esse jovem aprenderia a ler os livros? Como saberia se o que concluiu a partir da leitura está correto? Nunca, na minha percepção, o professor deixará de ser necessário para se ensinar. É ele quem forma o Técnico de Sistemas, o Médico que cuida desse técnico, o operário da máquina, e muitas outras profissões que só são capazes após passarem por um professor. É graças a essa profissão que existe o pensamento crítico sobre o mundo, o que torna essencial a existência desse profissional.

Novamente, Leandro Karnal diz uma fala a respeito do assunto na palestra em Vitória da Conquista sobre a *“Jornada da educação- educação e sociedade com relação ao homem e mundo”*:

[...] A internet dá o acesso aos alunos de informações rápidas e precisas. Ela fornece às pessoas muitos dados, mas não fornece nenhum critério e nenhuma possibilidade de julgar se esses dados são corretos ou não. A internet abre um mundo, mas não consegue dizer qual parte é boa e qual parte é ruim. [...] E eu, professor, tenho que seduzir um aluno que tem acesso a essas informações. [...] Hoje, as imagens que mostro em uma projeção de slides são inferiores ao cinema 3D e são inferiores a tela do computador. [...] É muito mais difícil captar a atenção das pessoas.

O mesmo ocorre com estratégias que não condizem com a realidade do aluno, como no exemplo da biblioteca, ocorre com aulas expositivas em sua integralidade. Não digo que esse método de aula seja ruim ou algo do tipo, mas que é uma maneira que transforma o aluno em um ser passivo. Muitos preferem esse tipo de aula pelo fato de ser cômodo. O aluno precisará apenas ouvir ou escrever. Não há um esforço da parte do aluno de reflexão, o que torna o aprendizado menos enriquecedor.

Quando o jovem se sente com falta de conhecimento, ou seja, se vê como alguém desprovido de conhecimento, surge a desmotivação, o que pode levar a falta de interesse em se manter na escola. Hoje, a repetição no modo

de se dar aula traz o aluno a se sentir desanimado em assistir e acompanhar as aulas, já que ele não se sente como alguém que pode contribuir com dúvidas, reflexões e outros, pois a aula é apenas ouvir o professor e copiar a lousa ou os extensivos textos dos livros didáticos. Esses problemas da desmotivação e desinteresse juntamente com diversos outros fatores internos da escola ou externos, podem levar o aluno a seguir o caminho da evasão escolar.

Analisando os números da evasão escolar da lista usada como base, temos:

4620 - Falta de infraestrutura escolar (Escola)

6806 - Falta de infraestrutura escolar (Vagas)

Entende-se que além do discutido, as crianças não têm acesso a uma escola que seja atrativa. Temos na internet um mundo de informações, o que cria-se na atualidade um apagamento da importância da escola. Se consigo estudar com técnicas mais eficientes com aulas virtuais que expõem de uma infraestrutura mais tecnológica e que atraia o aluno, para quê ir para a escola e ter aulas que tenham poucos ou nenhum material que permita novas didáticas?

Utilizou-se de entrevistas já realizadas de outros autores que pudessem incrementar o trabalho, fazendo desnecessário novas pesquisas e entrevistas.

A terceira pergunta indagava os principais motivos para os alunos não frequentarem a escola. Segundo Rosa, o principal motivo para os alunos da escola faltarem às aulas e sentirem desmotivados a continuar é a dificuldade de acompanhar as aulas. Disse que especialmente os alunos advindos da rede pública de ensino sentem muitas dificuldades em acompanhar o restante da turma. Beta marcou três motivos para os alunos não frequentarem a escola: o primeiro seria a falta de professor ou greve, o segundo seria a necessidade de trabalhar ou de procurar trabalho e o terceiro seria a desmotivação dos alunos em acompanhar as aulas. Ela justifica esse desinteresse pela falta de incentivo aos profissionais e aos materiais disponíveis em sala de aula, o que

produz aulas pouco atrativas para os alunos "- aulas com giz como se dava há 30 anos atrás. Isso não é atrativo... muito desestimulante já que eles têm internet, têm tudo. Hoje você tem uma aula super maneira no youtube." (BARROS, Amanda K. M. 2016, p. 09).

Quando o professor é mal remunerado pelo seu serviço, sua profissão e tempo dedicado à educação e desenvolvimento do país pelo conhecimento é desvalorizado, logo perde a motivação de dar aula, criar novos projetos pedagógicos, já que o que faz é desvalorizado ou não tem apoio financeiro. A ausência do docente nas escolas (especialmente públicas) se torna frequente, já que busca outros meios de complementar sua renda, se desgastando rapidamente ao longo do tempo, e buscando escolher estar presente onde garante sua sobrevivência. O aluno quando percebe que nem professor mais tem, cataliza seu processo de evasão escolar.

3.8.6 Evasão por atraso escolar:

Segundo o Censo Escolar 2018, as redes públicas municipais e estaduais do Brasil somavam 6,4 milhões de estudantes com dois anos ou mais de atraso e 2,6 milhões de estudantes reprovados(as). O fracasso escolar atinge principalmente as meninas e os meninos que já são privados(as) de outros direitos constitucionais. (Busca Ativa Escolar).

O déficit na qualidade da educação no Brasil acabou reduzindo drasticamente o quanto as crianças sabem sobre os assuntos básicos que devem (ou deveriam) saber em certa idade. Criou-se um documento que padronizasse todos os saberes, esquecendo das desigualdades regionais não apenas socioeconômicas, mas intelectuais. Por diversos fatores que fazem com que as crianças e adolescentes tenham que repetir certo processo escolar (um ano letivo), faz com que intensifique para a maioria deles, a vontade de desistir da escola. A pressão social de que todos devem e aprendem da

mesma forma e na mesma velocidade faz com que a repetência seja uma catástrofe para aqueles que precisam repetir uma série escolar.

A faixa etária padrão que compreende o ensino médio é dos 15 aos 17 anos de idade. Contudo, muitos dos alunos que estão nessa faixa ainda não alcançaram essa etapa do ensino. Esse atraso escolar é devido às inúmeras reprovações e ao abandono da escola (BARROS, Amanda K. M, 2016, p.03).

Deve-se deixar claro que o atraso escolar pode-se dar não só pela repetência, mas até pelo abandono escolar durante certo período por amplos motivos. Quando há casos de atraso escolar por abandono escolar, significa que esse aluno, por algum(ns) motivo(os) deixou a escola, mas retornou. Uma vitória para o sistema. Porém, a escola e o sistema educacional não mudam muito para evitar que aquele aluno abandone novamente a escola, ou pior, abandone de vez, indo para o caminho da evasão. Quando ele volta para a escola, o bullying, por ser mais velho, e as pressões sociais e “tabus” a respeito de alunos repetentes faz com que ele volte a abandonar a escola, sendo em vão seu retorno inicial. Segundo o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 2019, a cada 100 estudantes do Ensino Médio, 15 são reprovados.

Portanto, os indicadores que foram apresentados evidenciam a necessidade de se pensar sobre as causas para evasão escolar no ensino médio. Um dos possíveis motivos para o jovem desistir de cursar essa fase do ensino pode ser o seu próprio atraso escolar. Conforme os indicadores mostraram, um percentual significativo de adolescentes que deveriam cursar o ensino médio, encontram-se ainda fazendo o ensino fundamental “Diversos estudos indicam que o atraso escolar é um dos grandes motivadores da evasão definitiva. Logo, a regularização do fluxo escolar é considerada um importante mecanismo de redução do abandono escolar.” (RIBEIRO, 1991). Esse atraso escolar acaba sendo uma fonte geradora para a vontade de não concluir a educação básica.

Assim sendo, as inúmeras reprovações dos alunos do ensino fundamental é um tema importante para ser trabalhado pela política de educação brasileira (BARROS, Amanda K. M, 2016, p.08).

3.8.7 Evasão escolar na questão socioeconômica:

A condição socioeconômica, geralmente medida por índices de renda familiar e escolaridade dos pais, pode incidir significativamente sobre o desempenho e comportamento do estudante, determinando desde suas aspirações e o quanto ele vai obter de apoio, até os serviços de que vai dispor na busca por uma aprendizagem mais eficaz (FIGUEIREDO, N. G. da S.; SALLES, D. M. R. 2015, p. 07).

A evasão escolar tem relação direta com as questões financeiras do aluno. Isso impacta diretamente na vida dele, como nas prioridades e sonhos. Percebeu numa análise mais acima sobre a questão do abandono escolar por precisar trabalhar. Torna-se comum em famílias economicamente desestabilizadas pedir para que os filhos a partir de certa idade procurem ofícios que tragam recursos financeiros para o lar, em prol da colaboração do sustento da criança/ adolescente e da família em geral.

Quando o trabalho torna-se uma obrigação na vida do aluno, seu tempo que poderia dedicar-se aos estudos será comprometido. Seu rendimento escolar irá reduzir.

Infelizmente, cria-se quase um modelo para tal questão: alunos de escola pública, maioria negros e moradores de regiões periféricas e/ou precárias. A tabela abaixo mostra em asterisco, a taxa do abandono escolar no Brasil em 2020:

Cor/ Raça

Não Declarada	Branca	Preta	Parda	Amarelo	Indígena
78.560	79.696	17.241	159.248	866	7.195
1.1%*	0.9%*	1.7%*	1.4%*	1.1%*	3.0%*

Fonte: Busca Ativa Escolar/ Brasil 2020.

É essa escola das classes trabalhadoras que vem fracassando em todo lugar. Não são as diferenças de clima ou de região que marcam as grandes diferenças entre escola possível ou impossível, mas as diferenças de classe. As políticas oficiais tentam ocultar esse caráter de classe no fracasso escolar, apresentando os problemas e as soluções com políticas regionais e locais. ARROYO (1991:21).

É uma herança colonial do país que impacta até os dias de hoje. Não há como negar que a ideologia dominante quer apagar essa questão de desigualdade, seja sendo a favor do fim dos projetos sociais, ou para a aniquilação do conhecimento dentro das classes dominadas. Percebe-se isso quando o professor de escola pública recebe demasiadamente menos que de escolas particulares, e sabemos o quanto isso afeta a educação para a classe trabalhadora.

[...]desnutrição pregressa, mesmo moderada, é uma das principais causas da alteração no desenvolvimento mental, e mau desempenho escolar. As crianças desnutridas se tornam apáticas, solicitam menos atenção daqueles que as cercam e, conseqüentemente, por não serem estimuladas, têm seu desenvolvimento prejudicado (SILVA, 1878).

A questão social afeta gravemente crianças e adolescentes no seu desempenho escolar. Isso porque muitos não têm direito ao tempo em sua integridade para dedicar-se aos estudos. Muitos se vêem na obrigação de trabalhar para sustento da família e de si, tendo que dividir meu período de tempo fora da escola para o trabalho, chegando exaustos na escola.

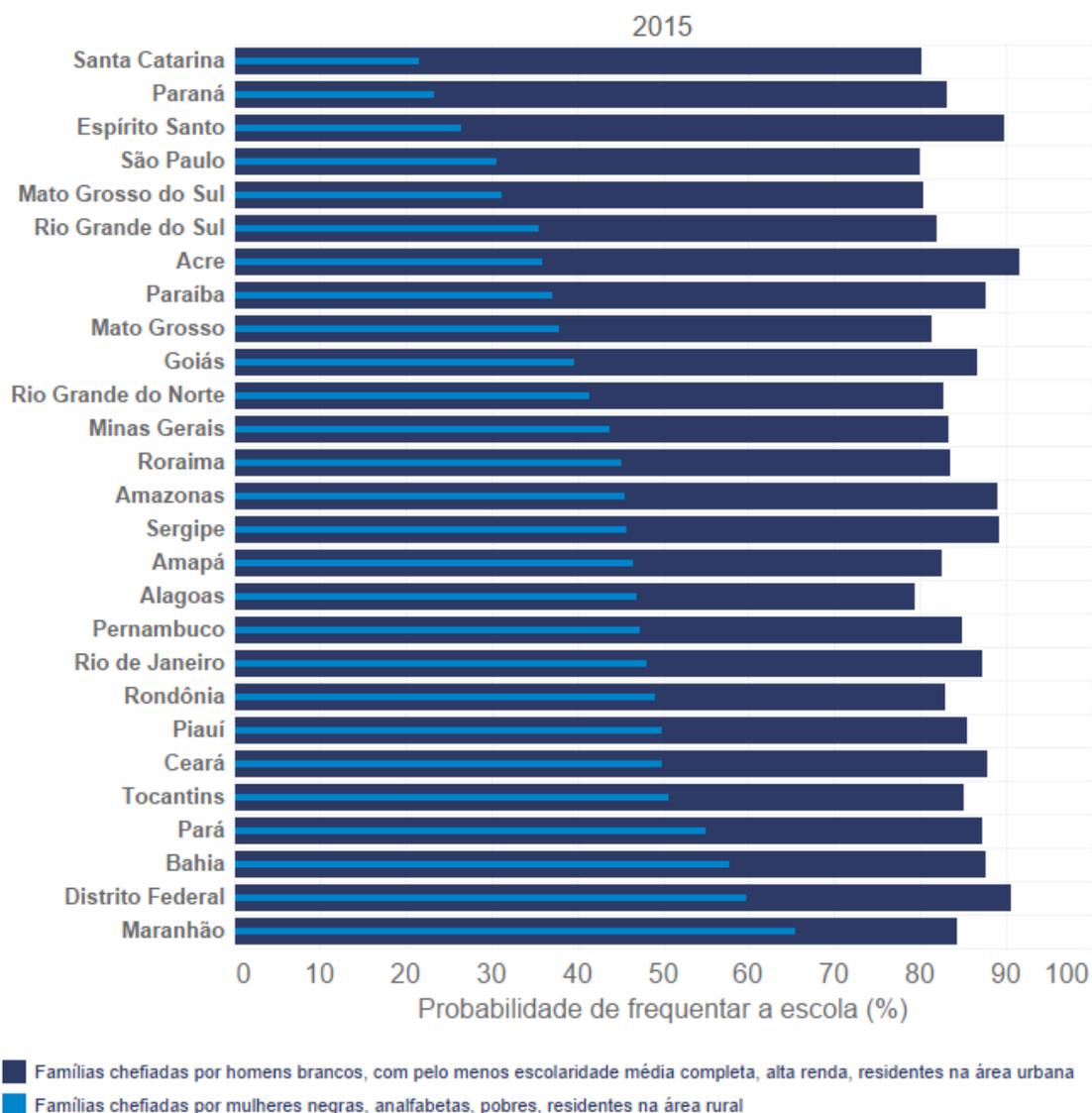
A questão da desigualdade escolar entre as classes (dominante e dominado) é que os filhos da classe dominante têm a liberdade de dedicar seu tempo exclusivamente aos estudos ou atividades de seu gosto que colaborem para seu desenvolvimento. Diferente dos filhos da classe dominada, que desde cedo precisam dedicar seu tempo ao mercado de trabalho, exploração contínua e tarefas pouco remuneradas e com baixa necessidade de utilização da capacidade mental. Mais uma vez são tratados como meros objetos que servem apenas para realizar trabalhos, sem pensar ou se expressar. Pode-se dizer que o processo de desumanização não está só no ambiente escolar. O sistema é desumano para a classe dominada. Quando o obrigada a deixar a escola para sustentar a si e a família, começa o processo de desumanização por ser obrigado a se distanciar da escola e da oportunidade de se completar no desenvolvimento humano. Logo após, esse processo de desumanização se torna um ciclo que não tem fim. Esse aluno fará por todo sempre trabalhos pouco remunerados por ser pouco qualificado. Não foi porque quis não se qualificar, mas porque o sistema o obrigou.

Segundo Figueiró (2002), a pobreza é um fenômeno social que se evidencia a cada momento do nosso cotidiano. Há, porém, muito o que se discutir e aprofundar sobre esse aspecto, especialmente numa época em que o capitalismo em sua versão neo liberal, impõe-se como sistema social hegemônico no mundo, mostrando-se cada vez mais desumanizador e cruel na sua lógica. As grandes contradições sociais, como, por exemplo, fome, desemprego, exclusão social, revelam que a pobreza não é um processo natural, uma

vez que análises históricas e sociológicas demonstram que ela é construída socialmente. É, portanto, resultado de relações sociais injustas e contraditórias que estamos vivendo. (MONTEIRO, V. B.; ARRUDA, E. F, 2011).

O gráfico a seguir deixa mais visível tal questão social:

Gráfico 2: Gráfico da representação da desigualdade socioeconômica no Brasil:



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua- PNAD, (IBGE).

Veja, à medida com que a sociedade elitiza certos saberes, ou seja, toma posse, poder sobre eles, a classe oprimida pouco ou nada terá acesso. A escola, como instituição que atende as demandas dessa elite, cobrará

certamente os mesmos saberes que são acessados exclusivamente pela classe dominante. Se o jovem que se encontra em um estado de vulnerabilidade social não tem acesso a priori dos saberes cobrados como saber comum a todos na escola, como ele terá sucesso no ambiente escolar? O que é tratado na escola não faz parte da sua realidade, não serão facilmente associados com outras áreas do conhecimento com velocidade, pois na escola é que ocorrerá seu primeiro contato com aquele universo. Voltamos novamente a Paulo Freire e a reflexão que o filósofo Mário Sérgio Cortella faz sobre o ensinar de cartilhas que implantam saberes sem que esses saberes se tornem verdadeiramente aprendidos, afinal, para o menino e a menina privados de universos do conhecimento, entender algo que não está em sua realidade é uma tarefa profundamente árdua no seu fazer. Se difícil entendem aquilo que nunca viram e pouco verão, se eterniza um processo de exclusão de um grupo socioeconomicamente afetado, e que agora é afetado pelo acesso ao saber, e que se não os cabe o saber da elite, serão obrigados a sobreviver na selva da opressão.

3.9 Abandono e evasão escolar: o processo de desumanização segundo Paulo Freire:

Vemos a educação como um meio de qualificação da população para o mercado de trabalho, quando seu papel não é apenas esse. A educação tem um papel fundamental na formação de indivíduos críticos e ativos para mudanças no mundo. Indivíduos conhecedores de si e de um horizonte do universo cada vez mais extenso são capazes de reconhecer os problemas ao redor e buscar de forma criativa a solução, sendo a educação responsável especialmente pelo processo de humanizar cada vez mais os indivíduos.

Educar-se é colocar-se em questão, reafirmar-se constantemente em relação ao humano, em vista do mais humano para o homem (GADOTTI, 2001, p. 89).

Quando digo que a educação humaniza, não significa que o indivíduo que não tem contato com a educação é um ser não classificado como um *Homo sapiens*, mas que esse indivíduo perderá a oportunidade de ter contato

com algo que é especificamente do ser humano: o conhecimento. O conhecimento colabora com o nosso olhar crítico sobre o mundo; nos torna capazes de entender como certas coisas funcionam, nos permitindo desenvolver mais aquele objeto, criando novas tecnologias que nos ajudem com as atividades cotidianas.

É preciso ressaltar que é de suma importância os estudos para uma criança e adolescente, ou seja, a sua permanência dentro do ambiente escolar. Iniciamos uma busca para entender a importância do estudo e relacionarmos o processo de evasão ligada a um certo problema de modo mais específico: a desumanização do ser em sala de aula (ressaltando que a evasão possui suas causas por diversos fatores diretos e indiretos que atingem o aluno, o levando a evadir, mas aqui, busca-se argumentar e defender a ideia de que a desumanização também é um fator de grande influência para o processo de evasão) a partir de escritos de uma tese de Paulo Freire escrita no âmbito do contexto do Brasil de 1967.

Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997), nascido em Recife, Pernambuco, educador e filósofo prestigiado por diversos países pelos seus trabalhos e obras. Defendia uma educação ativa para a construção do conhecimento a partir de uma boa relação entre professor e aluno de forma horizontal, não vertical, ou seja, que ambos aprendessem e se completassem no ato de educar. Paulo Freire conceitua sobre a educação bancária no artigo de 1967, "Papel da educação na humanização", mas o concretiza e discute de forma meticulosa no livro "A pedagogia do Oprimido", de 1968.

O conceito de "Educação Bancária" refere-se ao depósito de saberes adquiridos pelo professor sobre os alunos, os quais seriam seres completamente "vazios", sendo vistos como meras caixas passivas de sua própria educação. Percebe-se que essa ação se torna, além de opressiva (os alunos não possuem espaço para a expressão de seus saberes subjetivos, pois são vistos como caixas, objetos que nada possuem), absolutamente desumana, pois trata os alunos como objetos, caixas vazias a espera do depósito do professor, também objeto.

O desenvolvimento humano se dá à medida que se afasta da sua natureza primitiva e instintiva de animal como o é e sempre será. A questão é que quanto mais se aprende, se absorve cultura e conhecimentos, mais se afasta do estado de natureza, o que diferencia os *Homo sapiens* do restante do reino animal. Porém, entende-se que nenhum ser se mostre ao mundo como uma tabula rasa, como o contratualista John Locke estabeleceu. Pois, como falou Paulo Freire, “Não há saber mais ou menos, mas apenas saberes diferentes”. Somos seres em completude que nos desenvolvemos, nos tornamos “mais humanos” à medida que nos conectamos com outros seres e aprendemos com eles. Enquanto um tem discernimento profundo sobre as Leis Trigonométricas, um aluno pode ter saberes profundos sobre os cuidados adequados a aves, por exemplo. E conforme um professor explica sobre o triângulo retângulo, o aluno, aberto a entender e cativado sobre o assunto, pode questionar se estaria correto ver a trajetória de um pássaro que segue um caminho na diagonal e outro com um percurso sobre os catetos chegando ao mesmo instante sobre um certo ponto.

Faz-se negativo a educação bancária a partir do momento em que o que se transmite não traz nenhum significado para o aluno. Se não existe vínculo com aquelas informações, de nada adianta depositar, pois rapidamente será descartado como desnecessário e desinteressante. Torna-se fundamental que o material preparado para as aulas cativem o aluno de alguma maneira. Existem outras visões sobre a educação bancária, mas que giram em torno de um mesmo ponto: a necessidade de cativar.

Há vantagens em se receber conhecimentos que são transmitidos pelos professores, desde que estes estejam adequadamente preparados e possuam significado profundo para cada pessoa particularmente, conforme seu desenvolvimento integral (LINS, M., 2011, p. 11).

Para uma melhor compreensão do conceito de “Educação Bancária”, tratada por Paulo Freire e importante para compreender a origem da desumanização do aluno em sala de aula, foi feito esta maquete com o intuito de ilustrar o conceito:

Figura 16: Maquete ilustrativa da “Educação Bancária” de Paulo Freire:



Fonte: Autoria própria; fotografia de Domingues/ CMNH.

O cenário superior que se encontra invertido pretende ilustrar o processo de “Educação Bancária”, enquanto o cenário inferior a “Educação Libertadora”, ambos discutidos por Paulo Freire no artigo de 1967 que antecedeu o livro “A Pedagogia do Oprimido”, de 1968. Veja que os alunos juntamente com o professor no cenário superior possuem a cabeça em formato de caixas que estão vazias, simbolizando a ideia de seres vazios à espera do depósito. Dentro da cabeça/caixa do professor há alguns papéis escritos, iguais aos na mesa de cada aluno, que reagem de forma passiva àquilo. Tal representação busca mostrar que o professor, assim como Paulo Freire diz, também se tornou anteriormente em um ser-coisa para dar continuidade ao processo de coisificação dos indivíduos. É um sistema proposital. Quanto mais seres-coisa, mais fácil se torna a manipulação. Afinal, não há indícios de que objetos falem, se expressem ou supliquem por direitos. Logo, seria também o professor vítima de uma desumanização concretizada em um sistema educacional que busca impedir a reflexão, a modificação do mundo, buscando que os indivíduos se adequem ao mundo, não que sejam “homem como um ser no mundo com o mundo” (FREIRE, 1967, p. 124).

Do contrário, Paulo Freire propôs uma outra forma de educação: uma educação libertadora, em que “não existem saberes mais ou saberes menos, mas sim saberes diferentes”, representados por bolinhas de cores diferentes em cada cabeça dos bonecos na maquete. Se torna um espaço diferente, com uma dinâmica diferente, em que o educador se abre a aprender também com o que cada aluno traz como bagagem. Nenhum ser é alguém vazio, todos têm algum conhecimento para transmitir. Assim, a visão e metodologia pedagógica se modifica, permitindo que os alunos sejam protagonistas da sua própria educação, evitando a continuação de um ciclo de desumanização.

Ao analisarmos a visão de Paulo Freire para o papel da educação na humanização em uma tese que é objeto de pesquisa do trabalho, publicada inicialmente em uma revista chamada: *Desenvolvimento Econômico e desenvolvimento político- Hélio Jaguaribe/ Capítulo 6- Papel da Educação da Humanização- Paulo Freire. Revista Paz e Terra, São Paulo, n.9, p. 123-132*, encontramos uma contemporaneidade na problematização que o autor trata; logo, buscamos fazer um balizamento do pensamento de Paulo Freire, com o objetivo de refletir sobre a questão da desumanização do ser no processo de evasão escolar presente até os dias atuais. Não só, mas tratar um processo de cotejamento de seus pensamentos com alguns outros autores e com conclusões e reflexões de minha própria autoria após longo estudo a respeito do tema. Nela, encontramos uma profunda reflexão sobre usar a educação como um objeto, entre outros que colaboram para o discernimento da importância de revermos o modo como aplicamos a escolarização dos alunos para que por esse motivo específico não acarrete ou ajude na evasão escolar.

A educação é algo humano. Somos seres que ao longo do tempo, evoluímos até nos tornarmos *Homo sapiens*. Estes, classificados como seres racionais, possuem o que chamamos de “pensar”. Somos os únicos animais que são racionais e capazes de criar a partir do pensamento, reflexão. Logo, criamos coisas e devemos passar esse conhecimento adiante de acordo com o crescimento da espécie humana, para as gerações seguintes.

O que corrobora com a afirmação? O próprio Freire no mesmo escrito:

[...] Ambas, humanização e desumanização, são possibilidades históricas do homem como um ser incompleto e consciente de sua incompleticidade. Tão-somente a primeira, contudo, constitui sua verdadeira vocação. A segunda, pelo contrário, é a distorção da vocação. [...] Essa dupla possibilidade[...] é um dos aspectos que explicam a existência como um risco permanente. Risco que o animal não corre, por não ter consciência de sua incompleticidade, de um lado, e por não poder animalizar o mundo, não poder se desanimalizar, de outro. O animal em qualquer situação em que se encontre, no bosque ou num zoológico, continua sendo um “ser em si”. [...] O homem por sua vez, como um “ser para si”, se desumaniza quando é submetido a condições concretas que o transformam num “ser para outro” (FREIRE, 1967, p. 127).

E começamos com a primeira frase do trabalho de Freire para corroborar com o pensamento acima: “Não se pode encarar a educação a não ser como um quefazer humano.” A educação deve ser vista, tratada e feita como algo inteiramente humano. Fazendo um cotejamento de reflexões anteriores, a educação está ligada com o racional, que pode ser vista como característica única dos *Homo sapiens* (e de alguns outros nossos irmãos no processo de evolução que se extinguiram ao longo dos séculos, e que também eram *Homo* - humano), ou seja, dos seres humanos. Logo, a educação deve ser realizada diretamente para o humano, e portanto, uma educação de característica para todo o sempre humanizada. Freire diz também: “[...] educação como um fenômeno humano nos envia a uma análise[...]do homem.”

Quando pensamos em educação, devemos pensar também nesse ser que será o receptor desse saber. Citarei um trecho do texto de Paulo Freire do mesmo compilado tratado como objeto de pesquisa:

Não pode existir uma teoria pedagógica, que implica em fins e meios da ação educativa, que esteja isenta de um conceito de homem de mundo. Não há, nesse sentido, uma educação neutra. Se, para uns, o homem é um ser da adaptação ao mundo (tomando-se o mundo não apenas em sentido natural, mas estrutural, histórico-cultural), sua ação

educativa, seus métodos, seus objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se para outros, o homem é um ser de transformação do mundo, seu quefazer educativo segue um outro caminho. Se o encaramos como uma “coisa”, nossa ação educativa se processa em termos mecanicistas, do que resulta uma cada vez maior domesticação do homem. Se o encaramos como pessoa, nosso quefazer será cada vez mais libertador (FREIRE, 1967, p. 124).

Da mesma maneira que citei anteriormente a questão das mudanças no modo de se ensinar de acordo com o tempo histórico e local, Paulo Freire também afirma isso quando diz que "o homem é um ser de adaptação ao mundo". O ser precisa seguir essas mudanças com o mundo (isso quando ele não é mudado forçosamente pelas mudanças do mundo), seguindo esse fluxo juntamente, a maneira como se educa.

Logo em seguida ele diz em um próximo parágrafo: “[...]o homem como um ser no mundo com o mundo.” Ligamos com a reflexão acima, e concluímos que o humano é um alguém no mundo e pertencente do mundo, assim, ele deve acompanhar na mesma proporção as mudanças do globo. Como a educação é do humano, e o humano é do mundo, a educação deve seguir o mesmo caminho de mudanças globais.

As precisões de necessidade de conhecimento se modificam ao longo das mudanças do mundo e do tempo, pois conhecemos uma minúscula parte do universo a cada momento, o que faz mudarmos nossas percepções e teorias sobre o nosso redor que tínhamos antes de modo ingênuo. Não só descobrimos coisas que já existiam no mundo, mas também coisas novas que surgem, afinal, nosso globo e universo estão em constante movimento e mudanças. O universo não para de mudar ou seres no mundo param de evoluir para que o ser humano acompanhe essas modificações e esteja a par de todo o conhecimento do universo.

Quando a educação não segue as mudanças do mundo e suas novas descobertas por parte do ser humano, que geram as mudanças nos seres pelo modo de pensar e ver ao seu redor, tornamos essa educação ausente de uma

concordância de quem é educado. Qual o sentido ensinarmos que o Planeta Terra está no centro do Universo, e que na realidade, as coisas que ocorrem à nossa volta são ações feitas por forças divinas, quando se sabe ao longo das mudanças no que se sabia sobre o mundo, que tudo que ocorre é pela consequência da ação do ser ou da natureza, e que onde nosso planeta se encontra possui vários outros planetas com o Sol no centro, sendo uma galáxia dentre outras bilhões. Assim, a educação se modifica porque não só o mundo se modifica, mas o conhecimento sobre ele se engrandece e novas descobertas são feitas diariamente.

Há uma análise freudiana dos achados de Hans, garoto de cinco anos que diz:

Nosso jovem investigador simplesmente chegou um pouco cedo à descoberta de que todo conhecimento é um monte de retalhos, e que cada passo à frente deixa atrás um resíduo não resolvido (1909b).

Veja que é uma reflexão que se relaciona com o andamento do conhecimento. Quando entendemos esse percurso, entendemos como se ocorre o andamento do interesse de um aluno de querer saber mais sobre determinado assunto. Podem ocorrer casos de que esse caminho não tenha sido traçado para que ocorra a vontade de querer buscar mais, ou seja, a cada passo que se dá na trilha do conhecimento, é como se não houvesse mais um carretel de linha que seja responsável pelo pedaço de retalho de conhecimento, que ao longo da vida, cada indivíduo terá sua colcha de retalhos de conhecimentos costurados com as dúvidas e questionamentos. Esse talvez seja o maior problema: e quando o indivíduo não tem interesse?

Rubens Alves, educador, teólogo, escritor e psicanalista brasileiro em uma entrevista com Antônio Abujamra, diz sobre uma metáfora que também escrevera em seu livro “Ao professor, com o meu carinho”, de 2004 sobre a inteligência:

Quando eu vou falar sobre a inteligência, eu digo o seguinte: para se entender a inteligência há de se entender como é que funciona o pênis. [...] A inteligência é um órgão

flácido, preguiçoso, não quer fazer nada, mas se for provocado... Essa provocação é o início da educação. Você tem que provocar. E o professor deve deixar-se provocar pelas perguntas das crianças, porque elas são muito divertidas, elas estão sempre com a inteligência para cima (ALVES, 2011).

Englobe não apenas o professor como alguém que deve ser provocado, mas o aluno também, já que estamos em uma visão freiriana, onde defende-se a completude de saberes; ou seja, tanto o aluno quanto o professor são aprendizes e se completam na medida em que as relações entre ambos se torna humana e em uma mesma dimensão.

É necessário a provocação para que possibilite a existência da vontade e prazer de querer aprender, logo tornando possível a vontade voluntária do aluno de desejar estar em sala de aula. A provocação, o estímulo concebe ao jovem uma visão de desafio, o que faz com que a criatividade e o pensamento emancipado entre em vigor.

A possibilidade de admirar o mundo implica em estar não apenas nele, mas com ele; consiste em estar aberto ao mundo, captá-lo e compreendê-lo; é atuar de acordo com suas finalidades a fim de transformá-lo. Não é simplesmente responder a estímulos, porém algo mais: é responder a desafios (FREIRE, 1967, p. 124).

Novamente, voltamos à questão do “cativar”. Se não cativas o aluno naquela aula, aquele assunto, de nada adianta explicar, repetir, humilhar ou dar tarefas de casa obrigando-o a querer entender sobre aquilo. O ato de aceitar desafios se faz pelo interesse, pela vontade, e por ter sido cativado sobre aquele estímulo. Se algum assunto “toca” a subjetividade de um aluno, logo voltará para a casa e irá debruçar-se sobre as mais profundas camadas sobre aquilo.

Enfrentar a evasão escolar é criar estímulos que fazem surgir a vontade de querer aprender e formar um hábito cotidiano desse processo de aprendizagem, ou seja, que estar na escola e aprender seja parte da vida do aluno. Logo, é necessário que, a partir do processo de provocação, estímulo do “querer” do aluno, crie-se com o tempo o hábito de estar em sala de aula para

aprender. A evasão escolar se dá com a não presença do aluno em sala, que pode-se resumir na falta do hábito de frequentar a escola. Portanto, se torna necessário a formação do hábito de ir à escola. O escritor estadunidense Stephen Richards Covey escreveu sobre os hábitos no livro “Os Sete Hábitos das Pessoas Altamente Eficazes”:

O conhecimento é o paradigma teórico, o que fazer e o porquê. A habilidade é o como fazer. E o desejo é a motivação, o querer fazer. Para transformar alguma coisa em um hábito na nossa vida, precisamos reunir esses três elementos (COVEY, 2011, p. 11).

Figura 17: Diagrama da definição dos “hábitos” de Stephen Covey.



Fonte: livro “Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes-miniedição”, p. 12.

Realizar esse diagrama de forma prática é, enfim, trazer novamente o sentido da escola e a presença frequente nela. Se une o motivo de fazer (estar na escola para aprender), as habilidades humanas de como fazer isso (parte pedagógica de como aprender) e o desejo de estar na escola e aprender (querer fazer, querer aprender), cria-se de forma voluntária o hábito de frequentar a escola na vida do aluno.

Como dizia Isaac Newton: “O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano.” Esse oceano de conhecimento sobre o mundo que

ignoramos são esses resíduos deixados para trás a cada passo que damos à frente pelo caminho do saber. E daí surge a problematização: encontrar meios de trazer essa vontade do aluno de buscar mais, de querer saber. Maria Montessori, importante educadora diz que: "A curiosidade é um impulso para aprender."

Muitos de nós, seres humanos, nos sentimos conhecedores de toda a verdade absoluta. Se não fosse esse sentimento de superioridade, muitas coisas em nossa história não teriam ocorrido. Edgar Faure, político e historiador francês diz: "Não basta combater a ignorância dos ignorantes; é preciso também, e em primeiro lugar, combater a ignorância dos que sabem muitas coisas, mesmo de quem acredita que tudo sabe." O filósofo Montesquieu também dizia: "É preciso estudar muito para saber um pouco".

Posteriormente, Freire segue com a questão homem e mundo, e diz algo bem interessante em relação aos desafios e à reflexão:

[...]As respostas do homem aos desafios do mundo, através das quais vai modificando esse mundo, impregnando-o com o seu 'espírito', mais do que um puro fazer, são quefazeres que contém inseparavelmente ação e reflexão (FREIRE, 1967, p.124).

É a ideia que ele traz na sua famosa frase que muitos conhecem: "Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo." As ações humanas, em sua grande parte são conduzidas a partir da reflexão sobre. O 'refletir' é o chamado "espírito" do ser pelo educador, afinal o que nos torna diferentes é a capacidade de sermos racionais, ou seja, refletir sobre nossas ações, dando vida ao tal *Homo sapiens*.

[...]porque assim o é, não pode se reduzir a um mero espectador da realidade, nem tampouco a uma mera incidência de ação condutora de outros homens que o transformarão em "coisa" (FREIRE, 1967, p.125).

Quando o ser passa pela experiência da busca das respostas dos desafios do mundo, ele se tornou um ser transformador do mundo com sua ação-reflexão, e a partir disso, ele reforça seu "espírito" humanizado, e não

sendo mais um “mero espectador da realidade” ou possa ser transformado em “coisa” pela “ação condutora” de outrem.

Ele traz um pensamento de que se fazemos da educação um objeto, devemos seguir um outro caminho do que quando não tratamos. A educação como um objeto implica uma ideia de que estamos “domesticando” o homem, como Freire diz. Caso contrário, o educando possui mais liberdade, é livre para pensar da maneira como vê o mundo, diferente de como seria se implantassem um modo de educar, de pensar, e assim, de ver o mundo. Alunos não seriam alunos, seriam caixas vazias que chegam a um educador para ocupá-la de informações. Rubens Alves diz: "Educar não é ensinar respostas. Educar é ensinar a pensar."

Freire logo diz: “Ninguém é, se proíbe que outros sejam”. Não existem formadores de ser-objeto sendo um sujeito. Logo ele diz também continuando com o pensamento: “Essa é uma exigência radical do homem como um ser incompleto: não pode ser se os outros também não são”. Fazendo uma ligação com a sociologia, onde dizemos que somos seres dependentes do outro, do social, afinal, estou a escrever essa monografia graças a alguém que fabricou o eletrônico que estou utilizando, alguém que criou a eletricidade, alguém que refletiu sobre a educação antes de mim para que eu pudesse refletir também, e alguém que irá ler este trabalho. Assim, só sou porque alguém é. O sociólogo Émile Durkheim criou um conceito chamado “fato social”, onde explica que agimos a pensamos de modo que pode ter sido influenciado pelo modo da sociedade a volta de pensar e agir.

Quando um professor passa a querer manipular seus alunos a um único pensamento que parte dele como uma visão correta e verdadeira, este não ama sua profissão. Seus alunos devem ser livres para pensar, refletir, não projetar o que pensa ser a verdade absoluta. Freire comenta sobre com uma outra relação, quando diz que não se deve “entrar” no ser de sua esposa para realizar o movimento que lhe cabe fazer. Quando manipulamos alguém a algo, estamos impedindo essa de realizar suas próprias ações e de utilizar suas capacidades de pensar, analisar, fazer e trabalhar. Agir dessa maneira é desumanizar este alguém, é deixar de ser humano, de criar e pensar.

"É o amor que nos humaniza e nos civiliza" (FREUD, [1929/30/1996]). Se o educador não permite o aluno a pensar em como solucionar seus problemas sozinho, este não está o preparando para a vida. É como abrir o casulo de uma borboleta para que ela não lute para sair dali: ela não viverá por muito tempo. Quando o faz, não ama aquele aluno. Se o ama, como amas a borboleta, deixe-o buscar como sair do problema e encontrar suas soluções. Assim, fará dele um "sujeito de busca" como Freire diz. Phil Plait uma vez disse algo que se relaciona com o raciocínio sobre a questão de que devemos criar pessoas capazes de pensar, e não apenas repetir o que o outro um dia pensou: "Dê a uma pessoa uma verdade e ela vai pensar por um dia. Ensine uma pessoa a raciocinar e ela vai pensar por toda a vida."

O ser-objeto é um ser que se tornou a "caixa repositora" do instrutor, onde ele pode colocar o que sentir vontade. Esse ser não será um cidadão ativo no mundo. Enquanto ele estiver nas mãos do mestre-objeto (aquele que forma seres "coisas" por os tratar assim), ele não será livre para pensar e criar. Após isso, será uma pessoa inativa. Como seria o mundo com pessoas-objeto? Portanto, é preciso que lutemos para que o ato de tratar a educação como coisa seja algo inadmissível para que não tornemos o mundo em um lugar catastrófico.

Freire continua: "[...]o homem é um ser de busca permanente[...]. Homem e mundo: mundo e homem[...]". O conceito formado pelo filósofo e sociólogo Karl Marx e Friedrich Engels de materialismo dialético está diretamente ligado ao pensamento de Freire, principalmente quando ele diz posteriormente:

Pois bem: se o homem é esse ser de busca permanente, em virtude da consciência que tem de ser incompleticidade, essa busca implica em:

- a) um sujeito
- b) um ponto de partida
- c) um objeto

(FREIRE, 1967, p. 125)

Onde o sujeito talvez seria a antítese, o ponto de partida a tese, e o objeto a síntese. A dialética é um movimento de transformações frequentes, o que se aplica no indivíduo. O ser e o mundo estão nesse movimento de dialética.

Agora, Freire traz um novo conceito para todo esse movimento de desumanização do aluno por parte do educador:

Daqui por diante, a essa visão chamaremos de concepção “bancária” da educação, pois ela faz do processo educativo um ato permanente de depositar conteúdos. Ato no qual o depositante é o “educador” e o depositário é o “educando” (FREIRE, 1967, p. 128).

Freire explica dizendo que nessa concepção, o aluno seria uma “caixa” e o educador depositaria os conhecimentos nela. Infelizmente, essa concepção está viva no sistema educacional até os dias de hoje, o que acarreta no processo de desumanização, levando o aluno a evadir e manter seu processo de desumanização quando não mais tem o contato com o conhecimento sobre o mundo, tornando-se passivo às mudanças do mundo.

Veja que é um texto de 1967, mas se encaixa perfeitamente em acontecimentos atuais. Com o avanço da Covid-19, se agravando em uma pandemia da qual sofremos até hoje, as aulas foram online (em algumas escolas conseguiram se adaptar de maneira relativa com o modo híbrido em 2021 apenas). A falta de acesso às aulas online por grande parte da população faz o aluno abandonar os estudos.

Desde a eclosão da pandemia COVID-19 em 2020, a maioria dos governos em todo o mundo implementou políticas para conter a propagação da doença. Embora incorrendo em altos custos econômicos, os procedimentos restritivos, como o fechamento de escolas e as mudanças nos métodos de aprendizagem, podem prejudicar a aprendizagem eficaz durante a pandemia e o progresso feito para atingir o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4). (UNESCO, 2021)

Sem interesse nem incentivo para seguir a manter uma rotina de estudar, muitos passam a seguir o caminho da evasão. Como Paulo Freire comenta, a ausência do ser na escola o priva de se humanizar, ou seja, de se habituar a conhecimentos gerais à sua volta. Assim, podemos dizer que a pandemia do coronavírus se tornou uma arma de desumanização da população brasileira.

Pessoas desumanizadas, pessoas sem conhecimento e sem armas contra a ignorância. Está se formando mais uma geração desumanizada pela falta de acesso adequado à tecnologia ou investimento público em tecnologia para que uma parcela maior da população tenha acesso ao processo de humanização, ou seja, a educação. Afinal, uma nação ignorante não cobra nem questiona sobre o que os chamados “líderes” fazem com o dinheiro que pagam. Um povo desumanizado é mais fácil de se manipular, e será esse o fim da população brasileira se não agirmos em busca de solucionarmos a evasão escolar.

A relação que faço como uma maneira de tornar essa tese algo que implica em discutir e refletir sobre questões do passado que se permanecem no presente, é buscar maneiras, ângulos diferentes para olharmos para esses problemas, especificamente a evasão escolar e tentarmos solucionar o debatido, ou ao menos reduzi-lo. E não há problema algum olharmos para trás. O problema é retornarmos para trás, o que não ocorre quando buscamos respostas e reflexões no passado.

Pensar o passado não deve ser compreendido como exercício de saudosismo, mera curiosidade ou preocupação erudita. O passado não é algo morto: nele estão as raízes do presente. É compreendendo o passado que podemos dar sentido ao presente e elaborar o futuro (ARANHA, 1989, p.12).

4.0 A emancipação do pensar buscando novamente o significado da escola ao aluno:

Seguindo o raciocínio do conceito da educação bancária de Paulo Freire, logo entende-se que esse modo de tratar e transmitir o conhecimento

em sala torna o aluno passivo no ambiente. Retomando o conceito de educação bancária, pode-se classificar como um processo de “coisificação” do aluno por parte do docente pela forma de ensinar e ver os alunos. Quando o sentimento de superioridade intelectual encontra-se em vigor no professor em relação aos alunos, cria-se um modo de transmitir o conhecimento como se aquele aluno à frente do professor, fosse um ser vazio, uma caixa, e o papel do professor seria preencher, “vomitar” termos e conhecimentos naquela “coisa”. É uma forma de ignorar e menosprezar qualquer outro conhecimento que esteja fora do discernimento do professor. E como já discutido, essa forma de ver e tratar o aluno, além de o “coisificar”, impede sua emancipação do pensar, limita o desenvolvimento humano, torna o aluno passivo, e por fim, aniquila o sentido da escola e de sua presença e participação naquele meio, incentivando o abandono, logo, a evasão. E dessa forma, enxerga-se o caminho de como se perde um aluno através do processo de desumanização.

Il faut que je ne sois pas né pour l'étude; car une longue application me fatigue à tel point qu'il m'est impossible de m'occuper une demi-heure de suite avec force du même sujet, surtout en suivant les idées d'autrui (...). Quand j'ai suivi durant quelques pages un auteur qu'il faut lire avec application, mon esprit l'abandonne et se perd dans les nuages. Si je m'obstine je m'épuise inutilement; les éblouissements me prennent, je ne vois plus rien. Mais que des sujets différents se succèdent, même sans interruption, l'un me delasse de l'autre, et sans avoir besoin de relâche je les suis plus aisément...⁶
(MARTINS, Custódia A. A, 2008, p.79).

⁶ *Ib.*, p. 235. “Não devo ter nascido para estudar, pois que uma atenção prolongada fatiga-me a um ponto tal que me é impossível ocupar-me fortemente meia hora seguida com o mesmo assunto, sobretudo se sigo as ideias dos outros (...). Ao fim de seguir durante algumas páginas um autor que é preciso ler com aplicação, o meu espírito abandona-o e perde-se nas nuvens. Se teimo, canso-me inutilmente; as alucinações voltam-me, não vejo mais nada. Se, porém, assuntos diferentes se sucedem, mesmo ininterruptamente, um repousa-me do outro, e sem mesmo ter necessidade de descansar, sigo-o mais facilmente ...”.

Entende-se com essa fala de Jean- Jacques Rousseau, a importância da forma metodológica aprimorada, de modo que o aluno e suas experiências de vida, seus conhecimentos, sejam interligados com os temas tratados, a fim de que ele também seja protagonista em sala. Uma aula que acompanha um ideal de educação bancária certamente explicita comportamentos e pensamentos como esses, relatados por Rousseau sobre os alunos. Percebe-se nesse relato de Rousseau a forte vontade de emancipação do pensar, que estava sendo prejudicada pelo modelo de estudos que o obrigava a seguir centos ideias, formas de pensar apenas de outras pessoas tituladas superiores intelectualmente que Rousseau, invalidando seu modo de pensar.

A partir do momento em que qualquer saber, conhecimento do aluno se torna invalidado, logo perde a vontade e o encanto de estar na escola. Se o que tem a falar não os importa, do que adianta sua presença? Permitir a atuação, dar espaço de fala ao aluno garante sua participação ativa, não só na sua formação, mas na construção de ideias coletivas com os demais colegas, evitando assim, a falta de desinteresse sobre a escola, e logo o abandono e evasão escolar.

Abaixo, vê-se um trecho do livro de Theodor Adorno, filósofo e sociólogo alemão (1903-1969), *Educação e emancipação- Educação para quê?*:

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO, 1995, p. 140).

A emancipação dita é a ideia de decisão, pensamento independente de cada indivíduo. Veja, como já discutido anteriormente, importantes aspectos que se mostram exclusivos do ser humano é sua capacidade de pensar e criar. Quando, com o passar da história do ser, houve a dominação de uns sobre outros, a questão da emancipação do pensar passa a ser uma questão estratégica para sustentar o processo de dominação. Seria essa a ideologia. Faz-se do ser um alguém capaz de pensar e refletir apenas com ideias já existentes, das quais quer-se torná-las comuns e principais na inconsciência dos indivíduos. Pode-se comparar esse processo de aniquilação da emancipação do pensamento com uma doutrinação. Forma-se da escola um espaço de doutrinação de indivíduos através da desumanização do aluno com a educação bancária.

Poderia apresentar ainda um argumento que talvez muitos professores apresentariam a partir de sua prática. Eles diriam: a juventude não deseja uma consciência crítica. A juventude quer modelos ideais, quer exatamente aquilo que o senhor criticou há pouco, e eles lhes trariam uma grande quantidade de exemplos concretos da sua prática cotidiana que aparentemente lhes dariam razão. Existe um estágio no desenvolvimento humano em que todos os modelos ideais encontram-se ameaçados — penso no período da adolescência em seu sentido amplo —, e o senhor sabe que existem pessoas em que esse período se prolonga por toda a vida. Esta ameaça aos ideais vincula-se a uma mania por modelos ideais, que não pode ser superada simplesmente por meio da oferta de ideais, do mesmo modo que a tendência imanente ao nacionalismo não pode ser detida mediante discursos patrióticos. Penso ser importante que o princípio do esclarecimento da consciência seja aplicado na prática educacional em relação a esta idade. Assim ficaria claro que paralelamente à mania por modelos ideais presente nesta idade ocorre uma demanda de esclarecimento — um fato demasiada e frequentemente esquecido (ADORNO, 1995, p.141).

E com a aplicação desse projeto de “doutrinação” através da desumanização do aluno, forma-se um jovem que não quer se emancipar, pois assim lhe permite sua estagnação em um estado de conforto, onde a mente não se dá o trabalho de pensar por si só. O jovem busca modelos ideais para seguir, reduzindo ao máximo seu esforço de pensar criticamente. Cria-se uma vida “fácil”, onde acaba se tornando um “ser vegetal”- vegetais não pensam, não criam, nem criticam. Fazem seu trabalho de servir de alimento às demais espécies e geram oxigênio ao ecossistema- sendo obrigado a acreditar no que lhe dizem e o que lhe mandam, já que se tornou apenas mais um ser que reproduz, e não que produz.

5. A crise da educação na pandemia de Covid-19 e a desumanização:

Ora, a crise força-nos a regressar às próprias questões e exige de nós respostas, novas ou antigas, mas, em qualquer caso, respostas sob a forma de juízos diretos. Uma crise só se torna desastrosa quando lhe pretendemos responder com ideias feitas, quer dizer, com preconceitos. Atitude que não apenas agudiza a crise como faz perder a experiência da realidade e a oportunidade de reflexão que a crise proporciona (ARENDRT, 1961, p.2).

Hannah Arendt, uma importante filósofa e política alemã do século XX, contribuiu grandemente com diversas obras para o mundo. O livro que usaremos será o “Entre o passado e o futuro”, de 1961, mas com o foco em um único capítulo: “A crise na educação”.

Em tempos de crise, enquanto o animal se animaliza mais, o humano se desumaniza. O Brasil e o mundo sofreram recentemente com uma pandemia que devastou diversos países. Ocasionalmente pela proliferação global do vírus SARS-CoV-2, de março de 2020 até janeiro de 2021, as escolas se viram fechadas para conter a contaminação da população. Tivemos uma crise absurda na educação. Professores e corpo administrativo escolar despreparados, país sem saberem o que fazer com os filhos, famílias que não tinham acesso à internet, crianças que não tinham aparelhos eletrônicos em casa para acesso a aulas online. No meio desse caos, a população jovem em tempo escolar sofre com o processo da crise: a desumanização do humano.

Pode-se dizer que existiu um processo de evasão forçada, ou involuntária por parte da população que não tinha acesso a tecnologia para acompanhar as aulas e atividades online.

De acordo com a pesquisa, no caso do Ensino Médio, a dificuldade na compreensão do conteúdo (31%) e a falta de interesse (29%) eram as principais razões pelas quais os estudantes não estavam realizando as atividades (Fundação Lemann, 2020). Além disso, 30% dos pais e responsáveis

entrevistados temiam que por causa desses obstáculos para acompanhar as aulas não presenciais os jovens abandonassem a escola (Instituto Sonho Grande, 2020).

O governo promoveu aulas online (pela televisão, por plataformas ou pelo YouTube), mas não foram o suficiente para abarcar todos os alunos, em especial alunos vulneráveis economicamente.

Falta de acesso à internet, indisponibilidade de aparelhos e desmotivação são alguns aspectos relatados. Outro ponto de atenção é a situação de vulnerabilidade socioeconômica de muitas famílias, que também foi agravada com a pandemia (Busca Ativa Escolar).

Os dados que se encontram sobre a evasão escolar no período de pandemia não são exatos. Os dados são subnotificados, já que não se sabe se o aluno está ou não em frente ao computador assistindo à aula. Uns até podem se mostrar "online" nas diferentes formas de plataforma digital, mas muitos "estavam, mas não estavam".

O sistema educacional não estava preparado para essa transformação. O que sofria déficits, agora sofre uma crise mais intensa e com impactos que podem durar mais do que uma década.

A falta de engajamento nos estudos na pandemia fez com que o desinteresse dos estudantes aumentasse. Não se sentiam motivados em casa para fazer as atividades escolares. A educação não foi feita para ser individual.

Pode-se talvez dar dados concretos a respeito da evasão escolar no período de pandemia apenas após 2024, com estudos focados no assunto para escancarar as informações subnotificadas desse processo de evasão.

Logo, preferiu-se não analisar em primeira instância dados publicados recentemente a respeito da evasão escolar por serem números, que mesmo não sendo a intenção, são dados subnotificados.

Se o cenário de exclusão escolar já era desafiador para as redes públicas de ensino em 2019, com a pandemia de

covid-19 as dificuldades aumentaram. Diversos esforços, no entanto, vêm sendo empreendidos por estados e municípios para que as escolas não parem durante a suspensão das aulas presenciais. Segundo pesquisa realizada em agosto de 2020 pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) sobre as ações das secretarias municipais de Educação durante a pandemia de covid-19, 96% das redes municipais de Educação estavam oferecendo algum tipo de atividade educacional não presencial aos(às) estudantes (Busca Ativa Escolar).

O impacto da pandemia do Covid-19 foi tão devastador no país, que com o intenso déficit educacional de forma estrutural para abrigar o ensino remoto, muitos jovens irão entrar no mercado de trabalho sem a conclusão do Ensino Básico, implicando em uma mão de obra cada vez menos qualificada. Com o advento da inteligência artificial, se mostra pouco esperançoso um aumento significativo no número de vagas de empregos, já que se torna mais eficiente o investimento em máquinas do que em mão de obra pouco qualificada. Assim, se escancara a real e urgente necessidade de políticas públicas na área da educação com o intuito de estruturar a escola e trazer de volta essas crianças e jovens que evadiram.

6. Resultados e Conclusões:

6.1 A evasão diretamente ligada a desumanização: “Concepção de Educação Bancária: categoria D1/D2”:

O processo de desumanização do aluno colabora para diversas consequências devastadoras para o discente e para o mundo. Diante de toda essa análise do artigo de Paulo Freire, chegamos a provar sua contemporaneidade, quando vemos que temos altos números de evasão e abandono escolar, e muitos estão diretamente ligados a “falta de interesse”, o que nos implica a levantar a hipótese de que essa parcela está sofrendo com uma educação bancária em sala de aula, da qual a torna desprovida de uma boa relação com o educador, perdendo o sentido de estar no ambiente escolar, já que seu papel se tornou servir como uma “caixa”, alguém passivo de sua própria formação, e não mais como um ser ativo. Logo buscará ser ativo fora daquele ambiente, entrando em um segundo processo de desumanização que está relacionada com a ausência do contato com o conhecimento que a torna capaz de compreender o mundo e fazer mudanças. Quanto mais distante da escola por essa repulsão involuntária utilizada pelo sistema educacional, mais distante estará o aluno do conhecimento, de se tornar um ser em completude, e enfim, de se humanizar.

Assim, formamos uma conclusão a partir de todo o estudo, da qual traz um modelo e hipótese que interliga o artigo de Freire sobre a desumanização na educação bancária, e o problema da evasão escolar. Nela, buscamos mostrar que a educação bancária/ má relação educador e educando que provoca a desumanização, é uma das causas da evasão escolar, e uma drástica consequência posteriormente ao processo de evasão. É uma maneira de mostrar que há mais um caminho que traz o problema da evasão da qual devemos dar a devida atenção. Denominaremos-a de “Sistematização da concepção de Educação bancária: categoria D1/D2”. Veja o esquema abaixo:

Figura 18: Sistematização da concepção de Educação bancária: categoria D1/D2.



Fonte: Autoria própria.

Nele, retratamos o pensamento em um esquema visual, da qual explica que:

1. O ciclo de humanização do conhecimento se inicia com o primeiro contato do educando ao ambiente escolar;
2. Quando há o conflito do educador e do processo de uma educação bancária em sala de aula, o educando sofre o primeiro processo de desumanização, onde na relação em sala, ele se tornou uma “caixa”. Chamaremos de “D1” para organizar o pensamento;
3. Com a desumanização em sala, o verdadeiro significado da escola se perde para este, o que colabora para o processo de evasão escolar;
4. Ao evadir, esse aluno seguirá para um processo mais intenso da desumanização, que chamaremos de “D2”, onde ele não mais terá contato com o conhecimento que se é (ou deveria ser) transmitido no ambiente escolar, logo, não terá discernimento sobre as coisas no

mundo, perderia sua visão crítica e sua capacidade de mudar o mundo com o conhecimento sobre ele. A diante, se tornará um ser passivo às mudanças do mundo.

Agora veja: para buscarmos maneiras de que os processos “D1/D2” não ocorram, é necessário buscarmos maneiras de resolver o problema no conflito entre educador e educando que se faz antes da catástrofe da desumanização. Devemos deixar claro de que o processo de educação bancária referida que se dá origem do professor para o aluno, não é um ato de completa responsabilidade do educador, e muito menos o processo de evasão do aluno é responsabilidade - ou irresponsabilidade- do educando. Isso porque, a “incompetência” do professor sobre sua ação desumana em sala de aula não é de sua responsabilidade, e sim responsabilidade -ou melhor, irresponsabilidade -“do Estado que deteriorou as escolas de formação. E segundo: o professor é incompetente porque o que ganha não dá para comprar nem jornal, como é que pode comprar um livro de 30 reais?”, como diz Freire em uma palestra realizada no auditório do CDCC em 22 de novembro de 1994. Logo, é preciso cortarmos o problema que forma o educador de sujeito para homem, para que esse homem não mais sujeito não transforme outros sujeitos em formação em homens, ou melhor, em seres- objetos.

Assim, a concepção, ou clareza da existência do caminho e consequências dele quando esse é base da estruturação do modo de aula do educador, é fundamental. Logo, devemos agir centralizadamente na formação dos docentes, ou seja, nas escolas de formação/ faculdades.

É uma hipótese formada como conclusão de todas as reflexões feitas até o momento. Pretende-se brevemente relacionar essa hipótese criada de concepção da “Educação bancária D1/D2” com o “Novo Ensino Médio”, projeto do governo para mudanças do Ensino Médio em 2022. Analisar se o novo modelo atende as mudanças que realmente são necessárias dentro do sistema educacional atual é o principal foco.

7. Concretizando o estudo sobre a evasão escolar: análise e reestruturação de um Protocolo de Prevalência para Atenção à Evasão Escolar (PPAEE).

7.1 Estudo e análise do SAP (Sistema de Alerta Preventivo) do Ministério da Educação:

O SAP (Sistema de Alerta Preventivo), criado em parceria com o Ministério da Educação junto ao Núcleo de Excelência em Tecnologias Sociais (Nees) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), é um conjunto de sistemas que identificam o potencial de alunos evadirem, através da junção de informações dos estudantes com informações da instituição escolar do qual faz parte, emitindo alertas aos gestores escolares quando encontrado um alto potencial de chances de evasão escolar. O público-alvo se torna além dos discentes, o corpo docente, as ferramentas pedagógicas (agora com forte incentivo ao uso tecnológico) e a família. O novo sistema compõe as Políticas Nacionais para Recuperação das Aprendizagens na Educação Básica, decretada em 23 de maio de 2022, além de fazer parte do programa Brasil na Escola.

A busca por recuperar as aprendizagens, como diz o projeto decretado, pode ser entendido como

[...]conjunto de medidas para o avanço do discente ao nível de aprendizagem adequado à sua idade e ao ano escolar, por meio do uso de estratégias e atividades pedagógicas de diagnóstico, de acompanhamento e de consolidação das aprendizagens (DECRETO Nº 11.079, DE 23 DE MAIO DE 2022, Art. 2º).

Ou seja, meios pedagógicos com fins de estabelecer o desenvolvimento e evolução de forma mais acelerada que respeite o nível de aprendizagem que o aluno deveria obter em certa idade.

Entende-se que o SAP tem a necessidade de um trabalho em conjunto com as equipes pedagógicas dentro da escola e parcerias fora para que seja realmente efetivo. Ele já é trabalhado em escolas nos Estados Unidos e Canadá, por exemplo, e agora, com certas modificações e modelagens às questões educacionais do Brasil, está sendo implantado nas escolas.

O objetivo do SAP é prevenir que o aluno evade ou abandone a escola ao longo do ano letivo. Para tanto, realiza-se um questionário a partir de Março com todos os alunos para mapear as informações e coletar dados para a formação das ações personalizadas para cada caso. Com o foco nos alunos que possuem chances de evadir, a equipe escolar prepara ações ao longo do ano para evitar com que aquele aluno siga ao processo de evasão escolar. Outros questionários são feitos ao longo do ano letivo para reformular metas, planejamentos e outros.

Após o formulário, o aluno é encaixado entre os indicadores de fatores de risco de evasão e abandono escolar, para enfim ocorrer uma divisão em três grupos dos que se mostraram positivos aos indicadores de fator de risco: alunos sem matrícula, alunos com risco de abandonar a escola ou evadir, e alunos que já saíram, sendo necessário a busca ativa desses. A lista dos indicadores de fator de risco apresentados no documento são:

- i) Presença;
- ii) Desempenho Escolar;
- iii) Comportamento;
- iv) Idade;
- v) Saúde, Ambiente familiar;
- vi) Participação da família
- vii) Segurança.

(SAP, 2022, p. 23)

O projeto do SAP é dividido em 4 passos, sendo eles:

- Mapeamento dos riscos de evasão e abandono escolar;
- Interpretação das devolutivas;
- Escuta ativa;
- Ações preventivas;

7.2 Entendendo o decreto que apoia as políticas de recuperação da aprendizagem da Educação Básica no Brasil:

O Decreto de número 11.079, datada em 23 de maio de 2022 e publicada em 24 de maio 2022, determina que:

Art. 1º Fica instituída a Política Nacional para Recuperação das Aprendizagens na Educação Básica, por meio da qual a União, em regime de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, implementará estratégias, programas e ações para a recuperação das aprendizagens e o enfrentamento da evasão e do abandono escolar na educação básica.

Parágrafo único. A colaboração entre os entes federativos na Política Nacional para Recuperação das Aprendizagens na Educação Básica ocorrerá por meio de adesão voluntária, na forma a ser estabelecida em instrumentos específicos dos programas, das estratégias e das ações do Ministério da Educação e de suas entidades vinculadas.

Percebe-se que o dito artigo busca solucionar um impasse encontrado ao longo das pesquisas realizadas nesse trabalho, como a falta de dados claros, precisos e atualizados referentes à educação, em especial sobre dados de abandono, evasão escolar e números de matrículas efetivadas em determinados municípios e até estados. Entende-se que o decreto busca efetivar a necessidade da colaboração absoluta de todas as unidades federativas do país com o intuito de tornar tal política realmente efetiva,

evitando, assim, o problema que encontramos ao longo da análise dos dados da plataforma do Busca Ativa Escolar, onde não possui dados efetivos de todas as unidades federativas, impedindo uma análise mais crítica e efetiva.

O capítulo 2 do decreto apresenta os princípios da Política Nacional para Recuperação das Aprendizagens na Educação Básica, estabelecidos como:

I - igualdade de condições para o acesso e a permanência dos discentes na escola;

II - garantia do direito à aprendizagem dos discentes, em especial daqueles em situação de vulnerabilidade social;

III - governança colaborativa entre os entes federativos na proposição de soluções na implementação e no acompanhamento dos programas, das ações e das estratégias da Política;

IV - fortalecimento da liderança, da gestão escolar e da formação dos profissionais da educação;

V - eficiência na gestão dos recursos destinados à implementação da Política;

VI - fomento ao desenvolvimento e à disseminação de tecnologias educacionais digitais; e

VII - aprimoramento das formações inicial e continuada dos profissionais da educação básica, com vistas a orientar o uso de tecnologias para melhoria dos processos de ensino e aprendizagem.

Compreende-se que tais princípios se mostram positivos para amplos impasses esclarecidos principalmente nos últimos dois anos com a pandemia do Covid-19 e a vinda do ensino remoto. Tais impasses foram anunciados pelos próprios alunos como forma de justificar o abandono aos estudos no período de pandemia. Os princípios estabelecidos se mostram com o intuito de solucionar um “buraco” da educação brasileira, tal como a falta de

implementação de tecnologias como ferramenta pedagógica, assim como a instrução do uso dessa ferramenta para os profissionais da educação. Entende-se a importância da implantação deste decreto quando analisa-se tal pesquisa feita pelo Cetic.BR:

Gráfico 3: ESCOLAS, POR DESAFIOS ENFRENTADOS PARA A CONTINUIDADE DA REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DURANTE A PANDEMIA COVID-19.

TOTAL DE ESCOLAS: ⁷

	A Falta De Dispositivos, Como, Por Exemplo, Computadores E Celulares, E Acesso À Internet Nos Domicílios Dos Alunos - Sim	A Falta De Habilidades Dos Professores Da Escola Para Utilizar Recursos De Tecnologia Em Atividades Pedagógicas - Sim	O Aumento Da Carga De Trabalho Dos Professores - Sim	Dificuldades No Atendimento Aos Alunos Com Deficiência - Sim	A Dificuldade Em Realizar Atividades Remotas Para Alunos De Alfabetização E Dos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental - Sim
Proporção TOTAL	86,1	61,5	73,1	59,4	69,1

Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras - TIC Educação 2020.

Espera-se que tais princípios sejam colocados em prática, o que implicará em uma modificação inclusive na organização social, em que há, infelizmente, hoje de forma clara e bem estabelecida: a desigualdade educacional segue junto com a desigualdade social, em que a classe alta e

⁷ Por questões de arredondamento, a soma dos resultados pode não totalizar 100%. Foi-se recolhido e apresentado aqui apenas parte da tabela, com o intuito de tratar os pontos principais a respeito do assunto, descartando as respostas em “Não”, respostas em “Não sei” e “Não respondeu”.

seus filhos possuem amplo acesso e de qualidade ao conhecimento, diferente das classes mais baixas.

Analisando de forma crítica o quarto princípio estabelecido, depreende-se que terá grande apoio para a parte do corpo docente, porém, seguindo a visão trabalhada ao longo desta pesquisa, pode-se enxergar a falta de um protagonismo estudantil presente nesses princípios. Entendemos ao longo de toda a discussão tratada neste trabalho que a participação do aluno nas discussões sobre seu próprio futuro se torna importante à medida que se torna ativo na sua própria formação, engajando-o e permitindo uma presença maior dos discentes no ambiente escolar.

Observemos o capítulo 3 que esclarecem os objetivos do novo decreto que tratam da discussão central do trabalho, evasão escolar:

Art. 4º São diretrizes da Política Nacional para Recuperação das Aprendizagens na Educação Básica:

Art. 5º São objetivos da Política Nacional para Recuperação das Aprendizagens na Educação Básica:

I - desenvolver ações que possibilitem elevar a frequência escolar e reduzir os índices de evasão e de abandono escolar;

II - desenvolver estratégias de ensino e aprendizagem para o avanço do desempenho e da promoção escolar;

III - desenvolver ações que possibilitem diminuir a distorção idade-série por meio do monitoramento da trajetória escolar;

IV - promover a coordenação de ações para o enfrentamento do abandono escolar e da recuperação das aprendizagens;

V - desenvolver ações que possibilitem aumentar a resiliência dos sistemas de ensino por meio da implementação

de ações e programas de ampliação da capacidade técnica e da infraestrutura das redes para responder a situações de crise;

VI - contribuir para a consecução das metas e das estratégias estabelecidas no Plano Nacional de Educação e nos planos de educação estaduais, municipais e distrital;

VII - fortalecer a formação dos profissionais do magistério no que diz respeito ao diagnóstico de lacunas nos processos de ensino de ensino e aprendizagem;

VIII - promover estratégias que permitam o acompanhamento individualizado da aprendizagem dos discentes; e

IX - incentivar a formação para o uso pedagógico de conteúdos digitais.

Entende-se como principal objetivo dessa política o preenchimento da profunda lacuna do ensino-aprendizagem na educação brasileira, que aprofundou-se ainda mais no período de pandemia da Covid-19.

7.3 O processo da matrícula como forma de vínculo família-escola:

Após a busca incessante de documentos já promovidos ligados à encontrar alunos vulneráveis à evasão escolar antes que ela ocorresse, e encontrar o SAP (Sistema de Alerta Preventivo), fui atrás de ouvir e entender a questão da documentação dentro da escola. Retornei ao antigo colégio que frequentei até o 9º ano, a Escola Estadual Professor Flávio José Osório Negrini. Infelizmente, é uma escola com poucos recursos disponibilizados para melhorias do prédio, por exemplo. Durante os anos que estudei na instituição, presenciei inúmeros casos de abandono, e outros vários de evasão escolar. Tal questão me incentivou a buscar entender o que leva o aluno a não sentir vontade de estar na escola, de aprender sobre o mundo a sua volta. Após longos momentos de reflexão acerca do que poderia ser efetivo para realizar

de forma prática ligado a problemática da evasão escolar, retornei ao Negrini e fui conversar a respeito com professores, coordenadores e com o novo diretor da escola. Foi discutido sobre a problemática da evasão na instituição, sobre a forte relação que há entre a ideia de Paulo Freire com a questão da falta de interesse dos alunos em permanecerem na escola, dentre outras conversas.

Ao longo do encontro, expus a ideia discutida em reuniões anteriores com meu orientador sobre uma reelaboração de um protocolo de prevalência de atenção à evasão escolar que seria implementado no momento da matrícula do aluno. Foi então que o diretor, relatou um impasse ainda mais intenso que se mostrava presente na escola: muitos alunos se encontram com falta inclusive de matrícula na escola. Normalmente, o aluno vem pela transferência de uma escola que vai até o 5º ano (Fundamental I) e o sistema manda sua vaga diretamente para a escola de sua proximidade que tenha o curso do Fundamental 2 e Ensino Médio, por exemplo. É uma maneira de permitir o acesso (que é direito de toda criança e adolescente constatado na Constituição Federal de 1988) do aluno para dar continuidade aos ciclos escolares, porém não garante a permanência desse estudante na escola.

Na maioria dos casos, os responsáveis trabalham muitas horas e acabam por nunca aparecer para realizar a matrícula do aluno. O maior número de pais que fazem a matrícula são aqueles que estão preocupados com os filhos e por consequência presentes na vida acadêmica dos estudantes. Como a escola não pode impedir de uma criança estudar só por não ter os documentos na escola, ocorrem casos de alunos que chegam nos anos finais sem a matrícula efetivamente na escola em que cursa. Há algumas informações que o sistema transfere, mas é baixo a presença dos pais na escola.

Um caso emblemático foi o ano de 2020, em que as matrículas foram realizadas de forma automática, mesmo que o aluno não estivesse mais frequentando a escola. Sabemos que foi uma causa maior (a pandemia do COVID-19), e não o repugnamos. Porém, isso evidenciou um problema: “pular” a etapa da ida dos pais até a instituição em que o filho está matriculado ou será matriculado é causar um impasse no futuro da própria criança de ausência do vínculo da escola com a família.

Entendeu-se que havíamos um outro problema: não há a concretização da importância da matrícula no imaginário dos responsáveis dos alunos daquela escola. O procedimento da matrícula não é bem estruturado.

Por conta da pandemia do Covid-19, o sistema das redes públicas fizeram por conta própria as matrículas. Tal ação se mostra efetiva, pois adianta o processo de manter o aluno na escola, pelo menos de maneira formal em documentação, mas traz um impasse: o procedimento da matrícula, ou matrícula do aluno sem a presença dos responsáveis torna vulnerável o vínculo da escola com a família.

Porém, visitamos outras escolas da região para concretizar esse problema relatado. Numa conversa com a secretária da EMEF 22 de Março (Escola Municipal de Ensino Fundamental), foi relatado pelos funcionários que não há nenhum aluno estudando na escola que não tenha a matrícula efetivada pelos pais ou responsáveis. O processo foi explicado da seguinte forma: quando existe o caso de um aluno que vem de outra escola do Fundamental 1 para o 2, por exemplo, o sistema manda diretamente as informações do aluno para a nova escola. Agora a escola A que receberá o aluno da escola B tem algumas informações básicas do aluno. Esse aluno agora consta no sistema da escola. Porém, para que o nome dele passe a estar na lista de chamada da turma, faz-se necessário que os responsáveis efetivem a matrícula da criança, e caso contrário, não poderá entrar na sala. A lista de chamada passa pela mão da secretária, e se não há a matrícula da criança lá, de nada serve o nome dela no sistema. Se a criança aparecer na escola para ter aula no primeiro dia, e não constar o nome dela na lista de chamada da professora na sala, ele é encaminhado para a coordenação, onde receberá informações que serão transmitidas aos pais, retornando, assim, para casa e só podendo realmente ter aula quando tiver sua matrícula efetivada na escola em que consta seu nome no sistema.

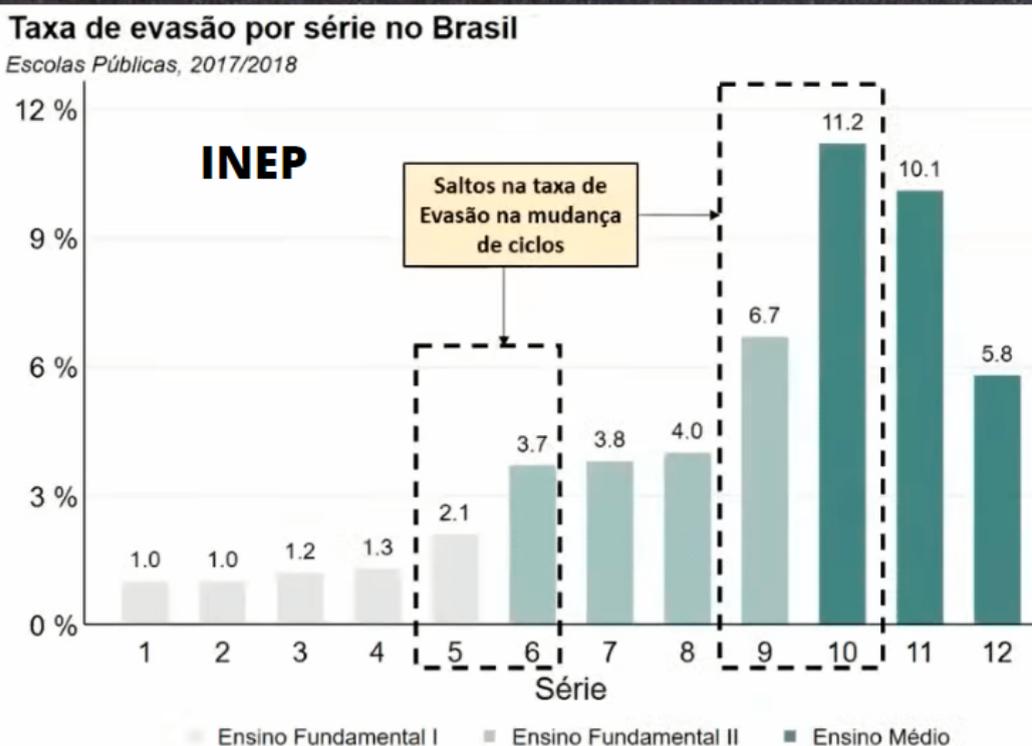
Também visitei a EMEF Millôr Fernandes jornalista. Recebemos a mesma resposta com o mesmo procedimento: sem matrícula, sem estudar. Com receio de que fosse um procedimento padrão apenas de escolas municipais, visitei a Escola Estadual República do Panamá, onde conversei com a coordenadora do prédio com as mesmas questões. Novamente,

recebemos as repetidas respostas. Tivemos uma informação importante nesta última escola: o sistema público não conversa com os sistemas particulares. Ou seja, há casos de alunos que o sistema transfere as informações para a nova escola, mas os pais ou responsáveis matriculam o aluno em uma escola particular sem “dar baixa” na vaga dele na escola pública. Acaba que esse aluno será visto como desistente, ou evadido. Logo, os dados que temos de evasão não são precisos, o que justifica o discutido em outro capítulo acerca da subnotificação dos dados de evasão escolar, sendo esse processo frequente também fora do momento histórico da pandemia de Covid-19.

Com todas as visitas a escolas públicas da região de minha residência, podemos concluir que talvez o impasse da falta de matrícula que tornava sem sentido a aplicação do questionário no momento da efetividade dela foi extinguida pelo menos em 2/3 das escolas visitadas e questionadas acerca de como funciona o ato da matrícula. Mantém-se necessário um reforço sobre qual deve ser o papel da matrícula, e tal ação o PPAEE busca tratar à medida com que no ato da efetivação da matrícula conseguimos dados que de algum modo podem servir como base para estabelecer quais devem ser as políticas públicas internas e externa para a vida social e acadêmica daquele aluno e sua família.

De forma a estabelecer uma relação direta com a ausência da família na vida escolar do aluno no momento da matrícula com a problemática discutida na pesquisa, analisamos os dados do INEP referente a comparação de evasão em casa série, em busca de enxergar se a vulnerabilidade da relação escola-família pode acarretar em um aumento dos casos de evasão escolar.

Figura 19: Taxa de evasão escolar por série no Brasil (2017-2018):



Veja que há um número avassalador de casos de evasão escolar na transferência de um ciclo escolar para outro. Após sabermos que existe uma vulnerabilidade na relação da escola com a família exatamente nessa transição, podemos chegar a conclusão de que a ausência dos pais no momento da matrícula do estudante impacta diretamente na chance desse aluno abandonar ou evadir a escola ao longo do ano letivo.

Como forma de justificar a importância de acionar a família para que seja não só presente na vida escolar do aluno, mas ciente sobre a situação dele, seja rendimento, seja frequência, se torna eficiente para o combate à evasão e abandono escolar, analisamos o questionário do SAEB aplicado aos diretores das escolas públicas do Brasil sobre a ação tomada que apresentou maior efetividade no combate ao abandono:

Figura 20: Ações tomadas por escolas para redução do abandono escolar:

69 - Neste ano, para redução do ABANDONO ESCOLAR, avalie o resultado das seguintes ações realizadas nesta escola:

Total de respondentes: 65.950

● Não foi realizada esta ação ● Nada efetiva ● Pouco efetiva ● Efetiva ● Muito efetiva

Entrar em contato com os familiares do(a) estudante



Ir à residência do(a) estudante



Informar ao Conselho Tutelar



Respondida apenas por quem declarou ter na sua escola ao menos uma etapa de ensino entre educação infantil (4 - 5 anos) e ensino médio

Fonte: SAEB 2021 dos Diretores.

Percebe-se que a ação que se mostrou muito efetiva ou efetiva está ligada ao acionamento da família dos alunos, quer dizer, em primeira instância o contato da escola com a família, e casos mais graves com o contato do Conselho Tutelar à família. Percebe-se assim, a importância da relação da escola com a família para que combatam em conjunto as problemáticas que afetam a formação da criança ou adolescente. Assim, percebemos que deveríamos de alguma forma reformular a função da matrícula, ou o que ela estava representando aos pais. Tornava necessário encontrar algum meio de fazer da matrícula algo que realmente efetive os laços entre a família e a escola. Para tanto, analisamos acerca da função da matrícula na escola.

A matrícula escolar é um documento de extrema importância para a escola e ao aluno, quando dela se tem as principais informações sobre o estudante, além de uma garantia e prova de que aquela criança ou jovem estuda em certa instituição.

O documento de “Agentes em Formação” da Secretaria de Educação do Paraná define matrícula como:

O princípio de toda organização da vida escolar tem início na Matrícula, que é o ato que vincula o aluno à Instituição de Ensino, conferindo-lhe a condição de aluno.

Infelizmente, muitos pais não conseguem ir para a escola do filho, estar presente na vida escolar das crianças pela longa carga horária de trabalho. Deve-se tornar a matrícula um direito e dever dos responsáveis, esclarecendo que nenhuma empresa deve punir nenhum funcionário que apresente uma declaração de que estava na escola do filho.

Existem formas de realizar a matrícula do estudante até de forma on-line pelo site da Secretaria de Educação do governo do estado de São Paulo:

Figura 21: Página do site do governo de São Paulo que permite matrícula online.

The image shows a screenshot of the 'Pré-Inscrição Online' page on the website saopaulo.sp.gov.br. The page header includes the website name and logo, social media icons, and accessibility options. The main content area has a yellow background with instructions for the pre-registration process. Below the instructions is a form with three input fields: 'Ano Letivo' (Year) with a dropdown menu set to 'SELECIONE', 'Nome' (Name) with a text input field containing the placeholder 'Digite aqui seu nome completo', and 'E-Mail' (Email) with a text input field containing the placeholder 'Digite o e-mail que deseja cadastrar'. A blue 'Enviar' (Send) button is located at the bottom right of the form.

saopaulo.sp.gov.br

Cidade SP

Pré-Inscrição Online

Olá!

- Bem vindo, a pré-inscrição online em que possibilita o estudante, que não possui matrícula ativa na rede pública solicitar uma vaga.
- Primeiramente solicitamos que preencha os campos abaixo (nome completo e e-mail).
- Este e-mail será nosso meio de contato com você.
- A sua pré-inscrição será realizada de modo on-line e será analisada por uma unidade escolar definida como posto de inscrição ao longo do formulário.
- O estudante terá sua matrícula disponibilizada em uma unidade escolar próxima a sua residência, com o tipo de ensino e vaga disponível.

Ano Letivo: SELECIONE

Nome: Digite aqui seu nome completo

E-Mail: Digite o e-mail que deseja cadastrar

Enviar

Fonte: Gov.br/ sp.

7.4 Estruturação de um Protocolo de Prevalência para Atenção à Evasão Escolar (PPAEE):

Após uma profunda análise crítica sobre o estudo do novo SAP (Sistema de Atenção Preventivo), encontramos algumas lacunas que poderiam ser preenchidas à medida em que o projeto criasse “forma” dentro das escolas brasileiras. Logo, trazemos com esse longo estudo e pesquisa apontando para a questão da evasão escolar, uma reestruturação do SAP, mas com outras metodologias que encaminham para o mesmo objetivo: buscar mitigar a problemática da evasão escolar atualmente no Brasil.

Diante disso, planejamos a elaboração de um Protocolo de Prevalência para Atenção à Evasão Escolar (PPAEE). Assim como o nome diz, é um protocolo em formato sistêmico que conta com sua atuação no momento da matrícula/ rematrícula do aluno na instituição de ensino. É importante ressaltar, que assim como esse trabalho tem em grande parte um foco especial no Ensino Médio pela maior intensificação sobre a problemática tratada, o protocolo também está com um foco direcionado para esse público jovem. A partir dos dados fornecidos na matrícula, informações de frequência do ano anterior e outros que são capturados por perguntas junto a matrícula, que servem para estabelecer a probabilidade de certo aluno evadir ao longo do ano letivo. Tendo uma clareza maior sobre os alunos que precisam de ações especializadas, torna-se mais efetivo o plano de impedir que o aluno abandone a escola antes de começar as aulas.

O protocolo é composto por uma reconfiguração da função da matrícula e um Indicador de Prevalência para Atenção à Evasão Escolar (IPAEE).

Após o estudo no capítulo anterior acerca da matrícula, nos deparamos com a necessidade de reforçar esse laço da escola com família, além de fazer da matrícula um momento importante para obter-se informações do aluno que sirvam para a construção de projetos escolares, ações a agentes que serão acionados, com o intuito de tornar a escola um espaço que reflita realmente a realidade daquele público que fará parte daquele espaço.

O objetivo de reconfigurar a função da matrícula, somando nela além do que é responsável (laços entre a escola e a família, e a formalidade da criança ou adolescente na condição de estudante naquela instituição), mas o papel de

capturar informações que sejam úteis para construir os projetos e ações que serão tomadas ao longo do ano letivo para evitar os possíveis fatores de risco para o abandono escolar. Para tanto, torna-se crucial a implantação do questionário para o Indicador de Prevalência Para a Evasão Escolar no momento da efetivação da matrícula. Tal documento deve ser respondido tanto pela família, quanto e principalmente pelo estudante.

A construção de um formulário que se aplique aos alunos e à família no momento da matrícula tem por objetivo capturar as informações de cada estudante. Para tanto, faz-se necessário que as perguntas que estarão presentes nesse documento sejam elaboradas por especialistas em amplas áreas do conhecimento, com o intuito de que seja cumprido um respeito e cuidado para que elas não aparentam ser invasivas e sejam de fato efetivas para a captura das informações necessárias para o mapeamento dos fatores de risco de cada aluno.

Com a aplicação do questionário, deve ser capturada as informações fornecidas- é importante ressaltar que devemos estabelecer uma certa confiança acerca das informações fornecidas, já que se torna difícil em algumas conferir a veracidade das respostas- e mapear os fatores de risco baseado nas informações recolhidas dos alunos da instituição. Veja que esse mapeamento se torna importante à medida que fornece uma análise ampla de toda a escola, e uma análise micro acerca de cada aluno.

Após esse mapeamento, a escola que está a utilizar esse instrumento pode seguir por dois caminhos, sendo um mais subjetivo e individual para cada instituição e região, e um outro mais “global”, ou seja, que pode ser funcional para amplos casos.

O primeiro caminho/ metodologia que pode ser utilizado consiste numa adaptação de pesos para os fatores de risco. Com os fatores de risco mapeados e organizados, a escola pode estabelecer pesos para cada fator de risco de acordo com a demanda, quer dizer, se uma certo fator de risco é mais evidente ou problemático, que foi mais apontado, pode-se estabelecer um peso maior, servindo este como parâmetro para os demais. A exemplo: a questão da falta de transporte não é um problema tão grave e reportado pelos alunos na

Grande São Paulo, o que é diferente para muitas crianças e adolescentes de regiões afastadas que não possuem ruas pavimentadas, ou carecem de outros transportes, como embarcações. Nesse caso, o peso que deve ser estabelecido para o mesmo fator de risco será diferente, sendo maior para o segundo caso, e menos para o primeiro.

Já o segundo modo, que desse temos suporte do sistema que aplica o Indicador de Prevalência, seguimos o seguinte modelo: após mapeamento dos fatores de risco, o indicador transforma as informações qualitativas em quantitativas de forma percentual. Quer dizer, o sistema consegue de forma inteligente organizar os dados dentro de quatro categorias estabelecidas que serão discutidas no próximo capítulo, sendo a base dos fundamentos teóricos para o Indicador. Para cada categoria há um peso específico, do qual expressa a chance relativa que certo aluno tem de abandonar a escola ao longo do ano letivo. É importante ressaltar que a porcentagem estabelecida para cada aluno não é perfeitamente exata. Baseamos a partir de um estudo do perfil dos dados de evasão escolar brasileiro como um todo. O próprio processo de caminho para a evasão escolar se mostra sempre bem subjetivo, à medida que os impasses podem impactar de formas diferentes cada indivíduo. Quando tratamos de indivíduos, é difícil não ser subjetivo. Os dados que serão fornecidos são percentuais simbólicos que ajudam a estabelecer as ações que devem ser tomadas para cada caso, cada aluno, de forma individual e personalizada.

Após análise meticulosa a respeito dos fatores de risco de cada aluno evidenciado com grande índice de probabilidade de abandonar a escola ao longo do ano letivo, cria-se um projeto pedagógico entre os profissionais para que se aplique os projetos especializados para solucionar as questões apontadas como impasses na instituição escolar. Nessa etapa, é importante a invocação dos agentes necessários para colaborarem com a solução dos problemas apontados.

Após essas longas e trabalhosas etapas, modificações nos projetos estabelecidos tornam-se necessárias de forma trimestral, com o objetivo de capturar resultados, sejam eles negativos ou positivos para possíveis adaptações.

7.4.1 Fundamento teórico para elaboração do Indicador de Prevalência para Atenção à Evasão Escolar:

Se mostrou necessário uma análise crítica com uma visão sociológica sobre a questão da evasão escolar, já que grande parte de seus causadores partem de questões sociais. Ao estudar as amplas obras de Pierre Bourdieu, encontramos uma relação que poderia ser estabelecida para tratar de um protocolo de prevalência e atenção à evasão escolar.

Pierre Bourdieu, filósofo do século XX, tornou-se um dos maiores intelectuais de sua época, influenciando diversas áreas do conhecimento, não apenas a área sociológica. O conceito em questão que nos interessa para a análise da evasão escolar é o de “Capital”. Para Bourdieu, a sociedade está estruturada de forma hierárquica, com fortes relações de poder que trazem privilégios a poucos. A página da Secretaria de Educação do Paraná fala sobre os tipos de capitais que Bourdieu estabelece de forma clara:

Por recursos ou poderes, Bourdieu entende mais especificamente o **capital econômico** (renda, salários, imóveis), o **capital cultural** (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos), o **capital social** (relações sociais que podem ser revertidas em capital, relações que podem ser capitalizadas) e por fim, mas não por ordem de importância, o **capital simbólico** (o que vulgarmente chamamos prestígio e/ou honra). Assim, a posição de privilégio ou não-privilégio ocupada por um grupo ou indivíduo é definida de acordo com o volume e a composição de um ou mais capitais adquiridos e ou incorporados ao longo de suas trajetórias sociais.

Depreende-se através da visão de Bourdieu que a ideia de Paulo Freire de que “não existem saberes mais ou saberes menos, mas sim saberes diferentes” não está errada, porém, não se é empregada ainda na grande maioria das escolas. A começar pela classificação do que realmente é considerado “importante” para se estudar. Todos possuem saberes, culturas, mas pela desigualdade social, uns têm fácil acesso a certas culturas mesmo antes de ter o contato com elas pela escola, enquanto outros possuem acesso

a certas culturas que não são trabalhadas em sala de aula, nos livros didáticos ou cobrados nos grandes vestibulares e exames nacionais, o que implica em uma dominação de quem teoricamente “sabe mais” com quem “sabe menos”.

Assim, com o intuito de buscar estabelecer pontos principais que devem ser tratados e estão diretamente relacionados com a evasão escolar e o que leva o aluno a seguir tal processo, analisamos meticulosamente a lista dos motivos de evasão escolar disponibilizada pela plataforma do Busca Ativa Escolar, e que foram discutidas anteriormente. Com tal análise, chegamos à conclusão de que pode-se trabalhar com a evasão escolar a partir de quatro principais tópicos, ou categorias baseadas na teoria do sociólogo Pierre Bourdieu dos *capitais*, sendo eles:

- *Capital Social*
- *Capital Cultural*
- *Capital econômico*
- *Capital de saúde*

Realizaremos um agrupamento dos motivos que levam ao processo de evasão escolar disponibilizado pela plataforma do Busca Ativa Escolar sobre esses quatro conceitos, sendo os três primeiros conceitos baseados exatamente no estabelecido por Pierre Bourdieu, e o último posterior de uma análise metódica dos motivos que levam à evasão escolar de acordo com a plataforma do Busca Ativa.

Explicando de forma breve e relacionando o conceito de “Capital” para a questão discutida do presente trabalho em como esses quatro capitais podem estabelecer um caso de evasão escolar ou não, conceitua-se que:

- *Capital Social*, estabelecido por Bourdieu, diz sobre as relações sociais que um indivíduo pode “acumular”. Imaginemos um caso de um aluno que não consegue ou ainda não estabeleceu de nenhuma forma algum vínculo na escola nova em que se encontra pós transição de ciclos (Anos Finais para Ensino Médio, por exemplo). Se pouco estabelecer o vínculo com o ambiente escolar, com seus professores e colegas de classe, logo se tornará um aluno propício ao caso de abandono escolar se não houver apoio familiar e/ ou o cativar do aprender. Portanto,

torna-se uma pauta que permite estabelecer a probabilidade e vulnerabilidade de certos casos de abandono e evasão escolar;

- *Capital Cultural*, estabelecido por Bourdieu, diz sobre a bagagem cultural/ intelectual de um aluno. Dele pode-se estabelecer uma relação direta com o “Capital Econômico” à medida que a classe social que a criança ou adolescente se encontra pode evidenciar o acesso que o tem a certas culturas trabalhadas na escola. Imaginemos o caso de um aluno que a família deslocou-se de uma área rural para uma cidade grande em busca de maiores oportunidades. O jovem foi matriculado em uma escola da capital. Os saberes que traz consigo não são tratados na escola, pouco conhecido pelos colegas e até menosprezado e visto como saberes sem valor. As aulas e conteúdos cobrados não são acompanhados pelo jovem, pois é seu primeiro contato com aqueles saberes, deixando-o com menos vantagens que o restante da turma que em outros momentos da vida já teve algum contato com aquilo. Logo se sentirá excluído e marginalizado dentro de sala, perdendo o sentido de estar na escola e podendo seguir ao caminho da evasão escolar;

- *Capital econômico*, também estabelecido por Bourdieu, está relacionado justamente à questão do capital cultural. Grande parte das crianças de classe alta possuem maior disponibilidade de saberes que são classificados como “cultura” e tidos como de relevância. Não só, mas uma família economicamente estável tende a transmitir um espaço melhor para o desenvolvimento da criança e tempo necessário para dedicar-se aos estudos e desenvolvimento cognitivo. Caso contrário, ou seja, a maioria dos exemplos de famílias sem estabilidade financeira, tendem a valorizar como essencial o trabalho desde cedo na vida das crianças, com o intuito de permitir a sobrevivência da família em geral;

- *Capital de saúde*, não estabelecido por Bourdieu, mas sim após análise meticulosa sobre os motivos que levam ao caminho da evasão escolar no Brasil. Nenhum indivíduo vive sem relações sociais, recursos financeiros e saberes. Também não há como viver (entende-se viver com qualidade de vida, não de existir vida) sem saúde, seja física ou mental. Percebe-se o *capital de saúde* como forte influenciador para estabelecer a permanência do aluno na escola, quando observamos os dados educacionais da pandemia de Covid-19, onde muitos casos de abandono escolar durante a pandemia foram estabelecidos seja pelo próprio vírus causador da pandemia, seja por problemas psicológicos, como depressão e ansiedade. Um indivíduo sem uma saúde balanceada não apresentará forças para se desenvolver em outros âmbitos, como na escola.

Veja, entendemos a evasão como um fenômeno complexo e multifacetado, o que implica na necessidade de uma análise separada acerca dos motivos que levam os alunos a evadir, para que realmente exista um diagnóstico preciso dos motivos reais que são a base do problema para aquele aluno, escola ou região.

Entendemos o conceito de Capital de Bourdieu como essencial para analisar a evasão escolar e os motivos que levam os alunos a evadirem.

A classe que detém o poder material em certa sociedade detém também o poder intelectual, uma vez que possui os instrumentos materiais e conceituais para a elaboração do conhecimento; àqueles que são recusados os meios de produção intelectual só resta a submissão. Esse saber, elaborado pela classe dominante e que reflete seus interesses particulares, é apresentado como universal, como o único razoável e verdadeiramente válido. (KUENZER, 1985, p. 47).

Os conceitos também evidenciam questões sociais e como nossa sociedade é organizada, permitindo uma sobreposição da análise da evasão sobre a realidade.

Perceba que o PPAEE (Protocolo de Prevalência para Atenção à Evasão Escolar) se assemelha a metodologia durante sua prática, mas trata questões talvez não analisadas na formulação do SAP. O que se pretende realizar é um protocolo de prevalência à evasão escolar de forma preventiva e anterior à atuação do SAP. O SAP se mantém como fundamental, mas sua atuação juntamente ao PPAEE poderá ser mais efetivo e preventivo à medida que atua antes do início das aulas.

Não só, como a metodologia de análise do fenômeno da evasão escolar é diferente, já que para entender e agir de maneira efetiva sobre os fatores de risco, dividimos a análise e atuação em 4 categorias (Capital Social, Econômico, Cultural e de Saúde). Após uma profunda pesquisa bibliográfica, encontramos um trabalho que também analisa o fenômeno em questão de maneira dividida, ou melhor, em categorias e subcategorias:

Quadro 04 – Categoria 02: Contexto escolar

Categoria	Subcategorias
Fatores de risco e de proteção da evasão escolar em relação ao contexto escolar	Estrutura e prática escolar
	Dificuldades na transição para os anos finais do ensino fundamental
	A socialização no espaço escolar
	O "sentido" da Escola - O que se espera da escola
	O peso da reprovação

FONTE: LANGNER; ASINELLI-LUZ, 2021.

Fonte: LANGNER; ASINELLI-LUZ, 2021, P. 117.

Para a efetividade do PPAEE, faz-se necessário uma remodelação na maneira como é tratada o processo da matrícula do aluno, tornando-a um processo totalmente obrigatório para que se concretize um vínculo entre a escola e a família. Logo, mitiga a questão da falta da presença de pais e responsáveis na matrícula do aluno para que se comece as ações efetivas contra o abandono e evasão escolar.

Assim, o PPAEE atuaria da seguinte maneira:

- Colheita e análise dos dados que se estabeleça dentro dos 4 capitais relacionado à evasão escolar com a aplicação de um questionário pontual como parte do documento da matrícula do aluno;

Tal processo se dá com a tradução das informações do ano anterior sobre, por exemplo, ao número de casos de abandono, de evasão, o motivo, alunos que permaneceram sem a matrícula de forma legal na escola, presença dos pais ou responsáveis nas reuniões, dentre outros.

- Mapeamento dos dados obtidos dos alunos e formação de projetos pedagógicos que serão desenvolvidos ao longo do ano letivo, em especial com os alunos que se mostraram vulneráveis aos fatores de risco;
- Aplicação dos projetos e das ações que se fazem necessárias para evitar o abandono daqueles evidenciados e até de novos casos;
- Modificações ao longo do ano letivo dos protocolos e medidas aplicadas aos alunos com vulnerabilidade de evasão escolar;

O objetivo desse protocolo é evitar que perdemos cada vez mais crianças e adolescentes da escola, permitindo a partir de dados disponibilizados pelo protocolo, ter uma visão clara além de local sobre os alunos, uma visão regional que, entregue à Secretaria de Educação, torna-se mais fácil ver regiões precárias e com maior necessidade de apoio governamental. Esse esclarecimento de dados e mapeamento dos fatores de risco destacados fomentam políticas públicas internas da escola e externas, servindo especialmente para o MEC. Assim, conseguiremos seguir rumo a mitigar a problemática da evasão escolar, formando uma sociedade cada vez mais humanizada e crítica.

E como o grande sociólogo Pierre Bourdieu diz: “Não há democracia efetiva sem um verdadeiro crítico”. Logo, não buscar de forma ativa meios de permitir a permanência de crianças e adolescentes dentro da escola com um

ensino digno, humano e de qualidade, implica em colocar em risco a democracia do país.

7.4.2 Parâmetros quantitativos para a formulação da porcentagem de probabilidade de evasão escolar por fator de risco:



Para estabelecer as porcentagens para cada fator de risco, pegamos a lista mais atualizada de motivos que levam à evasão escolar pelo documento *Educação brasileira em 2022- A voz dos adolescentes*⁸, realizado pelo UNICEF.

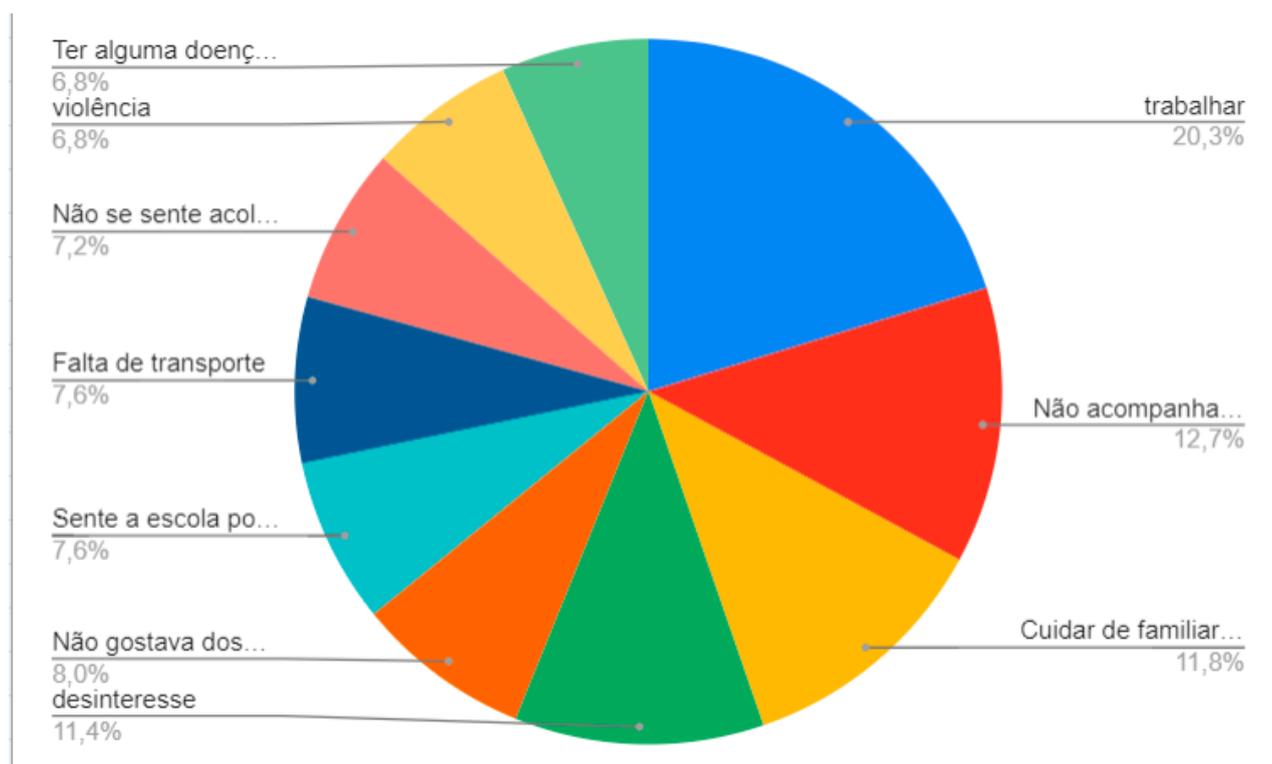
⁸ https://www.unicef.org/brazil/media/20186/file/educacao-em-2022_a-voz-de-adolescentes.pdf

Perceba que ao lado de cada motivo citado que levou ao aluno entrevistado a parar de estudar foi categorizado com os quatro conceitos estabelecidos anteriormente (Capital Econômico, Capital Social, Capital Cultural e Capital de Saúde), sendo a maioria encaixado nas categorias estabelecidas no estudo teórico.

Pegamos os 10 principais fatores (de maior índice) deste documento e estabelecemos um novo gráfico com esse parâmetro. Questões que se assemelhavam foram somadas para uma organicidade mais clara sobre os dados. Assim temos:

	A	B
1	trabalhar	60,48
2	Não acompanha as aulas	37,8
3	Cuidar de familiares em casa	35,29
4	desinteresse	34,02
5	Não gostava dos colegas	23,94
6	Sente a escola pouco útil	22,68
7	Falta de transporte	22,68
8	Não se sente acolhido pela escola	21,42
9	violência	20,16
10	Ter alguma doença ou deficiência	20,16

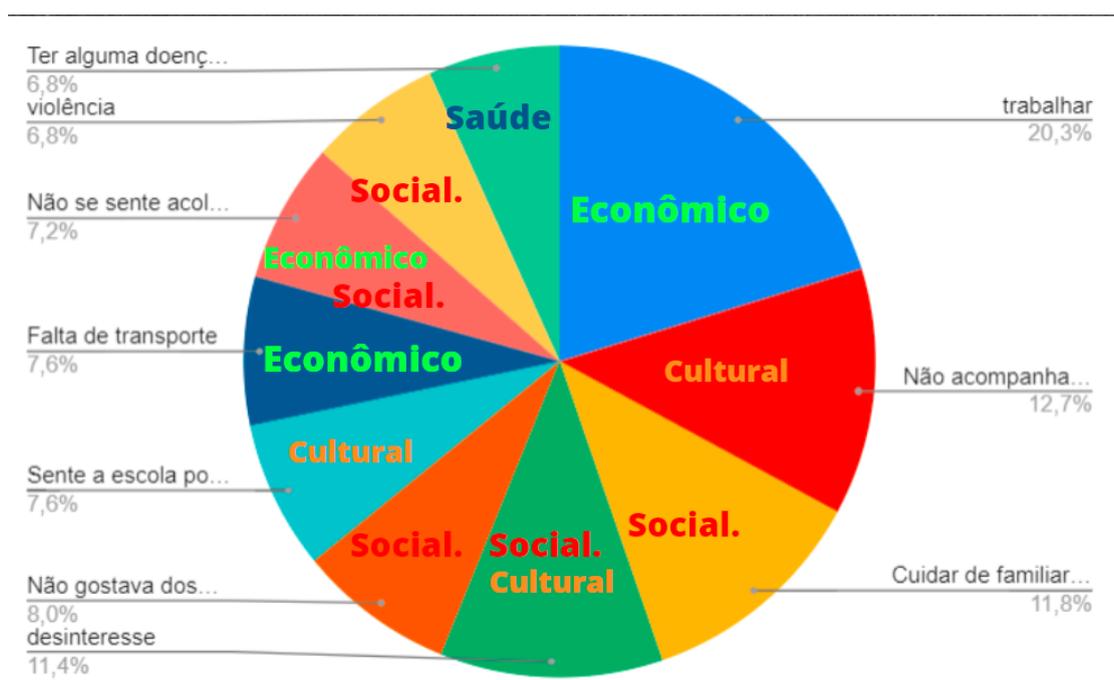
Figura 13: Gráfico dos dez principais motivos de evasão escolar entre 11 e 19 anos em 2022.



Fonte: Autoria própria.

Desse gráfico construído, analisamos a quantidade de categorias que aparecem, e dessa quantidade estabeleceremos uma porcentagem para cada categoria. Assim temos:

Figura 20: Gráfico dos dez principais motivos de evasão escolar entre 11 e 19 anos em 2022 dividido entre as quatro categorias de Capitais estabelecida.



Fonte: Autoria própria.

Pode-se estabelecer como valor a partir dessa divisão do gráfico com uma básica regra de 3, em que 10 (os motivos listados do documento do UNICEF) representam 100%, temos:

- Capital Social: 40%;
- Capital Econômico: 25%;

-Capital Cultural: 25%;

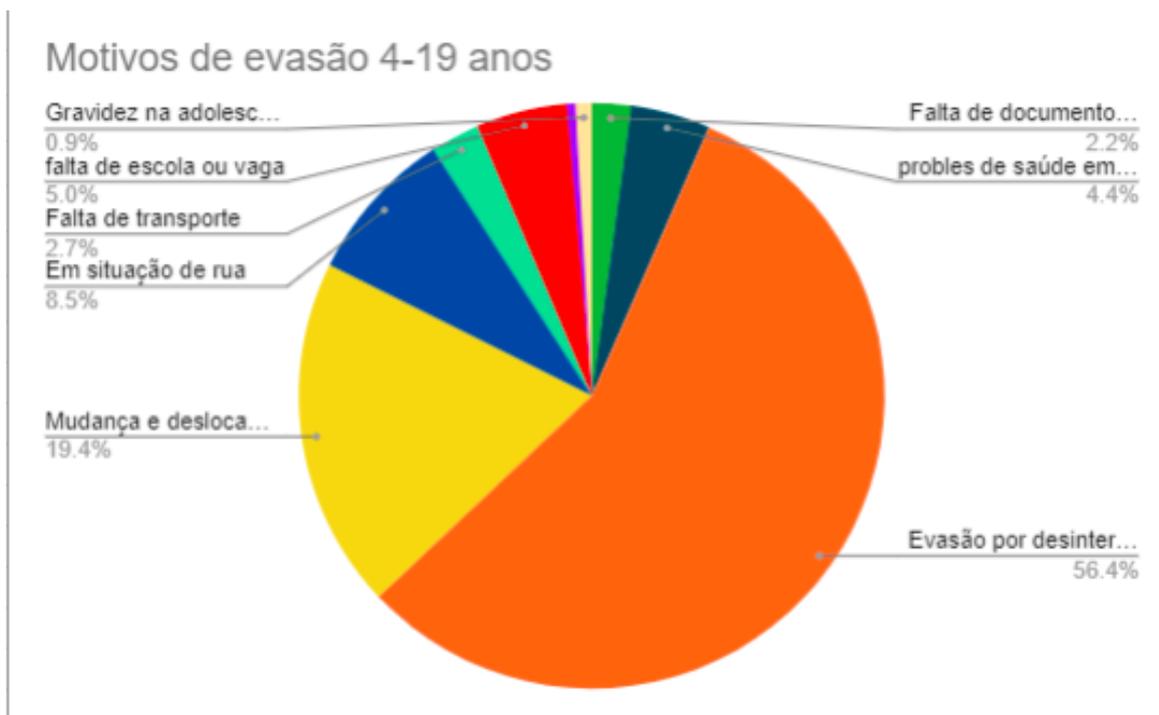
-Capital de Saúde: 10%.

Uma questão interessante que se coincide com um ponto conceitual estabelecido por Pierre Bourdieu quando escreve sobre os capitais, é que a porcentagem de motivos que levam à evasão que estão presentes no gráfico e que se encaixam na categoria de Capital Econômico, tem a mesma porcentagem que o Capital Cultural. Pierre Bourdieu dizia que a escola é a instituição que permite que todo o Capital Econômico se transforme em Capital Cultural. Ou seja, aquele que tem um acúmulo de capital maior, pode e tende a transformar esse acúmulo em acesso à cultura e conhecimento abundante e amplo. Já aquele com um menor acúmulo de capital, tende a ter menos acesso à cultura e saberes que são cobrados na escola. Veja que pode-se compreender que a desigualdade de classes se espelha na desigualdade cultural, e quem permite tal questão é o ambiente escolar. Assim, podemos justificar não só com dados a igualdade nas porcentagem/ pesos na categoria de Capital Cultural e Capital Econômico, como até utilizando o lado conceitual de base teórica Pierre Bourdieu.

Para reafirmar o grande peso que encontramos para o Capital Social, realizamos a mesma metodologia utilizada para construir o gráfico anterior, mas com os dados de evasão escolar atualizados da tão utilizada plataforma do Busca Ativa Escolar⁹. De modo a facilitar o estudo acerca dos motivos de evasão disponibilizados pela plataforma, somamos todos os motivos que tinham raiz semelhante, ou seja, todos os tipos de desinteresse, por exemplo, foram somados seus dados e construída uma única fatia do gráfico. Assim temos:

1		Period 1
2	Falta de documento da criança	5311
3	problemas de saúde em geral	10721
4	Evasão por desinteresse	138121
5	Mudança e deslocamento frequente	47502
6	Em situação de rua	20903
7	Falta de transporte	6644
8	falta de escola ou vaga	12273
9	trabalho infantil	1163
10	Gravidez na adolescência	2213

Em que na tabela estão presentes os motivos com maior casos de evasão escolar apresentados pela plataforma do Busca Ativa Escolar. Da tabela, temos o seguinte gráfico:



Fonte: Autoria própria.

Com esse gráfico, podemos ter uma noção clara de que o principal motivo que é relatado nos casos de evasão escolar é por falta de desinteresse (seja ele pela escola, pelos estudos ou outros), do qual encaixamos na categoria de Capital Social. Construímos essa outra análise, mais ampla, para ter um embasamento mais concreto acerca do alto peso no Capital Social. Com essa análise gráfica, pode-se estabelecer como um importante fator de risco motivos que possam se encaixar na categoria de Capital Social.

Porém, percebemos que talvez dessa maneira não pudesse contemplar tudo. Reformulamos a análise dos dados do UNICEF (2022) e elaboramos o Protocolo de Prevalência. Todos os detalhes inclusive da sua construção estão expostos no próprio Protocolo, que é um documento a parte desta pesquisa.

Aqui, conclui-se uma longa análise sobre a evasão escolar e diversos caminhos para discuti-la e buscar mitigá-la. Pretende-se dar continuidade na pesquisa observando as consequências do Novo Ensino Médio, os impactos da pandemia, e demais políticas que estão a ser criadas para resolver o déficit na educação intensificada pela pandemia do Covid -19. Temos por objetivo encaminhar tal projeto e pesquisa para a Secretaria de Educação com o intuito de fomentar os instrumentos de combate à evasão e abandono escolar no Brasil.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995. Disponível em;

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4179825/mod_resource/content/1/EDUCA%C3%87%C3%83O%20E%20EMANCIPA%C3%87%C3%83O.pdf> Acesso em 07/07/2022.

AGORD, Marta. **Psicanálise das Aprendizagens**: Argumentos (2002). 2002. Tese (Instituto de Psicologia UFRGS) - Instituto de Psicologia UFRGS, [S. l.], 2002. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/psicopatologia/lpa/marta1.htm>> Acesso em 31/03/2021.

AGUIAR, C. T. **Coletânea de textos de psicologia**: Psicologia da educação. Vol.1 São Paulo: HEM/CEFAM, 1997.

ALMEIDA, T. C. O.; OLIVEIRA, C. S. **AS CAUSAS DA EVASÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUA RELAÇÃO COM A VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS**. 2015. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24930_12003.pdf>. Acesso em 22/02/2021.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989. Acesso em: 24/09/2021.

ARENDDT, Hannah. **A crise na educação. Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 221-247. 1ª edição (Between past and future): 1961. Disponível em: http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/hanna_arendt_crise_educacao.pdf Acesso em 18/07/2022.

ARROYO, M. G. Educação e exclusão da cidadania In: BUFFA, Ester. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993. Acesso em: 01/ 08/2022.

BARROS, Amanda K. M. **UMA ANÁLISE SOBRE A EVASÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO**. 2016, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://epds.ufms.br/wp-content/uploads/anaisencontroiepds/pdfs/09089548750.pdf> > Acesso em: 18/05/2022.

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. “Socialização: como ser um membro da sociedade”. In: FORACCHI, Marialice M.; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia; Conceitos fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1977. p. 204. Acesso em 25/04/2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990**: Texto compilado Vigência (Vide Lei nº 13.869, de 2019) Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm> Acesso em 24/04/2021.

BRASIL. **Decreto Nº 11.079, de 23 DE MAIO DE 2022**. Institui a Política Nacional para Recuperação das Aprendizagens na Educação Básica. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-11.079-de-23-de-maio-de-2022-402040949> Acesso em: 27/10/2022.

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista: A degradação do trabalho no século XX**. 3º ed. Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2018/08/Trabalho-e-For%C3%A7a-de-Trabalho.-Harry-Braverman.pdf> >. Acesso em: 19/05/2022.

BOURDIEU, Pierre. **O capital social**. Em NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs.) **Escritos de Educação**. 4ª ed., Petrópolis, RJ : Vozes, 2002. Disponível em <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-Escritos-de-educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso em: 15/12/2022.

Busca Ativa Escolar, UNICEF. 2020. Brasil. disponível em: https://buscaativaescolar.org.br/campanha/ficha/ficha_sao_paulo.pdf. <https://buscaativaescolar.org.br/municipios> Acesso em 12/04/2022.

CAZELLI, Sibeles. **CIÊNCIA, CULTURA, MUSEUS, JOVENS E ESCOLA: QUAL A RELAÇÃO?** 2005. Tese (DOUTOR EM CIÊNCIAS HUMANAS - EDUCAÇÃO), PUC-RIO - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro. Revista PUC- RIO. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=especifico&nrSeq=7122@1> > Acesso em: 05/12/2022.

CETIC.BR, 2020. **Portal de dados/ TIC- EDUCAÇÃO.** Disponível em: https://data.cetic.br/explore/?pesquisa_id=7&unidade=Escolas%20urbanas%20e%20rurais Acesso em: 28/10/2022.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre. 2000. Acesso em: 14/06/2022.

COELHO, E. B. S.; SILVA, A. C. L. G.; LINDNER, S. R. **Violência: definições e tipologias.**- [recurso eletrônico] / Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. 32 p. Acesso em: 16/07/2022.

CORTELLA, Mário. **Mário Sérgio Cortella falando sobre o papel da família na educação dos filhos.** Brasil: Programa EPC da Rádio Catve 91,7 FM, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/bF0yKlpK2So>. > Acesso em: 21/08/2021.

COSTA, J. J. S. **A EDUCAÇÃO SEGUNDO PAULO FREIRE:** uma primeira análise filosófica. 2015. Disponível em: <https://www.theoria.com.br/educacao18/06182015RT.pdf> > Acesso em 23/02/2021.

COVEY, Stephen R. **Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes:** miniedição- tradução: Cláudia Gerpe Duarte. 7º ed. Rio de Janeiro, 2011. Acesso em 15/07/2022.

DA SILVEIRA RIBEIRO, Elisabete; SILVEIRA AZEVEDO, Michele; GONÇALVES SAGGIOMO, Thais; AZEVEDO VIEIRA, Bruno; SILVEIRA RIBEIRO, Lory. **Breve história da educação.** Brasil, 21 nov. 2017. Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/breve-historia-da-educacao> > Acesso em: 24/08/2021.

DE ABREU SOUSA, Antonia. Et al. **Evasão escolar no ensino médio: velhos ou novos dilemas?**. Vértices (RJ). Volume 13, nº. 1, p. 25-36, 2011. Acesso em: 30/07/2022.

DESSEN, Maria A.; POLONIA, Ana C. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/dQZLxXCSTNbWg8JNGRcV9pN/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 15/04/2021.

EDUCAÇÃO, In Michaelis, 2021, Brasil. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/educa%C3%A7%C3%A3o/>> Acesso em 18/03/2021.

FIGUEIREDO, N. G. da S.; SALLES, D. M. R. **Educação Profissional e evasão escolar em contexto: motivos e reflexões**. 2015, Niterói, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/Bw8WKpzdP3w8qn5zL68C3sq/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 28/04/2022.

FREIRE, Paulo. **Palestra realizada no auditório do CDCC em 22 de novembro de 1994**, patrocinada pelo IFSC-USP e Escola Educativa. Disponível em: <https://youtu.be/2C518zxDAo0> Acesso em 17/10/2021.

FREIRE, Paulo. **Papel da Educação na Humanização**. Revista Paz e Terra, São Paulo, n.9, p. 123-132, out.1969. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1127> > Acesso em 21/04/2021.

GIORDANI, J. P.; SEFFNER, F.; DELL' AGLIO, D.D.; **Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública**. 2017. Porto Alegre, RS. Acesso em: 16/07/2022.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Porto Alegre, L & PM, 2011. Acesso em 14/07/2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro** de 2018, 2019, 2020, 2021; Censo escolar. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (**Ideb**). Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Série Documental, 2019, 2020, 2021. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/brasil/ideb> Acesso em 12/04/2022.

INEP- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar**, 2019, 2020. Disponível em: <https://buscaativaescolar.org.br/municipios> Acesso em 12/04/2022.

KUENZER, Acácia Z. **PEDAGOGIA DA FÁBRICA: AS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO E A EDUCAÇÃO DO TRABALHADOR**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.

LANGNER, A. L. **Evasão escolar nos anos finais do ensino fundamental: fatores de risco e de proteção**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=76451&idprograma=40001016001P0&anobase=2022&idtc=1799> >Acesso em: 01/12/2022.

LEANDRO KARNAL, **jornada da Educação [Educação e Sociedade relação Homem e Mundo]**. Brasil: [s. n.], 2016. Disponível em: <https://youtu.be/WzMybslfECg> .> Acesso em: 10/04/2021.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. **Educação bancária: uma questão filosófica de aprendizagem**. UFRJ, Rio de Janeiro, RJ., 2011. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Lins-Educacao_bancaria.pdf Acesso em: 10/07/2022.

MARTINS, Custódia A. A. **A Pedagogia de Jean-Jacques Rousseau: Práxis, Teoria e Fundamentos**. Universidade do Minho Instituto de Educação e Psicologia, 2008. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9150/4/tese_final.pdf> Acesso em 01/05/2022.

MOSÉ, Viviane. **A espécie que sabe: Do Homo Sapiens à crise da razão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=sQGcDwAAQBAJ

https://www.fundaj.gov.br/pt2/dq=homo+sapiens&ots=_pUcq1TV0x&sig=j3pkAkrCL6RBGPcCrGx2FK4-co10#v=onepage&q&f=false > Acesso em 04/07/2022.

MURATA, M. P. F. e MURATA, A. T. **Educação em Direitos Humanos: Públicos da Desigualdade Social**. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2014. Acesso em: 16/07/2021.

MONTEIRO, V. B.; ARRUDA, E. F. **O impacto da violência urbana nos indicadores de evasão escolar na Região Metropolitana de Fortaleza**. Fortaleza, Ceará. 2011. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area3/area3-artigo19.pdf> Acesso em: 10/09/2022.

PROVOCA, TV Cultura, **Provocações-Rubens Alves**. YouTube, 03/05/2011. Disponível em: < <https://youtu.be/VASben3f4GM> > Acesso em 03/02/2022.

Q-Edu, **Questionário dos Diretores SAEB 2021**. Brasil. Disponível em: <https://gedu.org.br/questionarios-saeb/diretores/7-brasil> Acesso em 30/10/2022.

QUEIROZ, Lucileide Domingos. **Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar na inclusão escolar**. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - Anpad. 2001. Disponível em: < UM ESTUDO SOBRE A EVASÃO ESCOLAR - PARA PENSAR NA EVASÃO ESCOLAR.pdf >. Acesso em 08/04/2022.

RANKING DE COMPETITIVIDADE DOS ESTADOS. 2021, São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://www.rankingdecompetitividade.org.br/sudeste/sp/ranking-geral/nota-do-pilar?year=2021> Acesso em 12/04/2022.

SALES, P. E. N.; CASTRO, T. L.; DORE, R. **Educação profissional e evasão escolar: estudo e resultado parcial de pesquisa sobre a rede federal de educação profissional e tecnológica de Minas Gerais**. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E EVASÃO ESCOLAR, 3., 2013, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Rimepes, 2013. Acesso em: 30/10/2021.

SERENNA, Nathalia. **História da Educação no Mundo e no Brasil**. In: Jusbrasil. Brasil, 2018. Disponível em:

<https://serenna.jusbrasil.com.br/artigos/605451719/historia-da-educacao-no-mundo-e-no-brasil> >Acesso em: 7/04/2021.

SILVA, A. F.; CASTRO, A. L. B.; BRANCO, M. C. M. C. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: deficiência física**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/deffisica.pdf>> Acesso em: 12/06/2022.

SILVA Filho, R. B.; ARAÚJO, R. M. de L. **Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências**. 2017, Educação Por Escrito. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/2179-8435.2017.1.24527> . Acesso em 04/04/2022.

SOUZA, J. F.; NÓBREGA, A. C. S.; AMORIM, B.M.O. **Evasão escolar e psicologia educacional: reflexão sobre a realidade brasileira**. Disponível em: <[artigo EVASÃO ESCOLAR E PSICOLOGIA EDUCACIONAL.pdf](#)> Acesso em 24/02/2021.

SZADKOSKI, C. M. A. **Violência nas escolas: causas e consequências**. In: Almeida, M. da G. B. (Org.). A violência na sociedade contemporânea. Porto Alegre, 2010. Acesso em: 20/05/2022.

UNESCO.UIS, **QUAL É O PRÓXIMO? Lições sobre recuperação educacional**. Brasil, 7 ago. 2021. Disponível em: <http://uis.unesco.org/en/news/whats-next-lessons-education-recovery> > Acesso em: 28/08/2021.

UNICEF, **Cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um alerta sobre os impactos da pandemia da COVID-19 na Educação**. Abril, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf> Acesso em 27/07/2022.

VESCHI, Benjamin. **ETIMOLOGIA: Origem do conceito**. Brasil: Benjamin Veschi, 1998 — 2019. Disponível em: <<https://etimologia.com.br/educacao/>> Acesso em 24/03/2021.

9. Anexos:



ALEF PERETZ

FORMULÁRIO PARA PESQUISA COM SERES HUMANOS OU COM SERES NÃO HUMANOS

PARA USO DOS ALUNOS PESQUISADORES

Título do projeto: Evasão escolar e a desumanização: um estudo à luz do pensamento de Paulo Freire.

Alunos pesquisadores: Kamylla Gontijo de Melo.

Orientador: Prof. Dr. Ednilson Aparecido Quarenta.

Área de estudo:

1. Foi submetido ao Comitê de Revisão Interna da Escola Alef Peretz o termo de consentimento livre e esclarecido a ser entregue aos sujeitos da pesquisa.
2. Foram submetidos ao Comitê de Revisão Interna da Escola Alef Peretz quaisquer questionários a serem usados na pesquisa, e qualquer instrumento de coleta já existente ou publicado em outras pesquisas foi obtido legalmente.
3. O trabalho está sendo acompanhado por um especialista, além do(a) orientador(a)
4. O trabalho apresenta:
 - risco mínimo (não há coleta de dados sensíveis ou informações sigilosas nem há riscos para a saúde ou a segurança dos sujeitos)
 - risco acima do mínimo - especificar:

PARA USO DO COMITÊ REVISÃO INTERNA (CRI)

O projeto de pesquisa está *aprovado* com as seguintes condições:

1. Concordância escrita de menores de idade: Sim Não
2. Permissão escrita dos pais/responsáveis de menores de idade: Sim Não
3. Consentimento informado de indivíduos com 18 anos ou mais: Sim Não
4. Outras condições:

ASSINATURAS DO COMITÊ DE REVISÃO INTERNA (CRI)

Eu atesto que revisei o projeto dos(as) alunos(as) e ratifico as determinações mencionadas acima.

Profissional da Saúde Mental ou da Medicina	
Nome e formação	Assinatura e data da aprovação
Aline Leite Barreto- Psicóloga e Coordenadora Pedagógica	<i>Aline Leite Barreto</i>
Administrador/Representante da Escola	
Nome e formação	Assinatura e data da aprovação
Rogério Giorgion – Diretor	<i>Rogério Giorgion</i>
Educador	
Nome e formação	Assinatura e data da aprovação
Nancy Neri da Conceição–Professora de História	<i>Nancy Neri da Conceição</i>

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA PRESENCIAL

Título do projeto: Evasão escolar e a desumanização: um estudo à luz do pensamento de Paulo Freire.

Alunos pesquisadores: Kamylla Gontijo de Melo.

Orientador: Prof. Dr. Ednilson Aparecido Quarenta.

Área de estudo: Ciências Humanas

Objetivos do projeto: Mitigar os fatores que contribuem para a Evasão Escolar no Ensino Médio das Escolas Públicas.

Se você participar, terá de: Responder a um questionário que procura identificar a prevalência à evasão escolar.

Tempo necessário para a participação: 10 minutos.

Riscos: Não há.

Benefícios: Contribuir com uma pesquisa científica em prol da educação do nosso país.

Como a confiabilidade será mantida: Nenhum nome, imagem ou informação pessoal será revelada na elaboração do relatório de pesquisa.

Esta coleta de dados foi aprovada pelo Comitê de Revisão Interna da escola Alef Peretz.

Se você tiver qualquer dúvida sobre esta pesquisa, poderá contatar o(a) orientador(a)

Nome do orientador(a): Ednilson Aparecido Quarenta

Telefone/e-mail: (11) 99236-5105 edquarenta@gmail.com

Ao assinar este formulário, você atesta que leu e entendeu as informações acima e que livremente dá seu consentimento/concordância para sua participação.

Consentimento de adulto ou concordância de menor de idade

Nome do sujeito da pesquisa:

Data: ___/___/___

Assinatura: _____

Permissão dos pais ou responsáveis

Nome do pai/ mãe/ responsável:

Data: __/__/__

Assinatura: _____